

CAROLINA DOMLADOVAC SILVA

**UM ESTUDO LÉXICO-SEMÂNTICO SOBRE A FARMACOPEIA DO
BRASIL COLONIAL EM DOCUMENTOS DO SÉCULO XVIII**



CAROLINA DOMLADOVAC SILVA

**UM ESTUDO LÉXICO-SEMÂNTICO SOBRE A FARMACOPEIA DO
BRASIL COLONIAL EM DOCUMENTOS DO SÉCULO XVIII**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estudos do Léxico

Orientador: Prof^a. Dr^a. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

Bolsa: CAPES/ PROEX

ARARAQUARA – S.P.
2022

D672e

DOMLADOVAC-SILVA, Carolina

Um estudo léxico-semântico sobre a farmacopeia do Brasil Colonial em documentos do século XVIII / Carolina DOMLADOVAC-SILVA.

-- Araraquara, 2022

190 p. : il.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientadora: Clotilde de Almeida Azevedo MURAKAWA

1. Ciências do Léxico. 2. Lexicografia/ Lexicologia. 3. Lexicografia de Especialidade. 4. Vocabulário especializado. 5. Medicina tropical.

I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CAROLINA DOMLADOVAC SILVA

UM ESTUDO LÉXICO-SEMÂNTICO SOBRE A FARMACOPEIA DO BRASIL COLONIAL EM DOCUMENTOS DO SÉCULO XVIII

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/ Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estudos do Léxico

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

Bolsa: CAPES/ PROEX

Data da defesa: 31/05/2022

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa
Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/ Araraquara.

Membro Titular: Prof. Dr. Odair Luiz Nadin da Silva
Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/ Araraquara.

Membro Titular: Profa. Dra. Regiani Aparecida Santos Zacarias
Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/ Araraquara.

Membro Titular: Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
Universidade Federal de Minas Gerais.

Membro Titular: Profa. Dra. Soélis Teixeira do Prado Mendes
Universidade Federal de Ouro Preto.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

*À Nina,
o ressignificado de minha vida.*

*Ao Fernando,
pelo amor e pelo carinho.*

AGRADECIMENTOS

A meus pais pelos valores transmitidos, pelo incentivo e pelas oportunidades oferecidas;

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa, pelo apoio e compreensão diante de tempos difíceis, além do estímulo ao fazer lexicográfico;

À Prof^a. Dr^a. Maria Tereza Camargo Biderman (*in memoriam*) pela inspiração e pelo legado nos estudos do léxico;

Aos professores da Pós-graduação pelos cursos ministrados e pelo conhecimento compartilhado: Profa. Dra. Maria Cristina Parreira da Silva e Profa. Dra. Angélica Karim Simão Garcia (IBILCE), Prof. Dr. Odair Luiz Nadin da Silva (FCLAr), Profa. Dra. María Teresa Fuentes Morán (Universidad de Salamanca), Prof. Dra. Regiani Aparecida Santos Zacarias (UNESP-Assis), Prof. Dr. Daniel Soares da Costa (FCLAr), Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck (FCLAr), Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli (FCLAr);

Às colegas Amanda, Mayara, Gabriela e Mariana por me incentivarem com suas experiências de trabalho e de vida;

Às amigas Ana Paula, Fernanda e Mariana pelo exemplo de determinação, disciplina e caráter, para além de nossa amizade duradoura;

À amiga Suely por toda a ajuda e acolhimento;

Aos funcionários da Biblioteca da FCLAr-UNESP pela ajuda precisa quando da localização e empréstimo de livros e pela assessoria técnica;

À Seção de Pós-graduação pelo atendimento solícito e pelas informações precisas;

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, Número do Processo 88882.329984/2019-01.

*Todas as coisas do mundo não cabem numa palavra.
Mas tudo cabe numa palavra, esta palavra tudo.*

(ANTUNES, 2002, p. 24-25)

RESUMO

A presente tese visa à sistematização e à organização das informações e do conhecimento relativo à farmacopeia empregada no tratamento e na cura das enfermidades que acometiam a população do Brasil Colonial (século XVIII) em um vocabulário de especialidade. Na primeira seção, apresenta-se o contexto histórico referente ao ciclo do ouro nas Minas Gerais, além das obras escolhidas para compor o *corpus* que se presta à leitura, à extração e à seleção das unidades lexicais especializadas. Observa-se ainda a prática médica e as estratégias de cura exercidas pelos cirurgiões-barbeiros para tratar os enfermos na época. Encontram-se, na segunda seção, as teorias linguísticas, mais especificamente voltadas aos Estudos do Léxico, das quais se vale este trabalho. Na terceira seção, expõe-se o processo de extração e seleção das unidades lexicais referentes ao domínio estudado. Verificam-se as unidades lexicais coligadas e analisam-se as mesmas pelas perspectivas qualitativa e quantitativa. Na quarta seção, organiza-se a macroestrutura do vocabulário da farmacopeia em campos lexicais, sistematizam-se e estruturam-se os verbetes para o protótipo de um vocabulário especializado. Elaboram-se, a partir de recortes do discurso médico do século XVIII, as definições para tais verbetes. A organização da nomenclatura deste vocabulário segue dois critérios: uma proposta para a estruturação conceitual do domínio estudado e um índice alfabético. Em relação à microestrutura do vocabulário, apresentam-se a classe gramatical, as possíveis variantes da palavra-entrada, as definições organizadas, além de exemplos extraídos do *corpus*. Finalmente, na quinta seção, encontra-se a análise léxico-semântica das unidades lexicais especializadas que designam os simplices utilizados para tratar as doenças que se manifestavam na pele da população brasileira. Considera-se que além de contribuição para as áreas de Estudos do Léxico, este trabalho seja também relevante nas áreas de História, Saúde, Ciências Médicas e afins.

Palavras-chave: Lexicografia de Especialidade. Vocabulário especializado. Brasil Colonial. Campos lexicais. Medicina tropical.

ABSTRACT

The present thesis aims at the systematization and organization of information and knowledge related to the pharmacopoeia used in the treatment and cure of diseases that affected the population of Colonial Brazil (18th century) in a specialized vocabulary. In the first section, the historical context referring to the gold cycle in Minas Gerais is presented, in addition to the works chosen to compose the corpus that lends itself to reading, extraction and selection of specialized lexical units. It is also possible to observe the medical practice and the healing strategies used by barber-surgeons to treat the sick at the time. In the second section, there are the linguistic theories, more specifically focused on Lexicon Studies, which this thesis makes use of. In the third section, the process of extraction and selection of lexical units referring to the studied domain is exposed. The lexical units collected are verified and analyzed from a qualitative and quantitative perspective. In the fourth section, the macrostructure of the pharmacopoeia vocabulary is organized into lexical fields; the entries are systematized and structured for the prototype of a specialized vocabulary. Based on excerpts from the medical discourse of the 18th century, the definitions for such entries are elaborated. The organization of the nomenclature of this vocabulary follows two criteria: a proposal for the conceptual structuring of the studied domain and an alphabetical index. Regarding the vocabulary microstructure, are presented the grammatical class, the possible variants of the input word, the organized definitions, in addition to examples extracted from the corpus. Finally, in the fifth section, there is the lexical-semantic analysis of the specialized lexical units that designate the plants used to treat the diseases that manifested in the skin of the Brazilian population. It is considered that in addition to contributing to the areas of Lexicon Studies, this work is also relevant in the areas of History, Health, Medical Sciences and other similar areas.

Keywords: Specialized Lexicography. Specialized vocabulary. Colonial Brazil. Lexical fields. Tropical medicine.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|-----------------|--|-----|
| Figura 1 | Folha de rosto da obra <i>Erário Mineral</i> | 28 |
| Figura 2 | Folha de rosto da obra <i>Prodigiosa Lagoa</i> | 30 |
| Figura 3 | Folha de rosto da obra <i>Governo de Mineiros</i> | 32 |
| Figura 4 | Exemplo de uma lista de palavras (<i>Word List</i>) gerada pelo <i>AntConc</i> | 50 |
| Figura 5 | Pré-seleção das unidades lexicais de especialidade | 56 |
| Figura 6 | Legenda das obras de apoio | 56 |
| Figura 7 | Campos lexicais para o vocabulário da farmacopeia | 68 |
| Figura 8 | Hierarquia entre os campos lexicais considerados no protótipo | 100 |

LISTA DE QUADROS

| | | |
|-------------------|---|----|
| Quadro 1 | Divisão da obra <i>Erário Mineral</i> | 61 |
| Quadro 1.1 | Contextos extraídos da obra <i>Erário Mineral</i> para abonar as unidades lexicais recolhidas nos títulos dos tratados | 62 |
| Quadro 2 | Divisão da obra <i>Prodigiosa Lagoa</i> | 62 |
| Quadro 2.1 | Contextos selecionados na obra <i>Prodigiosa Lagoa</i> para abonar as unidades lexicais recolhidas no título e no subtítulo da mesma | 63 |
| Quadro 3 | Divisão da obra <i>Governo de Mineiros</i> | 63 |
| Quadro 3.1 | Contextos selecionados em <i>Governo de Mineiros</i> para abonar as unidades lexicais recolhidas nos títulos em que se dividem a obra | 64 |
| Quadro 4 | Unidades lexicais de especialidade distribuídas em campos lexicais | 69 |
| Quadro 5 | Modelo de verbete para o vocabulário da farmacopeia | 99 |
| Quadro 6 | Exemplo de verbete do vocabulário da farmacopeia | 99 |

LISTA DE ILUSTRAÇÕES BOTÂNICAS

| | | |
|----------------------|--|-----|
| Ilustração 1 | Abútua (<i>Chondodendron platyphyllum</i> (St. Hil.) Myers) | 113 |
| Ilustração 2 | Alfavaca (<i>Ocimum nudicaule</i> Benth.) | 115 |
| Ilustração 3 | Alecrim (<i>Rosmarinus officinalis</i> L.) | 116 |
| Ilustração 4 | Açafrão (<i>Crocus sativus</i> L.) | 118 |
| Ilustração 5 | Alcatira (<i>Astracantha gummifera</i> Labill.) | 126 |
| Ilustração 6 | Alho (<i>Allium sativum</i> L.) | 127 |
| Ilustração 7 | Alho-porro (<i>Allium porrum</i> L.) | 129 |
| Ilustração 8 | Aliária (<i>Alliaria petiolata</i> M. Bieb.) | 130 |
| Ilustração 9 | Arruda (<i>Ruta graveolens</i> L.) | 131 |
| Ilustração 10 | Almeirão-silvestre (<i>Chicorium intybus</i> L.) | 133 |
| Ilustração 11 | Azeda (<i>Rumex acetosa</i> L.) | 134 |
| Ilustração 12 | Aristolóquia (<i>Aristolochia elegans</i> Mast.) | 138 |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO | 14 |
| 1 APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i> | 18 |
| 1.1 <i>Banco de Dados do DHPB</i> | 19 |
| 1.2 O Brasil Colonial no século XVIII | 21 |
| 1.2.1 O ciclo do ouro | 21 |
| 1.2.2 A prática médica e os cirurgiões-barbeiros | 23 |
| 1.2.2.1 Os Tratados Médicos | 26 |
| 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS | 35 |
| 2.1 Léxico e Ciência | 36 |
| 2.1.1 Vocabulário de Especialidade | 40 |
| 2.1.2 Lexicografia de Especialidade <i>versus</i> Terminografia | 42 |
| 2.2 A teoria dos campos lexicais | 44 |
| 3 METODOLOGIA | 47 |
| 3.1 Extração e seleção das unidades lexicais de especialidade | 48 |
| 3.1.1 Análise quantitativa | 55 |
| 3.1.2 Análise qualitativa | 60 |
| 4 ORGANIZAÇÃO DO VOCABULÁRIO DE ESPECIALIDADE | 66 |
| 4.1 Os campos lexicais para o vocabulário da farmacopeia | 67 |
| 4.2 O protótipo do “Vocabulário da farmacopeia nas Minas Gerais do Brasil Colonial” | 98 |
| 4.2.1 Amostra do “Vocabulário da farmacopeia nas Minas Gerais do Brasil Colonial” | 100 |
| 5 ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA DAS UNIDADES LEXICAIS QUE DESIGNAM SÍMPLICES | 109 |
| 5.1 Os símplies | 110 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 158 |
| REFERÊNCIAS | 161 |
| APÊNDICE A – Nomenclatura | 171 |
| APÊNDICE B – Índice alfabético | 189 |

INTRODUÇÃO

Nosso interesse pelas Ciências do Léxico deu-se enquanto participante do projeto do *Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII* (BIDERMAN; MURAKAWA, 2021) – o DHPB, no Laboratório de Lexicografia da FCLAr/ UNESP – campus de Araraquara.

A curiosidade a respeito da história do Brasil e o interesse pela teoria lexicográfica direcionaram-nos à pesquisa de Mestrado, intitulada “O léxico das enfermidades na obra *Erário Mineral* (1735), de Luís Gomes Ferreira”; e à presente pesquisa de Doutorado, “Um estudo léxico-semântico sobre a farmacopeia no Brasil Colonial em documentos do século XVIII”. Consequentemente, a aproximação a textos históricos motivou-nos à organização de um conjunto vocabular particular, o da Farmácia e da Cirurgia. Os remédios simples encontrados e receitados por cirurgiões-barbeiros para tratar os enfermos no século XVIII aguçaram-nos ainda mais o interesse por esta área do conhecimento.

A escolha do *corpus*, bem como o tratamento lexicográfico das unidades lexicais, resulta dessa experiência adquirida tanto na realização do DHPB quanto no curso de Mestrado. Os documentos *Erário Mineral* (FERREIRA, 1735), *Prodigiosa Lagoa descoberta nas Congonhas das Minas do Sabará, que tem curado a varias pessoas dos achaques, que nesta Relação se expõem* (MIRANDA, 1749), e *Governo de mineiros, mui necessário para os que vivem distantes de professores seis, oito, dez e mais léguas, padecendo por essa cauza os seus domésticos e escravos queixas, que pela dilaçam dos remédios se fazem incuráveis, no mais das vezes mortais* (MENDES, 1770)¹ constituem nosso *corpus* de estudo, a partir do qual coligimos, organizamos e analisamos as unidades lexicais que designam remédios, instrumentos e tratamentos empregados nas enfermidades que acometiam a população das Minas, no século XVIII.

Uma vez que descobrimos em tais obras verdadeira riqueza de informações acerca das doenças e das possíveis formas de cura experimentadas pela medicina tropical praticada na época, escolhemos trabalhar com o léxico relativo à farmacopeia e realizar um estudo léxico-semântico de parte das unidades lexicais especializadas listadas na nomenclatura do vocabulário da farmacopeia.

¹ Obras constantes do *Banco de Dados do DHPB*: FERREIRA, Luís Gomes. *Erário Mineral*. Lisboa Occidental: Oficina de Miguel Rodrigues, 1735; MENDES, José Antonio. *Governo de mineiros, mui necessário para os que vivem distantes de professores seis, oito, dez e mais léguas, padecendo por essa cauza is seus domésticos e escravos queixas, que pela dilaçam dos remédios se fazem incuráveis, no mais das vezes mortais*. Oferecido ao Senhor Coronel Antonio Soares Brandão, cirurgião da Câmara de Sua Majestade Fidelíssima e Fidalgo de sua Casa, Cirurgião-mor dos Reinos, seus domínios e exércitos. Lisboa: Oficina de Antonio Roiz Galhardo, 1770; MIRANDA, João Cardoso de. *Prodigiosa Lagoa descoberta nas Congonhas das Minas do Sabará, que tem curado a varias pessoas dos achaques, que nesta Relação se expõem*. Lisboa: Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1749.

Por meio do discurso cirúrgico-farmacêutico do século XVIII, buscamos contextualizar as unidades lexicais descritas no protótipo do “Vocabulário da farmacopeia nas Minas Gerais do Brasil Colonial”, constante da quarta seção deste trabalho, posto que o léxico de uma língua traduza parte de sua cultura. Ademais, os exemplos extraídos do *corpus* provam a existência, à época, de uma preocupação em relação à saúde da população.

O objetivo geral desta pesquisa é, portanto, organizar um estudo léxico-semântico de viés cultural, relativo ao vocabulário da cura utilizada no tratamento das enfermidades que se manifestavam nas regiões mineradoras do Brasil Colonial, a partir de um *corpus* representativo da realidade linguística da época, abordando a problemática existente entre a Lexicografia Especializada e a Terminologia/ Terminografia.

Os objetivos específicos são:

- i. Elaborar um vocabulário especializado relativo à farmacopeia referente ao contexto da mineração, especificamente no século XVIII;
- ii. Organizar o vocabulário da farmacopeia em campos lexicais;
- iii. Relacionar o discurso médico do século XVIII ao discurso médico atual, a partir da análise léxico-semântica das unidades lexicais especializadas;
- iv. Desenvolver reflexões científicas a respeito das divergências e congruências entre os conceitos de Lexicografia e de Terminologia, em especial entre Lexicografia de Especialidade e Terminografia;

Na primeira seção de nosso trabalho, apresentamos o *Banco de Dados do DHPB*, de onde foram retirados os fragmentos das obras. Discorreremos ainda sobre o contexto histórico relativo ao *corpus* de estudo, bem como sobre aspectos biográficos de seus autores, sua prática médica, e os Tratados Médicos por eles oferecidos. Além disso, contamos com o aporte teórico das Ciências do Léxico, mais especificamente da Lexicografia de Especialidade, melhor descritas na segunda seção desta tese. Apresentamos, na mesma seção, o modelo teórico dos campos lexicais – construído por Coseriu (1977) – utilizado para a organização da macroestrutura do vocabulário especializado.

A metodologia de nossa pesquisa encontra-se exposta na terceira seção deste trabalho, em que se justificam os recortes lexicográficos efetuados, tendo em vista a grande quantidade de unidades lexicais especializadas que designam elementos da farmacopeia encontradas no *corpus*, tanto para o protótipo de vocabulário como para o estudo semântico.

Podemos verificar os resultados de nossa pesquisa na quarta seção deste trabalho, na qual alocamos o protótipo do “Vocabulário da farmacopeia nas Minas Gerais do Brasil

Colonial”, bem como na quinta seção, em que apresentamos a análise semântica das unidades assinaladas.

Acreditamos que nossa pesquisa possa contribuir não somente com as áreas dos Estudos do Léxico, mas também revelar parte da trajetória de algumas ciências, como História, Saúde, Ciências Farmacêuticas, Ciências Médicas e afins, por meio do contexto do Brasil Colonial.

APRESENTAÇÃO DO *CORPUS*

Nesta seção, apresentamos o *corpus* de análise utilizado no desenvolvimento de nossa pesquisa. Primeiramente, mostramos informações a respeito da organização e da elaboração do *Banco de Dados do Dicionário Histórico do Português do Brasil - séculos XVI, XVII e XVIII* – doravante *Banco de Dados do DHPB* –, no qual está contido o conjunto de textos escolhido como objeto de nosso estudo, a saber, três documentos publicados no século XVIII, os primeiros tratados de Medicina escritos no Brasil:

- i. *Erário Mineral* (1735), de Luís Gomes Ferreira,
- ii. *Prodigiosa Lagoa descoberta nas Congonhas das Minas do Sabará, que tem curado a varias pessoas dos achaques, que nesta Relação se expõem* (1749), de João Cardoso de Miranda,
- iii. *Governo de mineiros, mui necessário para os que vivem distantes de professores seis, oito, dez e mais léguas, padecendo por essa cauza os seus domésticos e escravos queixas, que pela dilaçam dos remédios se fazem incuráveis, no mais das vezes mortais* (1770), de José Antonio Mendes.

Também discorreremos a respeito de cada obra, contextualizando-as do ponto de vista do momento histórico e social, e apresentamos alguns fatos sobre a vida dos autores e suas experiências na qualidade de cirurgiões-barbeiros que faziam uso de uma medicina empírica e mais popular.

Reunimos os aspectos históricos relativos ao Brasil Colonial, mais precisamente no século XVIII, abarcados pelos textos, e tratamos da atividade mineradora nas Minas Gerais do final do século XVII e início do século XVIII, que caracterizou o chamado “ciclo do ouro”.

Discorreremos ainda sobre a prática médica aplicada à época bem como sobre os cirurgiões-barbeiros e seu ofício, enquanto profissionais indispensáveis às condições de vida na Colônia. Por fim, comentamos os primeiros tratados médicos escritos no Brasil – obras elaboradas por tais profissionais.

1.1 Banco de Dados do DHPB

O *Banco de Dados do DHPB* foi desenvolvido sob a coordenação da Prof^a. Dr^a. Maria Tereza Camargo Biderman e da Prof^a. Dr^a. Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa e possui caráter histórico-documental.

Sua construção estabeleceu-se como condição necessária à elaboração do *Dicionário Histórico do Português do Brasil - séculos XVI, XVII e XVIII* (CNPq) (BIDERMAN; MURAKAWA, 2021) – doravante DHPB. Abrangendo um conjunto representativo dos mais

variados gêneros de textos escritos que remontam aos três séculos do período colonial brasileiro, essa base de dados documenta a língua portuguesa dessa época bem como parte da história da colonização portuguesa no Brasil. Tal conteúdo permitiu a elaboração de 10.470 verbetes, em que toda definição lexicográfica é acompanhada de exemplos abonados, o que torna a obra um documento comprobatório da língua em uso.

Partindo do pressuposto de que “o *corpus* deve ter uma configuração que permita que ele seja reutilizável, podendo servir a outras pesquisas, além daquela para que foi inicialmente concebido” (BIDERMAN, 2001b, p. 80), essa extensa base de dados, tal como foi idealizada, oferece-se a outros recortes. Não só nossa pesquisa como diversos outros trabalhos têm sido desenvolvidos com base no *Banco de Dados do DHPB*¹.

A construção do banco de dados, mediante modelo informatizado, iniciou-se a partir da coleta e da seleção de diversos tipos de textos impressos sobre o Brasil Colonial, produzidos por portugueses aqui radicados ou que aqui estiveram, seguindo os pressupostos da Linguística de *Corpus* e buscando representar uma parte da realidade linguística dos séculos XVI, XVII e XVIII, no Brasil. Assim, o acervo documental com textos de variados gêneros perfaz o período de 1500 a 1808 – um período de 308 anos que se inicia com a *Carta de Pero Vaz de Caminha* e se encerra com a vinda e o estabelecimento da família real portuguesa no Brasil, devido à invasão napoleônica.

Toda a etapa de digitalização, edição, ordenação dos textos, inclusão de ficha catalográfica, conversão de imagens em arquivos de texto, adaptando-os ao formato usado na elaboração dessa base de dados, foi desenvolvida no Laboratório de Lexicografia (LabLex) da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara-SP².

A etapa seguinte – de codificação e inserção de todo o conteúdo nos programas computacionais para processamento e gerenciamento de *corpus*, *UNITEX 2.0* e *PhiloLogic* – foi realizada no Instituto de Ciências Matemáticas e da Computação da Universidade de São Paulo (ICMC-USP), em São Carlos-SP. Tais programas permitiram a extração e a seleção da nomenclatura e dos contextos para a montagem do dicionário.

O *Banco de Dados do DHPB*, gerado por meio de tais etapas, integra 7.492.472 ocorrências de palavras, cujo volume de textos somou 23.858 páginas digitalizadas.

¹ Faz-se necessário esclarecermos que, desde 2021, tanto o dicionário quanto o *corpus* do DHPB encontram-se alocados em *site* próprio, disponível em: <https://dicionarios.fclar.unesp.br/dhpb/>, acesso em: 07 fev. 2022. No entanto, uma vez que nosso trabalho de pesquisa neste *corpus* se iniciou em 2018, utilizamos a plataforma *PhiloLogic* até a conclusão deste.

² Participamos do processo de constituição do *corpus* e construção do *Banco de Dados do DHPB* e, posteriormente, da organização, da revisão e da redação dos verbetes do DHPB, na qualidade de prestadora de serviço ao CNPq, durante sete anos (mar./2006 a dez./2012), no Laboratório de Lexicografia, da FCLAR-UNESP.

Atualmente, um segundo banco de dados complementa o primeiro, reunindo mais 2.049.249 ocorrências e somando mais 8.009 páginas digitalizadas (BIDERMAN; MURAKAWA, 2021, Apresentação), o que comprova a possibilidade de atualização constante de um *corpus*, também prevista por Biderman (2001, p. 80). Atualmente, tanto o banco de dados do DHPB quanto o dicionário construído a partir dele estão disponíveis para acesso *online*.

Dentre o copioso volume de textos que compõem o *Banco de Dados do DHPB*, selecionamos como objeto de nosso estudo as obras intituladas *Erário Mineral* (1735), *Prodigiosa Lagoa* (1749) e *Governo de Mineiros* (1770), elaboradas respectivamente pelos cirurgiões-barbeiros portugueses Luís Gomes Ferreira, João Cardoso de Miranda e José Antonio Mendes, editadas e publicadas pela primeira vez em Lisboa.

1.2 O Brasil Colonial no século XVIII

No final do século XVII, a colônia portuguesa sul-americana encontrava-se empobrecida, devido ao declínio da atividade açucareira ameaçada pela concorrência da produção nas Antilhas. Sua sorte era incerta e a solução encontrada pela metrópole foi investir na descoberta e na extração de metais preciosos no interior da Colônia, por meio do envio de ajuda técnica.

1.2.1 O ciclo do ouro

André João Antonil (1711)³ – pseudônimo de João Antônio Andreoni – situa o início das descobertas de ouro no Brasil, em Minas Gerais, entre as regiões dos vales do Rio das Mortes e do Rio Doce, durante o governo de Artur de Sá e Menezes, entre os anos de 1697 e 1702.

Laima Mesgravis (2015), por outro lado, relata que na recém-descoberta terra das Américas as primeiras expedições exploradoras portuguesas realizaram tentativas frustradas de busca por sinais de ouro e metais preciosos. Mas que, apesar de fracassarem, tais expedições continuaram a ser incentivadas, já que ocasionalmente eram encontradas pequenas

³ Obra constante do *Banco de Dados do DHPB*: ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas, e minas; com varias noticias curiosas do modo de fazer o assucar; plantar e beneficiar o tabaco; tirar ouro das minas, e descobrir as da prata; e dos grandes emolumentos, que esta conquista da America Meridional dá ao Reyno de Portugal com estes, e outros gêneros, e contratos reaes*. Lisboa: Na Officina Real Deslandesiana, 1711.

quantidades do metal em algumas regiões, como a do Rio Ibirapuera e próximas ao pico do Jaraguá, por exemplo.

A autora conta que:

Quando Portugal perdeu as minas de Monomotapa, na África do Sul, para os reinos negros da região, o governo metropolitano transferiu para a América, por volta de 1580, o aparelhamento humano e técnico que havia empregado na África. Assim, sob a direção de Pero Lopes de Sousa, vieram ao Brasil mineradores e forjadores que se instalaram em São Paulo e ensinaram a outros habitantes como procurar e reconhecer o minério (MESGRAVIS, 2015, p. 80).

No século XVII, o bandeirante Fernão Dias Pais Leme foi incumbido pelo Reino de procurar ouro e pedras preciosas em troca de privilégios econômicos e políticos, tendo reunido recursos e se deslocado para a região mais tarde conhecida como Minas Gerais. No entanto, Fernão Dias encontrou somente turmalinas, e a descoberta de ouro, propriamente dita, deu-se em 1696, por seu genro Borba Gato, que mediante o anúncio da localização das minas de Sabará ao rei, recebeu o título de “guarda-mor das minas”.

Simultaneamente, foram descobertas as minas da região de Vila Rica por outra bandeira, o que deu origem à “corrida do ouro”, em que milhares de pessoas se deslocaram para a região em busca do metal precioso, desde o final do século XVII, estendendo-se ao século XVIII.

Antes relacionada aos engenhos de açúcar situados na zona litorânea nordestina, a economia colonial brasileira sofreu grande transformação com o desenvolvimento da mineração. A disseminação das notícias a respeito das descobertas e dos rendimentos consideráveis das amostras de jazida aurífera estimulou membros de todas as camadas sociais, o que acarretou o deslocamento da população para o interior da Colônia, além de atrair grande número de indivíduos naturais do Reino e de outros países (CANABRAVA, 1967).

Sobre este fenômeno, Antonil (1711) atesta que testemunhou a chegada de inúmeras frotas de portugueses e outros imigrantes estrangeiros às Minas Gerais.

Assim, o início do século XVIII foi marcado pelo deslocamento da população da Colônia para a região das minas, bem como pela vinda de imigrantes, principalmente portugueses, motivados pela ideia de que, com a descoberta de grandes aluviões de metais preciosos, a Colônia poderia proporcionar-lhes considerável fortuna.

No início, entretanto, os mineiros sofreram com a falta de mantimentos, devido ao solo estéril da região. Conforme atesta Antonil (1711, p. 139):

SEndo a Terra que dá Ouro esterilíssima de tudo o que se ha mifer para a vida humana, & não menos esteril a mayor parte dos caminhos das Minas; não se póde crer o que padeceraõ ao principio os Mineiros por falta de mantimentos, achando-se não poucos mortos com huma espiga de milho na mão, sem terem, outro sustento.

Para seu sustento surgiram as primeiras estalagens e o comércio foi fortemente estimulado: alimentos, vestuário, escravos, armas e cavalgaduras eram enviados de todas as partes do Brasil e do Reino e vendidos nas minas a preços elevados, caracterizando um período de grande inflação.

Desse modo, a região das minas sofreu grande transformação. Da descoberta do ouro ao esgotamento de suas jazidas, a população se concentrou em torno do precioso metal, o comércio se desenvolveu e os arraiais tornaram-se núcleos urbanos e vilas, cuja população, em sua maioria, era composta por imigrantes principalmente portugueses, que vendiam seus bens e partiam para a Colônia em busca de fortuna; por homens livres nascidos na Colônia ou na Metrópole, marginalizados pela estagnação da economia açucareira, e por escravos africanos que não constituíam maioria, mas que devido à forma como se organizava o trabalho, passaram a circular num meio social mais complexo (FURTADO, C., 1986). Em razão das condições precárias em que viviam e trabalhavam muitos deles padeciam de males, muitas vezes, desconhecidos e para os quais nem sempre havia remédio.

1.2.2 A prática médica e os cirurgiões-barbeiros

Considerando, assim, o contexto histórico de setecentos no Brasil e o auge do ciclo da mineração, podemos observar que o estado de Minas Gerais com sua densa população serviu de profícua experiência para a observação médica (FURTADO, J., 2005).

Entre os imigrantes portugueses, desembarcavam em terras brasileiras cirurgiões e cirurgiões-barbeiros, os quais se tornaram indispensáveis, tendo em vista as condições insalubres de vida na época. A respeito de seu ofício, Furtado (2005) esclarece que praticavam uma medicina contrária à especialização das funções definida na legislação portuguesa, uma vez que desempenhavam atribuições⁴ exclusivas de médicos, como prognósticos, curas, teorias sobre as doenças e prescrição de medicamentos; ou restritas a

⁴ Parte do ramo mais prático da Medicina em Portugal, o ofício desempenhado pelos cirurgiões-barbeiros era o de sangrar, extrair dentes, sarjar, lancetar, aplicar “bichas” (sanguessugas) e ventosas, além de cortar o cabelo e a barba (WISSENBACH, 2002).

boticários, como a produção de remédios próprios, o que se justificou não somente pela escassez de medicamentos tradicionais, que dificilmente chegavam às serras mineiras após longas travessias marítimas, como também pela disponibilidade local de ervas, cuja utilização aprendiam, muitas vezes, com os índios e os mestiços. Não se atinham apenas à tradição e às regras dos antigos, mas apoiavam-se na leitura sobre a medicina praticada na Europa e guiavam-se pela experiência da prática médica local e pela observação da evolução das doenças, experimentando e propondo meios de cura.

Dentre os imigrantes atraídos pelas descobertas auríferas e, posteriormente, na luta pela ascensão social no Brasil Colonial, destacaram-se os seguintes cirurgiões-barbeiros portugueses e suas obras, elaboradas com a finalidade de associar o tratamento de várias enfermidades⁵ aos produtos da terra: Luís Gomes Ferreira, que redigiu o *Erário Mineral* (1735); João Cardoso de Miranda, autor da *Prodigiosa Lagoa descoberta nas Congonhas das Minas do Sabará, que tem curado a varias pessoas dos achaques, que nesta Relação se expõem* (1749); e José Antonio Mendes, que escreveu *Governo de Mineiros mui necessário para os que vivem distantes de professores seis, oito, dez e mais léguas, padecendo por esta causa os seus domésticos e escravos queixas, que pela dilação dos remédios se fazem incuráveis e as mais das vezes mortais* (1770). Tais obras caracterizam-se como resultado da prática adquirida pelos autores enquanto cirurgiões-barbeiros, por meio da realização de diversas curas na recém-descoberta região mineradora no interior do Brasil, mais especificamente em Minas Gerais.

Em contraposição ao ramo erudito da medicina em Portugal, exercido por médicos formados, tais autores de origem portuguesa aprenderam cedo a arte de cirurgião-barbeiro – ramo mais prático, “desempenhado por cirurgiões, parteiras, barbeiros, que realizavam sangrias e extraíam dentes, e algebristas, que tratavam ossos quebrados e músculos” (FURTADO, J., 2002, p. 3).

Luís Gomes Ferreira nasceu na Vila de São Pedro de Rates, na província portuguesa do Douro. Teve contato com o ofício de cirurgião-barbeiro, em Lisboa, onde também concluiu formação no Hospital Real de Todos os Santos, licenciando-se em Cirurgia. Esteve na Bahia, em 1707, para uma curta estada; mais tarde, em 1710, estabeleceu-se nas Minas, também em busca de fortuna, tendo medicado em Sabará, por vinte anos, e em outros sítios da capitania que careciam de ajuda médica (VIOTTI, 2020).

⁵ Causadas pelas condições precárias de trabalho nas minas, pela falta de higiene, pelo ambiente tropical etc., tais enfermidades encontram-se arroladas e descritas no “Vocabulário das enfermidades, na obra *Erário Mineral*, de Luís Gomes Ferreira” (DOMLADOVAC-SILVA, 2017), parte de nossa dissertação de Mestrado.

João Cardoso de Miranda nasceu na freguesia de São Martinho de Cambres, junto à Lamego. Após especializar-se cirurgião, migrou para o Brasil e medicou entre a Bahia de Todos os Santos e as Minas Gerais, onde atendeu centenas de doentes e escreveu duas obras: a *Relação cirúrgica, e médica na qual se trata, e se declara especialmente hum novo methodo para curar a infecção escorbutica* (1747)⁶ e a *Prodigiosa Lagoa* (1749) (VIOTTI, 2020). Na primeira, discorreu principalmente sobre sua fórmula para o tratamento do escorbuto, tendo encontrado certa dificuldade em obter licenças para a publicação; na segunda, relatou a eficácia de cura das águas da lagoa de Sabará, não só para uma grave doença dos olhos como também para diversas outras doenças para as quais experimentou significativa melhora (NOGUEIRA, 2011).

José Antonio Mendes também se formou em Lisboa, no Hospital Real de Todos os Santos, tendo recebido licença de “cirurgião anatômico”. Quando no Brasil, percorreu o mesmo caminho de Miranda, estabelecendo-se inicialmente na Bahia e depois nas Minas Gerais. Chegou a comissário geral do cirurgião-mor na América, o que o fez, além de vistoriar hospitais e fiscalizar boticas periodicamente, conhecer o tipo de assistência disponível aos habitantes da Colônia. Publicou, em 1770, o *Governo de mineiros*, em que são apontadas as infecções escorbúticas, além do tratamento proposto por Miranda (VIOTTI, 2020).

Em consequência da baixa renda pecuniária, da ausência de médicos, da falta de saneamento e, inclusive, do aumento da população, as condições de vida nas minas resultaram precárias, propagando-se assim inúmeras enfermidades, o que contribuiu para que os cirurgiões voltassem a praticar seu ofício.

Entretanto, os medicamentos trazidos do Reino eram disponibilizados a preços exorbitantes e muitas vezes estragavam devido ao longo período de transporte ou mesmo pelo armazenamento indevido ou por passarem muito tempo nas boticas. As vilas onde estavam localizadas as boticas distavam muito dos arraiais, o que poderia colocar em risco a vida dos doentes, não somente pela demora, mas também pela ameaça de adquirirem outras doenças no caminho. Além disso, devido à diferença do clima e às más condições de moradia e trabalho, havia especificidades das doenças, para as quais o conhecimento adquirido em Portugal não era suficiente.

⁶ Obra constante do *Banco de Dados do DHPB*: MIRANDA, João Cardoso de. *Relação cirurgica, e medica, na qual se trata, e declara especialmente hum novo methodo para curar a infecção escorbutica, ou mal de Loanda, e todos os seus productos, fazendo para isto manifestos dous especificoe, e mui particulares remedios*. Lisboa: Na Officina de Manoel Soares, 1747.

Os cirurgiões-barbeiros inferiram que as doenças da região requeriam diferentes tipos de tratamentos e buscaram na cultura popular as ervas e os produtos locais, integrando-os à farmacopeia do Reino. Suas referências eram tanto a obra do médico da família real portuguesa João Curvo Semedo (1635-1719) (FURTADO, J., 2005), como suas amizades com outros cirurgiões, herbolários, químicos e farmacêuticos, que lhes instruíram sobre as características especiais das doenças e a necessidade de se incluírem ervas locais em seu tratamento.

Viotti (2020, p. 196) atesta que

Considerar as particularidades do doente mostrava-se, pois, um pressuposto para o sucesso das curas. Isso porque havia condições que poderiam potencializar ou mesmo causar a intercorrência de algum achaque, como a ingestão prévia de algum alimento ou um sintoma diferente do estabelecido na “cartilha” dos doutores, do mesmo modo que havia morbidades que se manifestavam de forma mais acentuada ou exclusiva em uma “classe” de pessoas.

Os tratados médicos escritos pelos cirurgiões-barbeiros advêm dessa prática e do entendimento de que as doenças que se manifestavam nas Minas exigiam tratamentos diferentes dos que eles já conheciam e dominavam.

1.2.2.1 Os Tratados Médicos

Surge, então, nas Minas do século XVIII, uma medicina empírica, mais popular e prática, em cuja descrição destacam-se os autores e as respectivas obras que compõem nosso *corpus* de estudo. Assim,

[...] ao contrário do [que] ocorrera nos séculos anteriores no Brasil, os tratados médicos redigidos sobre a experiência adquirida na capitania do ouro não foram escritos por médicos formados, mas sim por cirurgiões, ou cirurgiões-barbeiros. Homens práticos, eles aliavam a arguta observação dos casos que assistiam à medicina erudita apreendida nos livros e, dessa mescla, produziam um novo conhecimento que oscilava entre o popular e o erudito (FURTADO, J., 2005, p. 90).

Tais obras comprovam a ousadia de seus autores, que desconsiderando a prerrogativa dos médicos e o privilégio dos boticários, receitavam a ingestão de medicamentos e descreviam suas fórmulas e métodos de fabricação. Em razão de sua formação como cirurgiões julgavam-se mais bem preparados que os barbeiros sem nenhuma formação, até

então, responsáveis pela realização de tais práticas. Foram precursores, à época, em reunir conselhos práticos concernentes a uma medicina caseira baseados na doutrina galênica⁷, não tendo alcançado, no entanto, grande repercussão na ciência médica erudita do período (FURTADO, J., 2005).

Ferreira, Miranda e Mendes, juntamente às suas respectivas obras, destacam-se no contexto da mineração, nas Minas Gerais do século XVIII, por relatarem a vivência e o cotidiano marcado pelo trabalho exaustivo da atividade mineradora e suas consequências à saúde dos trabalhadores e dos escravos, “mesclando conhecimentos eruditos e empíricos sobre as doenças e as práticas de cura” (ABREU, 2013, p. 22-23).

Seus pacientes – em geral, escravos – viviam em péssimas condições de alimentação, trabalho e moradia, e eram enviados aos cirurgiões-barbeiros pelos seus senhores para que se restabelessem dos diversos achaques que os molestavam.

E assim, buscando conhecer a especificidade das doenças e dos tratamentos locais, esses cirurgiões-barbeiros estabeleceram, no Brasil, um tipo de medicina tropical. Registraram em seus manuais de medicina doméstica suas experiências no período em que estiveram na Colônia, contribuindo para a configuração de uma medicina tropical de base empírica, fundada pela atuação de cirurgiões-barbeiros e boticários, que inseriam elementos naturais da Capitania nas receitas de seus remédios (FURTADO, J., 2005).

Chernoviz (1879, p. 23, grifo do autor) explica que os medicamentos dividiam-se em:

[...] *officinaes* ou *magistraes*. Chamão-se *officinaes* os medicamentos que devem achar-se já promptos nas boticas, como xaropes, vinhos, extractos, tinturas, conservas, emplastos, unguentos, etc. Estes podem conservar-se por muito tempo, e alguns até mais de um anno. Suas receitas estão inseridas em obras especiaes chamadas Pharmacopéas ou Codigos pharmaceuticos; forão estabelecidas estas receitas quer por uma junta de medicos, quer por autores de nomeada, e achão-se sancionadas por lei ou pela maior parte dos medicos do paiz. Chamão-se medicamentos *magistraes* ou *extemporaneos*, os que não são preparados senão segundo as formulas de cada medico, e quando os doentes precisão d’elles, e são: poções, cozimentos, emulsões, pílulas, collyrios, linimentos, cataplasmas, etc. Estes não podem, em geral, conservar-se por muito tempo sem se alterarem.

⁷ De Galeno, médico grego de grande importância depois de Hipócrates, cuja influência é permanente na obra de Luís Gomes Ferreira. Baseada na teoria dos humores, sua medicina tratava a doença pelo seu oposto, adaptando-a ao clima e às condições locais. Assim, concluiu que os tratamentos a serem ministrados nas Minas – região de clima frio – deveriam basear-se em produtos quentes (FURTADO, J., 2002).

Passamos, a seguir, a uma breve explanação do conteúdo de cada obra que perfaz o *corpus* de nosso estudo. Além da folha de rosto em que constam dados relevantes à identificação das obras, outras partes merecem ser comentadas.

Na folha de rosto do *Erário Mineral* (FERREIRA, 1735) (figura 1), por exemplo, encontramos informações, como título, indicações sobre a divisão da obra, a quem é dedicada, dados sobre o autor, local, data de impressão e licenças.

Figura 1: Folha de rosto da obra *Erário Mineral*



Fonte: Ferreira (1735).

No início da obra, podemos notar o emprego do discurso laudatório em uma nobre carta-dedicatória do autor em louvor “à Purissima Virgem Maria Nossa Senhora da Conceyçãõ, mãy advogada de todos os peccadores” como forma de “mais a reſtituir, que a offerecer”, uma vez que se considera seu “fiel eſcravo” (FERREIRA, 1735, Carta-dedicatória).

No “Prologo ao Leytor”, entretanto, o autor aproxima-se do leitor mediante o emprego de uma linguagem mais coloquial, persuadindo-o a aceitar o texto e a não interpretar mal sua obra. Em tom irônico, repreende o leitor crítico, alegando que muitas vezes este impede a publicação de obras úteis à sociedade, uma vez que intimida possíveis autores (MUZZI, 2002).

Após as licenças necessárias a qualquer publicação durante a Inquisição – “do Santo Officio”, “do Ordinario” e “do Paço” –, são anexados poemas dedicados à obra e a seu autor, com a finalidade de proteger o texto contra a crítica e a censura, comuns no período, codificando-o segundo os pressupostos culturais e ideológicos da época (MUZZI, 2002). Essa estratégia é denominada paratexto e é utilizada por Gomes Ferreira para defender-se em relação aos seus escritos perante possíveis críticas ao caráter prático e empírico de sua condição de cirurgião-barbeiro: “Escrevo observaçoens, e naõ autoridades” (FERREIRA, 1735, Prólogo). Tal estratégia pode ser observada no próprio título da obra, uma vez que o significado de “erário”, por extensão a “tesouro público” ou “fisco” remete a recurso público e valoroso. Ou igualmente no prólogo, quando Ferreira (1735) esclarece seu objetivo: “remediar” a necessidade de médicos em “tão remotas partes”.

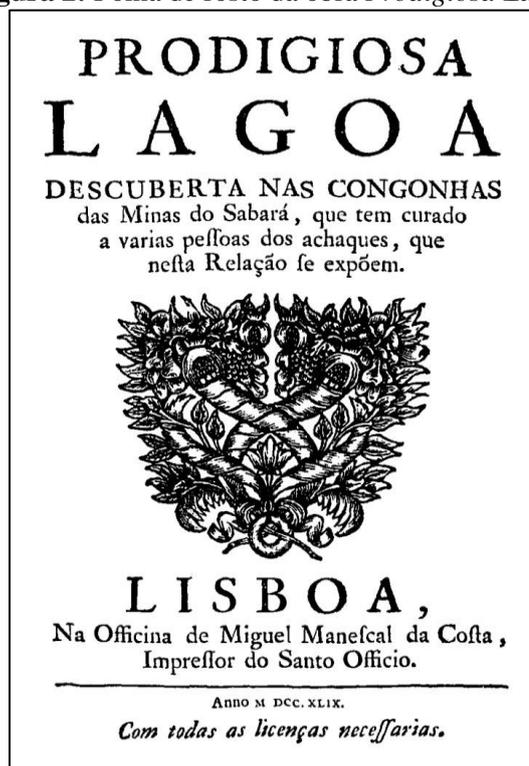
Na sequência, o “Index dos tratados e capitulos, que contém este livro” e o “Indice das observaçoens, que se contém neste livro” são acompanhados de alguns comentários do autor em relação a cada tratado que compõe a obra.

Por fim, no “Proemio”, o autor explicita o conteúdo da obra, exemplificando suas experiências práticas com a Medicina e a Cirurgia e induzindo o leitor à apreciação de seu tesouro.

É conveniente ressaltar que no *Banco de Dados do DHPB* não foi contemplada a parte que antecede o texto principal do *Erário Mineral*, somente o texto principal foi selecionado na fase de coleta dos textos para a montagem do banco de dados. Utilizamos em nosso trabalho, entretanto, a versão digitalizada do original da obra (1735), bem como a versão organizada por Júnia Ferreira Furtado (2002), que além de reeditar a obra completa em linguagem moderna, traz ainda a contribuição de outros teóricos, por meio de estudos críticos acrescidos ao volume. Essa versão oferece ainda um glossário definido como “observações sobre o universo vocabular médico-cirúrgico do *Erário Mineral*, de Luís Gomes Ferreira”, do qual também fazemos uso; um “glossário de termos médicos, cirúrgicos, químicos e farmacêuticos”; além de um “glossário de médicos”, onde se encontram elencados os diversos autores antigos citados por Ferreira, no *Erário Mineral*.

Na figura 2, a seguir, apresentamos a folha de rosto da *Prodigiosa Lagoa descoberta nas Congonhas das Minas do Sabará, que tem curado a varias pessoas dos achaques, que nesta Relação se expõem* (MIRANDA, 1749), onde também encontramos informações sobre sua identificação, como título, local, data de impressão e licenças.

Figura 2: Folha de rosto da obra *Prodigiosa Lagoa*



Fonte: Miranda (1749).

Várias enfermidades curadas pelas águas da Lagoa Grande, de Sabará – mais tarde conhecida como Lagoa Santa – encontram-se arroladas nesta obra de João Cardoso de Miranda. O contato do cirurgião com a lagoa deu-se em função de curar uma grave doença dos olhos, para a qual observou rápida e eficaz melhora (NOGUEIRA, 2011).

Ademais, conforme relata Murakawa (2013, p. 89), “da leitura do relato, depreende-se que o cirurgião Cardoso de Miranda tomou conhecimento de todos os fatos a partir das anotações feitas pelo Pe. Pedro de Miranda [...]”. Este, por sua vez, soube dos efeitos positivos das águas da lagoa por parte do proprietário da engenhoca localizada próxima ao desaguadouro da lagoa, que havia curado um “formigueiro” banhando-se em suas águas.

A notícia sobre a eficácia das águas da lagoa de Sabará espalhou-se rapidamente e, mediante a examinação da composição destas, constatou-se a presença de quantidade considerável de vitríolo (denominação popular dos sulfatos) e aço, substâncias utilizadas

como remédios para o tratamento de diversas enfermidades, por meio do uso tanto externo quanto interno de tais águas.

O cirurgião-barbeiro experimentou, mais tarde, as virtudes das águas da lagoa na cura de diversas outras doenças relacionadas à vida e ao trabalho dos escravos nas minas e propôs-se a escrever um relato em reverência a tais virtudes.

Destarte, Miranda descreve fisicamente a Lagoa Grande, além de enumerar a eficácia e o uso de suas águas para diversas doenças. Menciona os atributos naturais da lagoa, que se mostrava amena e constante independentemente das mudanças climáticas.

Segundo Nogueira (2011, p. 37), o título da obra associa “as características naturais da lagoa e as bênçãos provedoras do céu”, uma vez que o emprego do adjetivo “prodigiosa” remete a “extraordinário, maravilhoso, milagroso” (SILVA, 1789, v. 2, p. 508). Nogueira ainda acrescenta que

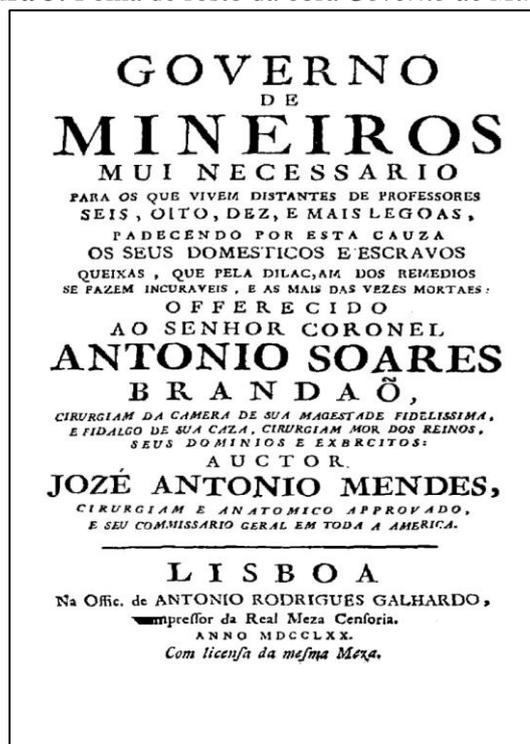
A crença nas “águas santas” possui vínculo direto com os usos e explicações do sobrenatural cristão como recurso de cura. Não raro eram receitados em tratados médicos do período sacramentos como o batismo ou a aplicação de água benta como parte da terapia, num mundo que aproximava organicamente doenças e feitiços; curas e intercessão divina (NOGUEIRA, 2011, p. 37).

Nas últimas quinze páginas de sua obra, Miranda relata as primeiras 112 curas operadas pelas águas da “prodigiosa lagoa”, listando “cuidadosamente o nome, a idade, a procedência, a doença e a quantidade de banhos necessários para a melhora ou cura definitiva das pessoas que procuraram a lagoa” (NOGUEIRA, 2011, p. 41).

De acordo com Murakawa (2013, p. 99), o objetivo de Miranda neste relato foi expor as propriedades curativas das águas da Lagoa Grande, não tendo mencionado nenhum medicamento que pudesse ser aplicado às enfermidades descritas. Entretanto, quando fala em “remédios frescos” ou “purgas”, “certamente, refere-se o autor àqueles preparados com a variedade de ervas que encontrou na capitania”.

Por fim, apresentamos na figura 3 a folha de rosto da obra *Governo de Mineiros mui necessário para os que vivem distantes de professores seis, oito, dez, e mais léguas, padecendo por esta causa os seus domésticos e escravos queixas, que pela dilação dos remédios se fazem incuráveis, e a mais das vezes mortais* (MENDES, 1770), com as informações sobre o título, a divisão da obra, a quem é dedicada, dados sobre o autor, local, data de impressão e licenças.

Figura 3: Folha de rosto da obra *Governo de Mineiros*



Fonte: Mendes (1770).

Em relação a essa obra, Viotti (2020, p. 193) declara que “pelo seu extenso título, transparece a intenção do autor em produzir uma espécie de manual para auxiliar diretamente os que, constantemente, não podiam contar com a assistência de profissionais da saúde”.

O tratado é introduzido por um soneto laudatório, do capitão-mor José Xavier de Valladares e Souza, em que são descritos “os problemas que, entre outros fatores, motivaram a seu autor a elaborá-lo, bem como as expectativas dele concorrer para diminuição dos sofrimentos provocados por tantas moléstias que grassavam na Colônia” (EUGÊNIO, 2009, p. 233).

No Proêmio da obra, Mendes justifica sua elaboração, cujo intuito era expor o preparo e o uso de remédios contra as enfermidades que acometiam a população das minas. E, ao

longo dos quinze capítulos, em que se divide sua obra, o cirurgião lista “algumas das principais doenças da população em geral e, em particular, as dos negros” (EUGÊNIO, 2009, p. 234).

Assim como Ferreira e Miranda, José Antonio Mendes também pretendia informar os senhores a respeito dos tratamentos disponíveis aos escravos, que trabalhavam arduamente na mineração e em outros serviços pesados. Em seu manual, versou não somente sobre o escorbuto, mas também sobre outros achaques, como erisipela, tumores, edemas, carbúnculo, doenças intestinais, além de ferimentos em geral.

E é assim, abordando o cotidiano dos escravos, o tráfico negreiro, o sistema de mineração, as crenças, a alimentação, a vida familiar da época, entre outros temas, que esses cirurgiões trazem em seus tratados de medicina informações sobre as doenças, as práticas curativas, os remédios disponíveis, os costumes e outras características do Brasil e da região das Minas Gerais (FURTADO, 2005).

Destarte, conclui Viotti (2020, p. 194) que:

Ferreira discorre longamente sobre os envenenamentos e as pontadas, Miranda dá atenção aos males dos olhos (oftalmias, chagas na córnea, névoas, leucomas), Mendes fala do fleimão, uma espécie de abscesso infeccionado [...] As doenças que se manifestavam na pele, ao que parece, muito recorrentes em toda sorte de habitantes das Minas, mereceram a atenção de Ferreira, Miranda e Mendes: relatos e prescrições sobre chagas diversas, bexigas, sarampos, icterícias e feridas abundam nos manuais.

A sistematização e a organização das informações e do conhecimento – com vistas à elaboração de um vocabulário especializado – em relação à farmacopeia, ou “arte de preparar e compor medicamentos, ou livro que a ensina” (HOUAISS, 2009) empregada na cura das enfermidades presentes no contexto da mineração do século XVIII, nas Minas Gerais do Brasil Colonial – justificam a escolha de tais obras, que constituem alguns dos primeiros tratados de Medicina escritos em língua portuguesa.

As obras de Ferreira (1735), Miranda (1749) e Mendes (1770), verdadeiros inventários médicos, atestam que já havia uma prática médica, no período do Brasil Colonial, realizada por cirurgiões ou cirurgiões-barbeiros, uma vez que estes partem de uma descrição criteriosa dos males frequentes em Minas Gerais, das experiências na cura e de uma importante relação de medicamentos utilizados na época com suas respectivas funções.

Apresentada a contextualização social e histórica do *corpus* de estudo, passemos aos pressupostos teóricos que orientam a escrita de nossa tese de Doutorado.

PRESUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, apresentamos os princípios teóricos que regem a elaboração de nossa tese de doutoramento.

Discorreremos brevemente sobre o léxico e as ciências que o abarcam: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Justificamos, em seguida, o protótipo de um vocabulário de especialidade, explanando nossa proposta por meio das teorias da Lexicografia de Especialidade e da Terminologia/ Terminografia. Suscitamos assim a discussão sobre as divergências e congruências existentes entre tais termos, e manifestamos nossa posição em relação à qual das teorias oferece melhor suporte teórico ao estudo de um vocabulário de especialidade.

Por fim, dissertamos sobre a teoria dos campos lexicais, enquanto aporte teórico para a macroestrutura de nosso vocabulário.

2.1 Léxico e Ciência

Denomina-se léxico o universo de palavras que os falantes têm à sua disposição para se expressar, isto é, o repertório vocabular pertencente a um determinado estado da língua. O léxico pode ser considerado a riqueza vocabular de uma comunidade linguística através de sua história, uma vez que, segundo Biderman (2001b), o sistema léxico de uma língua representa a experiência cultural acumulada por uma sociedade no decorrer do tempo.

A autora afirma também que

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. Foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais (BIDERMAN, 2001a, p. 13)

Trata-se de um sistema aberto em constante evolução – gradualmente e de maneira quase imperceptível algumas palavras caem em desuso, outras se integram à língua e outras sofrem mudança de sentido. Tal flexibilidade dificulta a apreensão e a descrição do léxico em sua totalidade, pois

[...] como o léxico está em perpétua mutação e movimento, acompanhando as mudanças socioculturais, nenhum dicionário conseguirá registrar fidedignamente esse acervo, pois as unidades complexas encontram-se em estágios diferentes de cristalização (BIDERMAN, 1996, p. 34).

A utilização que um indivíduo usuário da língua faz do léxico está diretamente ligada à formação de seu vocabulário. Caracterizam o vocabulário individual a seleção e o emprego que o indivíduo faz desse acervo aberto de palavras disponíveis em seu idioma.

Concernente a essa relação, Biderman (1996, p. 27) esclarece:

[...] o vocabulário exerce um papel crucial na veiculação do significado, que é, afinal de contas, o objeto da comunicação lingüística. A informação veiculada pela mensagem faz-se, sobretudo, por meio do léxico, das palavras lexicais que integram os enunciados. Sabemos, também, que a referência à realidade extralingüística nos discursos humanos faz-se pelos signos lingüísticos, ou unidades lexicais, que designam os elementos desse universo segundo o recorte feito pela língua e pela cultura correlatas. Assim, o léxico é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana.

A autora ainda observa que

Por outro lado, o léxico está associado ao conhecimento, e o processo de nomeação em qualquer língua resulta de uma operação perceptiva e cognitiva. Assim, no aparato lingüístico da memória humana, o léxico é o lugar do conhecimento, sob o rótulo sintético de palavras - os signos lingüísticos (BIDERMAN, 1996, p. 27).

Assim, dentro do léxico de uma determinada língua, cada indivíduo falante desta detém apenas uma parcela do léxico total; são as intersecções (“microsistemas léxicos”) existentes entre os repertórios lexicais de cada um que tornam possível a comunicação entre si (BIDERMAN, 2001b, p. 180), além de demonstrarem a complexidade de descrição do vocabulário.

Em suma, “[...] *léxico* é o conjunto abstrato das unidades lexicais da língua; *vocabulário* é o conjunto das realizações discursivas dessas mesmas unidades” (BIDERMAN, 1996, p. 32).

A incessante expansão do léxico bem como sua especialidade está diretamente ligada à evolução técnica e científica, uma vez que novos termos surgem a fim de darem conta da designação de novas realidades. Concernente a esse processo, Biderman (2001a, p. 15) observa que

[...] cada comunidade humana que forja o seu instrumental lingüístico para designar conceitos novos utiliza o modelo lingüístico herdado por seu grupo social. Assim os termos técnico-científicos são gerados com base na lógica da língua em questão, segundo os padrões lexicais nela existentes.

As ciências do léxico – a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e a Terminografia – têm como objeto de estudo o léxico, e como finalidade sua descrição. Sumariamente, de acordo com uma visão linguística mais tradicional, a Lexicologia se ocupa do estudo científico do vocabulário; a Lexicografia, da análise linguística para a confecção de dicionários; e a Terminologia, de um subconjunto do léxico de uma língua, ou cada área específica do conhecimento humano (DUBOIS *et al.*, 2006). Sob esse ponto de vista, a Lexicografia seria considerada a parte aplicada da Lexicologia – sua base teórica –, assim como a Terminografia em relação à Terminologia.

Em concepções mais atuais, entretanto, Lexicologia e Lexicografia são compreendidas “como ciências independentes, de modo que trabalhos e produtos lexicológicos não precisam ser necessariamente lexicográficos e vice-versa” (COSTA, 2015b, p. 17). No entanto, é mais difícil compreender tal questão no âmbito da Terminologia e da Terminografia, uma vez que essa separação não se dá tão claramente por seus processos e produtos estarem sempre interrelacionados (COSTA, 2015b).

Uma vez que consideram a dimensão significativa da palavra, tais disciplinas fazem fronteira com a Semântica – disciplina à qual se atribui o estudo das significações linguísticas. Essas, por sua vez, são incessantemente geradas a partir da junção dos eixos paradigmático e sintagmático, responsáveis pela complexidade das redes semântico-lexicais em que se estrutura o léxico.

De acordo com Matoré (1953) o objetivo da Lexicologia é particular, parte do estudo do vocabulário para tentar explicar uma sociedade. O autor afirma que a Lexicologia pode ser definida como uma disciplina sociológica que utiliza as palavras enquanto material lingüístico. Desta forma, as palavras são consideradas por ele como o reflexo de um estado da sociedade.

Cambraia (2013, p. 183) afirma que, apesar das lacunas encontradas na teoria de Matoré, “é possível, sim, articular critérios internos (semânticos) e externos (sociais) para representar a estrutura do léxico de uma época [...]”.

Na mesma linha, Abbade (2011, p. 1332) assevera:

Cada palavra selecionada nesse processo [do discurso] acusa as características sociais, econômicas, etárias, culturais... de quem a profere.

Partindo dessa premissa, estudar o léxico de uma língua é abrir possibilidades de conhecer a história social do povo que a utiliza.

Biderman (2001a, p. 17) esclarece que, em relação à língua portuguesa, a “Lexicografia só começou, de fato, nos séculos XVI e XVII com a elaboração dos primeiros dicionários monolíngues e bilíngues” e que, no português, os dicionários técnico-científicos “são obra do século XX”.

Tocante à concepção do termo terminologia, Cabré (1999) afirma ser polissêmico, uma vez que tanto pode designar uma disciplina que se ocupa dos termos especializados, uma prática representada pelo conjunto de princípios designados à recopilação de termos, ou ainda o produto resultante dessa prática, correspondente ao conjunto de termos de uma determinada especialidade. Nossa pesquisa apoia-se sobre a terceira acepção, uma vez que tem como objeto de estudo último a terminologia entendida como vocabulário prototípico de uma área de especialidade.

A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) apresentada por Cabré concebe o termo enquanto unidade linguística que exprime conceitos técnicos e científicos, mas que não deixa de ser signo de uma língua natural (geral). A esse respeito, acrescenta Marzá (2012, p. 103, tradução nossa):

[...] as linguagens de especialidade poderiam ser definidas como subconjuntos da língua (variedades funcionais ou registros), parcialmente coincidentes com a língua comum e que são utilizadas como instrumento de comunicação formal e funcional entre especialistas de um determinado assunto¹.

Considerando a dimensão textual e discursiva e admitindo a variação conceptual e denominativa dos termos, Cabré (1999) apresenta alguns princípios e condições, nos quais baseia sua reflexão teórica para propor uma visão alternativa de estudo das unidades terminológicas. Dentre eles, ressaltamos o “princípio da poliedricidade do termo”, de acordo com o qual as unidades terminológicas são multifacetadas, pois integram ao mesmo tempo aspectos linguísticos, cognitivos e sociais.

Sob o ponto de vista da TCT, fora do contexto as unidades lexicais não são “nem palavras, nem termos, mas somente potenciais termos ou não-termos [...] o caráter de termo é ativado em função de seu uso em contexto e situação adequados” (CABRÉ, 1999, p. 123,

¹ [...] los lenguajes de especialidad podrían definirse como subconjuntos de la lengua (variedades funcionales o registros), parcialmente coincidentes con la lengua común y que se utilizan como instrumento de comunicación formal y funcional entre especialistas de una determinada materia (MARZÁ, 2012, p. 103).

tradução nossa)². Acordes com o raciocínio de Cabré (1999, p. 123, tradução nossa, grifo da autora) entendemos que:

Os termos são *unidades lexicais, ativadas distintamente* por suas condições pragmáticas de adequação a um tipo de comunicação. Compõem-se de forma ou denominação e de significado ou conteúdo. A forma é constante; mas o conteúdo se distingue pelo modo de seleção de traços adequados a cada tipo de situação e é determinado pelo contexto, pelo tema, pela perspectiva de abordagem do tema, pelo tipo de texto, pelo emissor, pelo destinatário e pela situação³.

Julgamos relevante também a “condição de especialização”, apontada por Cabré (1999), segundo a qual o grau de especialização de um texto assenta-se no modo como ele conduz sua temática, condicionando tanto sua densidade terminológica, como a variação expressiva para referir-se a um mesmo conceito.

2.1.1 Vocabulário de Especialidade

Considerando a intenção de apresentarmos um vocabulário de especialidade e o propósito da Terminologia de atender às necessidades específicas de um domínio, tomamos por vocabulário a lista total das ocorrências que figuram em nosso *corpus* de estudo (DUBOIS *et al.*, 2006) e, a partir desta lista, efetuamos um recorte do léxico relativo aos elementos pertencentes ao domínio da “farmacopeia”⁴, tal como figuram em documentos do século XVIII. A partir de uma perspectiva histórica, tais unidades foram organizadas em campos lexicais, de acordo com a teoria de Coseriu (1977), sobre a qual discorreremos no subitem 2.2 deste capítulo.

Elaboramos assim um protótipo de vocabulário da farmacopeia, em que contemplamos as 33 primeiras unidades lexicais especializadas referentes ao campo lexical dos “remédios”, isto é, <<Medicamento.>> (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 232) e ao microcampo lexical dos “símplices”, ou <<Hervas medicinaes [...]>> (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 650) (v. Capítulo 4).

² [...] *ni palabras ni términos sino sólo potencialmente términos o no términos* [...]. *El carácter de término lo activan en función de su uso en un contexto y situación adecuados* (CABRÉ, 1999, p. 123).

³ *Los términos son unidades léxicas, activadas singularmente por sus condiciones pragmáticas de adecuación a un tipo de comunicación. Se componen de forma o denominación y significado o contenido. La forma es constante; pero el contenido se singulariza en forma de selección de rasgos adecuados a cada tipo de situación y determinado por el ámbito, el tema, la perspectiva de abordaje del tema, el tipo de texto, el emisor, el destinatario y la situación* (CABRÉ, 1999, p. 123).

⁴ Ou, conforme mencionado anteriormente: “arte de preparar e compor medicamentos, ou livro que a ensina” (HOUAISS, 2009).

Acordes com os critérios de Haensch *et al.* (1982) para a tipologia de obras lexicográficas podemos afirmar que o vocabulário da farmacopeia caracteriza-se, formalmente, como obra lexicográfica de caráter linguístico, monolíngue, de extensão reduzida, cuja descrição semântica resulta da informação reunida por meio da utilização de um *corpus*. Registra um subconjunto léxico com marcação diatécnica, codificação seletiva, que segue o critério cronológico sincrônico, uma vez que destaca uma seleção do vocabulário de uma língua, em um momento determinado.

Para a organização da macroestrutura do vocabulário que ora propomos recorreremos ao princípio da onomasiologia, uma vez que aplicando a teoria dos campos lexicais (COSERIU, 1977) partimos dos conceitos (significados, ideias) para chegar às unidades lexicais correspondentes (significantes, palavras). Segundo Castillo Carballo (2003, p. 85, tradução nossa), a finalidade do critério onomasiológico “é a codificação, na medida em que ajuda o usuário a dispor dos vocábulos que designam com exatidão as ideias que quer expressar”⁵. Nesse tipo de agrupamento, é primordial que se considerem as associações existentes entre conteúdos, não somente da perspectiva da língua, mas também das coisas (HAENSCH *et al.*, 1982).

Por outro lado, a microestrutura de nosso trabalho segue a ordenação semasiológica, em que se parte do signo em busca da indicação dos conceitos. Cada campo ou microcampo lexical reúne as respectivas unidades lexicais especializadas, isto é, os verbetes com o lema (*definiendum*) e as informações lexicográficas (*definiens*), em ordem alfabética.

A organização das informações relativas à farmacopeia aplicada nas enfermidades comuns ao contexto aurífero das Minas Gerais do século XVIII fundamenta, portanto, nossa proposta de elaboração de um vocabulário de especialidade.

Desta maneira, adentramos a uma parte da Lexicografia denominada Lexicografia de Especialidade, que para alguns autores é considerada uma disciplina com características semelhantes à Terminografia, no entanto diferente desta; para outros estudiosos é considerada totalmente semelhante à Terminografia. Vejamos, a seguir, alguns pontos de vista em relação a essa discussão, bem como nossa posição sobre qual teoria se adequa melhor ao nosso trabalho.

⁵ “[...] es la codificación, en la medida en que ayuda al usuario a disponer de los vocablos que designan con exactitud las ideas que quiere expresar” (CASTILLO CARBALLO, 2003, p. 85).

2.1.2 Lexicografia de Especialidade *versus* Terminografia

Tendo em vista que em nossa dissertação de Mestrado (cf. DOMLADOVAC-SILVA, 2017) tratamos do léxico específico de um domínio, versando sobre a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), de Cabré (1999), sentimos necessidade de aprofundar a discussão sobre as relações entre os conceitos de Lexicografia de Especialidade e Terminologia/Terminografia. Abordaremos, assim, nesta subsecção a trajetória da discussão de tais conceitos e de que modo estes se relacionam com o vocabulário especializado proposto.

Conforme coloca Costa (2015a, p. 44):

Para alguns, Lexicografia Especializada e Terminografia são técnicas, ciências ou disciplinas independentes, para outros são técnicas que, embora diferentes, possuem pontos de intersecção, e há ainda os que afirmam que são sinônimos, isto é, variantes denominativas para uma mesma atividade.

Schierholz (2012), ao suscitar a discussão sobre as diferenças e semelhanças entre Lexicografia de Especialidade e Terminografia, assume o ponto de vista de que tais atividades são paralelas tanto na prática quanto na teoria. O autor afirma que,

Segundo uma antiga concepção, o trabalho com dicionários de especialidade é constituído de duas atividades: o lexicógrafo deve reunir o léxico de especialidade em ordem alfabética e da forma mais completa possível, enquanto o terminólogo deve desenvolver e comparar os campos conceituais [...]. Portanto, todo lexicógrafo de especialidade deveria ser tanto um lexicógrafo quanto um terminólogo (SCHIERHOLZ, 2012, p. 383).

Nesse sentido, Marzá (2012, p. 111, tradução nossa) esclarece que,

Se entendêssemos a lexicologia (e sua vertente aplicada, a lexicografia) e a terminologia (e sua vertente aplicada, a terminografia) como disciplinas linguísticas independentes, e entendêssemos que, como afirmava Wüster (1979), ambas lidam com diferentes objetos de estudo – as palavras, no caso da lexicologia, e os conceitos (representados por termos), no caso da terminologia – e usam diferentes abordagens – a terminologia deve ir do conceito ao termo (enfoque onomasiológico) e a lexicologia, do termo ao conceito (enfoque semasiológico) – então, faria sentido separar taxativamente a lexicologia da terminologia (e o mesmo em relação às suas vertentes aplicadas)⁶.

⁶ *Si entendiéramos la lexicología (y su vertiente aplicada, la lexicografía) y la terminología (y su vertiente aplicada la terminografía) como disciplinas lingüísticas independientes y entendiéramos que, tal y como afirmaba Wüster (1979), ambas tratan objetos de estudio distintos – las palabras en el caso de la lexicología y los conceptos (representados por términos) en el caso de la terminología – y utilizan enfoques distintos –la terminología debe ir del concepto al término (onomasiológico) y la lexicología del término al concepto*

Contrários à posição mais tradicional de Schierholz (2012), Bergenholtz e Tarp (2010) defendem a opinião de que Lexicografia Especializada e Terminografia estão em posição de equivalência enquanto única disciplina com denominações diferentes. Também reforça tal pensamento Finatto (2014, p. 248), quando afirma que “Terminografia é um sinônimo para Lexicografia Especializada ou Lexicografia de Linguagem Especial”⁷.

Com base na discussão abordada nos subitens anteriores para o estabelecimento do que vem a ser o léxico de especialidade, não teria sentido contrapormos os conceitos de Terminografia e Lexicografia de Especialidade, uma vez que tal ponto de vista conceberia a Terminologia como uma disciplina independente e diferenciada da Lexicologia, e com um objeto de estudo particular.

Dessa maneira, associamos tais conceitos e adotamos mais uma vez o pensamento de Marzá (2012, p. 110-111, tradução nossa), ao considerar que

[...] a terminologia pode ser explicada a partir da linguística e, mais precisamente da lexicologia, e tanto o objeto de estudo – no caso de se querer dividi-lo – da lexicologia quanto da terminologia pertencem à linguagem natural e, portanto, inserem-se no campo de estudo da linguística; além disso, a condição de termo pode ser explicada a partir da ativação de uma série de características semânticas das unidades lexicais quando utilizadas em contextos de especialidade, e a distinção na metodologia utilizada na elaboração dos respectivos produtos terminográficos e lexicográficos (a tradicional dicotomia entre as abordagens onomasiológica e semasiológica, respectivamente) não é válida na perspectiva aqui adotada e que faz uso de *corpus* textual⁸.

Acompanhando o raciocínio da autora, também julgamos artificial e desnecessária a distinção tradicional entre Lexicologia ↔ Terminologia/ Lexicografia ↔ Terminografia.

Destarte, apoiados na TCT de Cabré e em sua concepção linguístico-comunicativa, defendemos uma abordagem da Terminologia a partir da Lexicografia. Dessa maneira, a denominação comum – “*Lexicografia de Especialidade*, ou seja, uma lexicografia que estuda

(*semasiológico*) – entonces tendría sentido separar taxativamente la lexicología de la terminología (y lo mismo respecto a sus vertientes aplicadas) (MARZÁ, 2012, p. 111).

⁷ *Terminography is a synonym for Specialized Lexicography or Special-Language Lexicography* (FINATTO, 2014, p. 248).

⁸ [...] *la terminología puede explicarse desde la lingüística y, más exactamente desde la lexicología y que tanto el objeto de estudio – en caso de querer parcelarlo – de la lexicología como de la terminología pertenecen al lenguaje natural y por tanto entran dentro del campo de estudio de la lingüística; además, la condición de término puede explicarse a partir de la activación de una serie de rasgos semánticos de las unidades léxicas cuando éstas se utilizan en contextos de especialidad y la distinción en la metodología utilizada en la elaboración de los respectivos productos terminográficos y lexicográficos (la tradicional dicotomía entre los enfoques onomasiológico y semasiológico respectivamente) tampoco es válida según la perspectiva adoptada aquí y que hace uso de corpus textuales* (MARZÁ, 2012, p. 110-111).

as unidades tematicamente especializadas e que inclui todos os tipos de dicionários ou inventários lexicais especializados”⁹ (MARZÁ, 2012, p. 111, tradução nossa, grifo da autora) – compromete-se a reunir em um único arcabouço teórico diferenças que não são reais entre as duas disciplinas.

Nessa mesma direção, Marzá (2012, p. 111-112, tradução nossa, grifo da autora) ainda reforça:

Pela perspectiva linguístico-comunicativa pode-se afirmar que a terminologia é lexicologia especializada ou uma lexicologia das unidades lexicais especializadas por pertencer ao léxico do falante e, portanto, também à linguística e à linguagem natural. Assim, consideramos o rótulo “lexicografia especializada” como mais preciso, integrativo e comunicativo em sua abordagem, do que “terminografia”¹⁰.

A TCT auxilia-nos, portanto, enquanto subsídio teórico para a definição do que vem a ser o termo, orientando-nos, primeiramente, na recolha das unidades lexicais especializadas com o intuito de estabelecer a macroestrutura a ser adotada na pesquisa, bem como de comprovar que o objeto de estudo se caracteriza como texto de especialidade.

2.2 A teoria dos campos lexicais

Levando-se em consideração as afirmações anteriores, serve-nos de modelo teórico para a organização da macroestrutura de nosso vocabulário a teoria dos campos de lexicais, de Coseriu (1977), – sistema que reúne em um mesmo conjunto palavras que representam um campo conceptual comum devido às relações semânticas que estabelecem entre si. O autor esclarece que

Um campo lexical é, do ponto de vista estrutural, um paradigma lexical que resulta da repartição de um conteúdo lexical contínuo entre diferentes unidades dadas na língua como palavras e que se opõem de maneira imediata umas às outras, por meio de traços distintivos mínimos. [...] Mas um campo lexical pode também estar incluído em outro campo, de nível superior. Toda unidade dada na língua como palavra é um lexema. Uma unidade semântica

⁹ [...] lexicografía especializada, *esto es, una lexicografía que estudia las unidades temáticamente especializadas y que abarca todo tipo de diccionarios o inventarios léxicos especializados por la temática* (MARZÁ, 2012, p. 111).

¹⁰ [...] desde una perspectiva lingüística y comunicativa puede afirmarse que la terminología es lexicología especializada o una lexicología de las unidades léxicas especializadas por pertenecer al léxico del hablante y por tanto también a la lingüística y al lenguaje natural. De ahí que consideremos la etiqueta “lexicografía especializada” como más exacta, integradora y comunicativa en su enfoque que la etiqueta “terminografía” [...] (MARZÁ, 2012, p. 111-112).

que equivale ao conteúdo unitário de todo um campo lexical é um arquilexema (COSERIU, 1977, p. 146, tradução nossa, grifo nosso)¹¹.

Por meio de tal sistema, as unidades lexicais compiladas são catalogadas de modo a se relacionarem semanticamente com outras unidades do sistema linguístico, através da ordem lógica e da associação de conceitos.

Assente na teoria de Coseriu (1977), Abbade (2011, p. 1332, grifo da autora) afirma que “os *campos lexicais* representam uma estrutura, um todo articulado, onde há uma relação de coordenação e hierarquia articuladas entre as palavras que são organizadas à maneira de um mosaico: *o campo léxico*”. A autora ainda conclui que “a teoria dos campos lexicais proposta por Eugenio Coseriu nos dá a possibilidade de realizar um levantamento de um léxico específico e, conseqüentemente, poder conhecer algum aspecto específico da sociedade em que se está realizando tal estudo” (ABBADÉ, 2011, p. 1342).

O intuito de sistematizar e analisar as informações relacionadas à cura no contexto da mineração do século XVIII, no Brasil Colonial, e, por este viés sócio-histórico, buscar compreender a sociedade em questão através de seu vocabulário farmacêutico fundamentam a proposta de elaboração de um estudo léxico-semântico, a partir da organização de um vocabulário especializado.

A natureza léxico-semântica das relações estabelecidas entre as unidades lexicais de um campo lexical será explanada no capítulo referente à “análise léxico-semântica de unidades lexicais que designam *símplices*” (v. Capítulo 5).

Dessa maneira, conduzimos nossa pesquisa à elaboração de um vocabulário especializado, organizado em conformidade com a teoria dos campos lexicais.

Esta pesquisa está fundamentada, portanto, nas teorias supracitadas, e julgamos que sirva de contribuição não só para as áreas de Estudos do Léxico, mas também para as áreas de História, Saúde, Ciências Farmacêuticas, Ciências Médicas e áreas afins.

Apresentamos nas próximas seções as etapas do fazer dicionarístico que percorremos para chegar ao protótipo de vocabulário da farmacopeia, produto resultante de nossa proposta de pesquisa. Oferecemos, assim, uma amostra de 33 verbetes constantes de tal vocabulário,

¹¹ *Un campo léxico es, desde el punto de vista estructural, un paradigma léxico que resulta de la repartición de un contenido léxico continuo entre diferentes unidades dadas en la lengua como palabras y que se oponen de manera inmediata unas a otras, por medio de rasgos distintivos mínimos. [...] Pero un campo léxico puede también estar incluido en otro campo, de nivel superior. Toda unidad dada en la lengua como palabra es un lexema. Una unidad semántica que equivale al contenido unitario de todo un campo léxico es un archilexema* (COSERIU, 1977, p. 146).

fazendo um recorte no seguinte esquema hierárquico: **farmacopeia** (arquilexema) > **Farmácia** (macrocampo lexical) > **remédios** (campo lexical) > **símplices** (microcampo lexical); além da análise léxico-semântica de unidades lexicais especializadas referentes a símplices, compiladas em nosso *corpus* de estudo e que compõem o vocabulário da farmacopeia.

Nesta seção, discorreremos sobre os procedimentos metodológicos adotados no processo de nossa pesquisa.

Tendo em mente os pressupostos dos Estudos do Léxico, buscamos estudar as bases teóricas que nos permitiram uma melhor compreensão dos conceitos de Lexicografia de Especialidade, Terminologia e Terminografia, considerando-se a intenção de organizarmos um vocabulário da farmacopeia utilizada para restabelecer a saúde da população da região das minas, no período do Brasil Colonial, mais precisamente no século XVIII.

A metodologia de nosso trabalho envolve as etapas de leitura dos objetos de consulta, extração e seleção das unidades lexicais, e análises quantitativa e qualitativa das mesmas.

Dissertamos sobre tais etapas, valendo-nos para tal da metodologia da Linguística de *Corpus*, por meio de uma abordagem sincrônica do passado, de acordo com o método dedutivo para as investigações terminológicas de cunho descritivo.

3.1 Extração e seleção das unidades lexicais de especialidade

Iniciamos nosso trabalho por meio da leitura dos tratados medicinais que constituem o *corpus* de nossa pesquisa, a saber: o *Erário Mineral* (FERREIRA, 1735), a *Prodigiosa Lagoa* (MIRANDA, 1749) e o *Governo de Mineiros* (MENDES, 1770). Para tal, utilizamos o *Banco de Dados do DHPB*, que através da plataforma *PhiloLogic* permitiu-nos o acesso às partes de cada texto.

As obras em questão registram e informam sobre as doenças que acometiam a população da região das Minas Gerais e sobre as formas de cura por meio do uso de ervas e plantas naturais – prática decorrente do contato entre índios, negros e portugueses.

Logo, essa primeira etapa nos oferece um panorama a respeito do contexto histórico-social, da atividade extrativista mineradora, do trabalho exaustivo de quem acreditava que faria fortuna, das condições de vida precárias da época, das doenças contraídas devido ao trabalho penoso, bem como dos procedimentos de cura colocados em prática pelo gentio da terra e pelos cirurgiões-barbeiros vindos de Portugal.

Para a extração das unidades lexicais que ocorrem nos documentos selecionados, contamos com o auxílio do programa de gerenciamento de bases textuais denominado *PhiloLogic*, bem como do *AntConc 3.5.8 (Windows) 2019*. Trata-se de ferramentas computacionais aliadas à Linguística de *Corpus*: a primeira suporta o *Banco de Dados do DHPB*, em que está contido nosso *corpus* de estudo, e permite a consulta a todos os contextos necessários à nossa pesquisa; a segunda é capaz de gerar listas de palavras (*Word List*) em

ordem alfabética ou de frequência, bem como listas de combinatórias lexicais (*Clusters/ N-Grams*), de onde se extraem lexias complexas compostas por dois ou mais itens.

Vale ressaltar a importância defendida por Biderman (2001b) de se consultar um *corpus* para testar hipóteses ou fornecer evidências na pesquisa linguística. Somente através dessa “coletânea de textos selecionados segundo critérios linguísticos, codificados de modo padronizado e homogêneo” (BIDERMAN, 2001b, p. 79), que pode ser tratado mediante processos informáticos, pode-se apontar como funciona uma língua natural em escala reduzida.

Posto que o *corpus* em análise esteja contido no *Banco de Dados do DHPB*, que por sua vez pode ser acessado através do *PhiloLogic*, fizemos uso deste tanto para verificar se algumas unidades lexicais encontradas em glossários e manuais de apoio ocorrem, de fato, no *corpus* em questão, como para consultá-las e destacar os contextos em que aparecem.

Embora o *PhiloLogic* seja capaz de fornecer listas de palavras e ocorrências, ele não possibilita o tratamento informatizado conjunto de todos os arquivos que compõem o *corpus* em uma única lista²¹. Assim, por meio deste programa, a tarefa de reunir todas as lexias em uma única lista e em ordem alfabética tornou-se inviável, uma vez que utilizamos 29 arquivos diferentes.

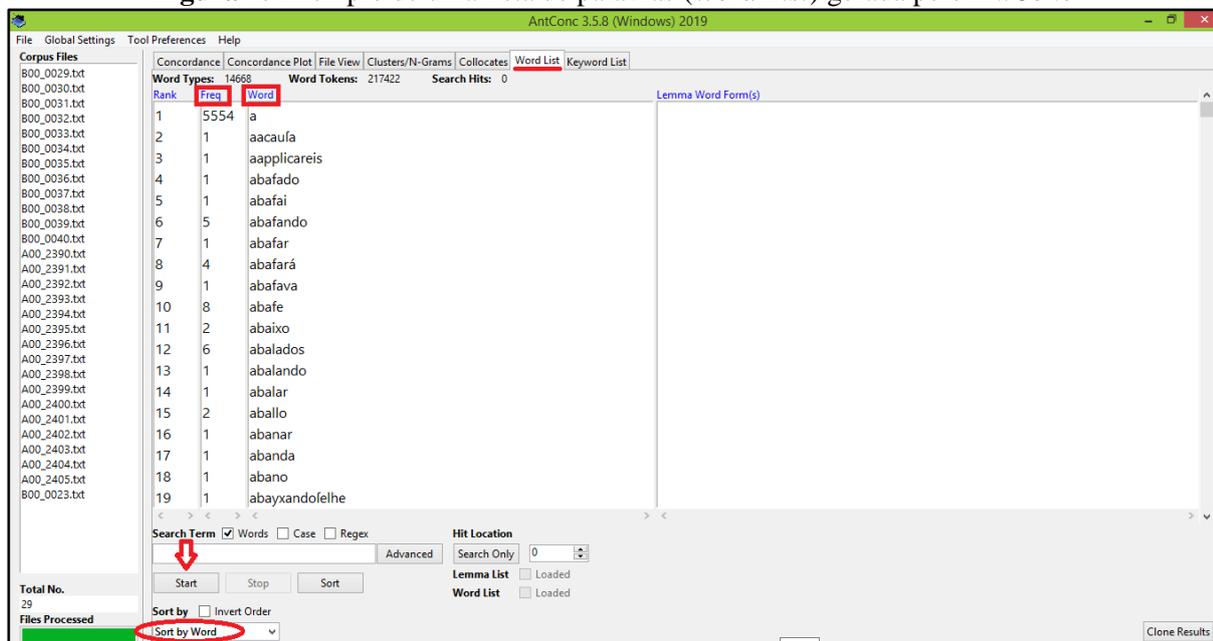
Utilizamos, destarte, como também na ocasião de nosso curso de Mestrado, outro programa de gerenciamento de bases textuais, o *AntConc*, para a obtenção de uma lista de palavras (*Word List*), facilmente gerada após o processamento dos arquivos em formato *.txt*. Tal processamento considera como *corpus* único o conjunto de arquivos selecionados. Nosso *corpus* de estudo constitui, portanto, um recorte de uma pequena parte do *Banco de Dados do DHPB*.

O *AntConc* possui diversos recursos, dentre eles, a opção de escolha de organização das listas em ordem alfabética ou por ordem de frequência de ocorrência, e permite ainda que as listas de palavras geradas sejam salvas em formato *.txt* e transformadas em arquivo *.doc* para que sejam editadas. Assim, ao selecionarmos a aba *Word List* (lista de palavras), optarmos por *Sort by Word* (organizar por palavras, isto é, por ordem alfabética) e acionarmos o comando *Start* (iniciar), o programa nos entrega uma lista completa das lexias encontradas, juntamente com a frequência de ocorrência (*Freq*) com que essas aparecem no *corpus*

²¹ Na ocasião de nosso curso de Mestrado (cf. DOMLADOVAC-SILVA, 2017), efetuamos testes com alguns programas, como o editor de textos *Microsoft Office Word 2007*, por exemplo, ou o programa editor de planilhas *Microsoft Office Excel 2007*, mas ambos revelaram-se inadequados ao gerenciamento de *corpora*.

considerado como um todo. A figura 4 apresenta o *layout* do programa, após a sequência de comandos descrita:

Figura 4: Exemplo de uma lista de palavras (*Word List*) gerada pelo *AntConc*



Fonte: Elaboração própria.

Ao selecionarmos a aba *Clusters/ N-Grams* (combinatórias/ n-gramas), podemos determinar o tamanho das combinatórias lexicais (duas ou mais palavras) e, ao processarmos os textos, o programa nos oferece uma lista completa das combinatórias encontradas (nesse caso, de duas a três palavras). Como nem toda combinatória lexical recuperada automaticamente é, de fato, uma unidade lexical especializada do domínio considerado, a lista de combinatórias lexicais (*Clusters/ N-Grams*) gerada pelo *AntConc* para a extração de possíveis expressões, locuções ou unidades fraseológicas foi analisada a fim de que se reconhecessem as unidades especializadas.

Para selecionarmos na lista de palavras as lexicas de nosso interesse, isto é, pertencentes ao domínio da farmacopeia, contamos com o apoio de outras obras referentes à Medicina ou à cura, tanto escritas no período considerado, como atuais. São elas:

- a) *Polianteia medicinal* (1697), composta pelo Dr. João Curvo Semedo;
- b) *Relação cirúrgica, e médica na qual se trata, e se declara especialmente hum novo methodo para curar a infecção escorbútica* (1747), de João Cardoso de Miranda;
- c) *História dos reinos vegetal, animal e mineral do Brasil, pertencente à Medicina* (1969), escrita pelo cirurgião português Francisco Antonio de

Sampaio, em que descreve as virtudes de inúmeras plantas, além dos métodos de sua utilização na cura de algumas doenças;

- d) *Formulario ou Guia medica contendo a descripção dos medicamentos, as dóses, as molestias em que são empregados, as plantas medicinaes indigenas do Brasil, o Compendio alphabetico das aguas mineraes, a escolha das melhores formulas, um Memorial therapeutico, e muitas informações uteis* (1879, 10^a ed.), de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz. A décima edição é aumentada e acompanhada de 324 ilustrações intercaladas ao texto, além de seis mapas balneários. Consta na sexta edição do *Diccionario de medicina popular*, do mesmo autor, que a 14^a edição do *Formulario*, publicada em 1890 em Paris, foi “reformada segundo o novo Codigo pharmaceutico francez, [e] adoptado, por ordem do Governo, como Pharmacopea legal do Brazil” (CHERNOVIZ, 1890, n.p.);
- e) *Diccionario de medicina popular e das sciencias accessorios para uso das familias, contendo a descripção das Causas, symptomas e tratamento das moléstias; as receitas para cada molestia; As plantas medicinaes e as alimenticias; As aguas mineraes do Brazil, de Portugal e de outros paizes; e muitos conhecimentos uteis* (1890, 6^a ed.), também escrito pelo doutor em Medicina Pedro Luiz Napoleão Chernoviz. A sexta edição é aumentada e acompanhada de 913 ilustrações intercaladas ao texto;
- f) *A cura pelas ervas e plantas medicinais brasileiras* (1979), de Ricardo Lainetti e Nei Seabra de Brito;
- g) *As ervas que curam* (1983), de Roberto Weil;
- h) *Plantas que curam* (1984), de Jean de Sillé;
- i) “Glossário: observações sobre o universo vocabular médico-cirúrgico do Erário Mineral, de Luís Gomes Ferreira” (FERREIRA, 2002), organizado pelos professores Bruno Flávio Lontra Fagundes e Sérgio Goes de Paula, presente na edição do *Erário Mineral* organizada pela historiadora e professora Júnia Ferreira Furtado;
- j) “Glossário”, presente em *Âncora Medicinal: para conservar a vida com saúde* (2004), parte da reedição de outra obra contemporânea ao nosso objeto de estudo, a saber, o primeiro tratado de Nutrição publicado em língua portuguesa, escrito pelo Dr. Francisco da Fonseca Henriques (mais conhecido como Dr. Mirandela), médico de D. João V, em 1721, e modernizado pelos

professores Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, Sílvio de Almeida Toledo Neto e Heitor Megale;

k) *Farmacopeia Brasileira*, volume 2 (BRASIL, 2010b).

Para análise das definições das unidades lexicais especializadas e possível classificação dessas como unidades lexicais pertinentes ao domínio em questão consultamos as seguintes obras de referência da língua portuguesa:

- i. *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712-1728), de D. Raphael Bluteau;
- ii. *Diccionario da lingua portugueza* (1789; 1813), de Antonio de Moraes Silva;
- iii. *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Língua Portugueza* (1871-1874), de Dr. Frei Domingos Vieira;
- iv. *Formulario ou Guia medica contendo a descripção dos medicamentos, as doses, as molestias em que são empregados, as plantas medicinaes indigenas do Brasil, o Compendio alphabetico das aguas mineraes, a escolha das melhores formulas, um Memorial therapeutico, e muitas informações uteis* (1879, 10ª ed.), de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, uma vez que este é organizado em verbetes;
- v. *Diccionario de medicina popular e das sciencias accessorios para uso das familias, contendo a descripção das Causas, symptomas e tratamento das moléstias; as receitas para cada molestia; As plantas medicinaes e as alimenticias; As aguas mineraes do Brazil, de Portugal e de outros paizes; e muitos conhecimentos uteis* (1890, 6ª ed.), de Pedro Luiz Napoleão Chernoviz;
- vi. *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0* (2004), de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira;
- vii. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 2009.3* (2009)²², de Antonio Houaiss e Mauro de Salles Villar;
- viii. *Dicionário Histórico do Português do Brasil: séculos XVI, XVII e XVIII* (2021), organizado por Maria Tereza Camargo Biderman e Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa.

As oito obras de referência selecionadas caracterizam-se como dicionários semasiológicos – partem do significante para apresentar o significado – e suas entradas estão organizadas em ordem alfabética. As versões digitais de Houaiss (2009) e Ferreira (2004) possibilitam ao consulente outras formas de acesso às entradas por meio de *hiperlinks* ou da

²² Doravante, referimo-nos a este dicionário, simplesmente, como Houaiss (2009).

busca avançada, por exemplo. Com relação à macroestrutura de tais obras, vale observar que a de Bluteau (1712-1728) é a única bilíngue (latim-português), além de pioneira na prática lexicográfica a partir de *corpora*; e as de Chernoviz (1879, 10ª ed.; 1890, 6ª ed.) são as únicas de especialidade. Os demais dicionários são monolíngues de língua portuguesa.

Constam da microestrutura dos dicionários selecionados algumas informações sobre a expressão do signo, bem como algumas de ordem pragmática, a saber:

- i. Bluteau (1712-1728) destaca em alguns dos verbetes selecionados a marca linguística de especialidade (ex.: “Termo Pharmaceutico”); é copioso em informações etimológicas e enciclopédicas.
- ii. Silva (1789; 1813) destaca informações etimológicas, a categoria gramatical, o gênero, além da marca linguística de especialidade (ex.: “t. de Farmac.” = termo de Farmácia). Constitui o primeiro dicionário moderno da Lexicografia portuguesa.
- iii. Vieira (1871-1874) também traz a categoria gramatical e o gênero, seguidos de informações etimológicas. Notam-se as marcas linguísticas de especialidade incorporadas ao texto do verbete (ex.: “Em Botanica, [...]”), assim como as variantes gráficas da palavra.
- iv. Chernoviz (1879, 10ª ed.) indica a sinonímia, a significação em francês, o nome botânico em latim (quando o medicamento é uma planta), é abundante em informações enciclopédicas e ilustrado por 324 imagens intercaladas ao texto, além de seis mapas balneários; é especializado em medicina popular.
- v. Chernoviz (1890, 6ª ed.) é também especializado em medicina popular; destaca o nome científico, quando é o caso, bem como seu respectivo criador; é ilustrado por 913 figuras intercaladas ao texto, e rico em informações enciclopédicas.
- vi. Ferreira (2004) reúne em seus verbetes informações sobre ortoépia, etimologia, categoria gramatical, léxico especializado (rubricas); ordena numericamente as acepções; traz exemplos e contempla locuções. Por ser eletrônico, oferece ainda a opção de utilização de cores para distinção de cada informação da microestrutura.
- vii. Houaiss (2009) também destaca informações etimológicas, a categoria gramatical, o gênero, as marcas linguísticas (diatécnicas, diatópicas, diafásicas), além de ordenar numericamente suas acepções; o dicionário é

abundante na sinonímia e também possibilita maior interatividade, uma vez que é eletrônico.

Os dicionários de Ferreira (2004) e de Houaiss (2009) auxiliam-nos enquanto parte do discurso moderno.

- viii. O DHPB (2021) registra a categoria gramatical, o gênero, as variantes, as acepções ordenadas numericamente, as expressões sintagmáticas (e/ ou locuções) e a primeira datação (primeira vez que a unidade ocorre no *Banco de Dados do DHPB*). No DHPB, tanto as variantes gráficas como as acepções aparecem abonadas e acompanhadas das respectivas informações: autor do texto, datação, obra, código e página relacionados à organização do banco de dados, de onde foi retirada. Mais recente do que os outros dicionários consultados, o DHPB traz definições que se baseiam no valor semântico das palavras no contexto considerado, úteis para registrar possíveis variações semânticas, uma vez que abarcam o léxico de um período mais antigo (séculos XVI, XVII e XVIII).

Seis das obras, inclusive a mais recente, foram elaboradas a partir de *corpora* compostos por textos do século XVIII ou mesmo anteriores, justificando-se assim sua escolha e utilização, uma vez que nosso *corpus* também se insere neste período e, portanto, no mesmo universo discursivo.

Quanto à lematização, quase todos os dicionários adotados consideram como entrada do verbete somente “as unidades lexicais constituídas de um único vocábulo, mesmo nos casos em que este não seja empregado fora de um determinado contexto ou expressão fixa”²³ (PORTO DAPENA, 2002, p. 174, tradução nossa), seguindo a prática geralmente aceita na Lexicografia; lexias complexas e fraseologias são consideradas subentradas e tratadas na microestrutura do verbete. Entretanto, as duas obras de autoria de Chernoviz, por caracterizarem-se como obras de especialidade, não seguem a mesma prática, de modo que esse critério para lematização não ocorre. No vocabulário aqui organizado, assim como no *Diccionario* e no *Formulario* de Chernoviz, as unidades lexicais são plenas de significado e independem de outra unidade lexical, sejam elas simples ou complexas.

A leitura e a análise das obras de apoio e referência selecionadas para o encaminhamento de nossa pesquisa constituíram os procedimentos essenciais, por meio dos

²³ “[...] las unidades léxicas constituídas por un único vocablo, aun en aquellos casos en que éste carezca de uso fuera de un determinado contexto o expresión fija [...]” (PORTO DAPENA, 2002, p. 174).

quais puderam ser extraídas e analisadas as unidades lexicais referentes ao campo lexical pretendido.

A partir dessa etapa e com os recursos disponíveis, foi possível iniciarmos as análises quantitativa e qualitativa de nosso objeto de estudo.

3.1.1 Análise quantitativa

Iniciamos a seleção das unidades lexicais de nosso interesse a partir de um índice ou lista de palavras (*Word List*), gerado automaticamente pelo *AntConc*, com 14.668 ocorrências de palavras-tipo (*Word Types*), e de um índice de combinatórias lexicais (*Clusters/N-Grams*), gerado pelo mesmo programa, com 255.137 ocorrências. Para que chegássemos, de fato, à relação das unidades a serem trabalhadas, investigamos detalhadamente tais listas, sobretudo em relação a sua dimensão significativa.

As obras de apoio arroladas no subitem anterior a este serviram como ponto de partida para a execução de nosso trabalho, uma vez que se referem à Medicina e/ ou à Farmácia e oferecem índices e/ ou glossários, dos quais partimos para verificar se as unidades lexicais listadas já ocorriam no período considerado. Algumas destas obras são, inclusive, concernentes ao período em questão.

Em um primeiro momento, verificamos cada uma das unidades lexicais elencadas nessas listas, a fim de recolhermos as unidades referentes ao domínio escolhido. Em seguida, com o auxílio do *Banco de Dados do DHPB*, conferimos a ocorrência de tais unidades no *corpus* de estudo e analisamos os contextos em que ocorrem, confrontando-os com as definições presentes nos dicionários utilizados como referência.

Em relação aos dicionários empregados, também consideramos as marcas linguísticas presentes em alguns dos verbetes consultados, as quais nos serviram de parâmetro, porquanto, à época, já apontavam que tais unidades eram classificadas ou marcadas como unidades lexicais pertencentes domínio específico.

Nessa primeira verificação, destacamos as unidades lexicais encontradas nos índices e glossários de apoio. A figura 5 mostra como foram selecionadas e organizadas tais unidades em uma lista que representa a pré-seleção feita.

Figura 5: Pré-seleção das unidades lexicais de especialidade

| | | | |
|------|----|---------|-----------------------|
| 25 | 4 | abelhas | (animal) |
| 482 | 1 | agraço | (simplice) |
| 512 | 40 | ajuda | (tipo de medicamento) |
| 519 | 75 | ajudas | (tipo de medicamento) |
| 643 | 3 | alho | (simplice) |
| 645 | 13 | alhos | (simplice) |
| 1623 | 22 | balfamo | (simplice) |
| 1652 | 7 | bardana | (simplice) |

Fonte: Elaboração própria.

Criamos uma legenda com doze cores diferentes para identificar de onde retiramos a comprovação do domínio a que cada unidade lexical pertence. Assim, cada cor corresponde a uma obra de apoio. A figura 6, a seguir, elucida nosso raciocínio:

Figura 6: Legenda das obras de apoio

| As lexias destacadas em... | ...correspondem às unidades encontradas na seguinte obra de apoio: |
|----------------------------|---|
| ■ (cinza) | <i>Polianteia medicinal</i> (SEMEDO, 1697) |
| ■ (amarelo) | <i>Relação cirúrgica, e médica...</i> (MIRANDA, 1747) |
| ■ (verde-claro) | <i>História dos reinos vegetal, animal e mineral do Brasil...</i> (SAMPAIO, 1969) |
| ■ (cinza-escuro) | <i>Formulario ou Guia medica...</i> (CHERNOVIZ, 1879) |
| ■ (verde-escuro) | <i>Diccionario de medicina popular...</i> (CHERNOVIZ, 1890) |
| ■ (roxo) | <i>A cura pelas ervas e plantas medicinais brasileiras</i> (LAINETTI, BRITO, 1979) |
| ■ (marrom) | <i>As ervas que curam</i> (WEIL, 1983) |
| ■ (vermelho) | <i>Plantas que curam</i> (SILLÉ, 1984) |
| ■ (azul-claro) | <i>Glossário: observações sobre o universo vocabular médico-cirúrgico do Erário Mineral, de Luís Gomes Ferreira</i> (FAGUNDES et al., 2002) |
| ■ (azul-escuro) | <i>Glossário do Ancora Medicinal: para conservar a vida com saúde</i> (HENRIQUEZ, 2004) |
| ■ (azul petróleo) | <i>Farmacopeia Brasileira, v. 2</i> (BRASIL, 2010b) |
| ■ (rosa) | * unidades não encontradas em nenhuma das obras de apoio, mas cujo significado julgamos pertinente recuperar e checar por meio do contexto em que aparecem no <i>corpus</i> . |

Fonte: Elaboração própria.

As unidades lexicais também foram identificadas do ponto de vista do referente e, à medida que desvendamos seu valor semântico, classificamos cada uma delas de acordo com os campos lexicais estabelecidos.

Em síntese, para a extração das lexias simples ou complexas dispusemos dos recursos resultantes da combinatória de dois programas computacionais (*PhiloLogic* e *AntConc 3.5.8*); onze obras de apoio; oito obras de referência: cinco delas contemporâneas aos textos do *corpus* estudado, duas atuais e uma publicada em 2021 de cunho histórico-documental; nosso conhecimento linguístico e os limites de nosso conhecimento a respeito do domínio.

Convém ainda elucidar que para a seleção das unidades lexicais desconsideramos o critério da frequência de ocorrência destas, uma vez que quanto menos uma unidade aparece no *corpus*, mais específica ela pode ser. De acordo com Biderman (2004, p. 290), os *hapax legomena* (hápax) – como são conhecidas as palavras de frequência 1 – registram, geralmente, “idiosincrasias de autores, ou tecnicismos típicos do discurso científico muito especializado”, e seriam, em princípio, rejeitados na elaboração da nomenclatura de um dicionário de língua geral. Entretanto, uma vez que nosso trabalho abarca o léxico específico de um domínio e o que pretendíamos era exatamente a extração das unidades lexicais especializadas, o que levamos em conta foi justamente o grau de especialidade da unidade dentro do contexto do *corpus* selecionado para nosso estudo.

Deste *corpus* destacamos, dentre lexias simples e complexas, um conjunto de 2.262 unidades lexicais candidatas a termos que poderiam se referir ao domínio da “farmacopeia”, entendendo-se por esta a <<arte de preparar e compor medicamentos, ou livro que a ensina>>²⁴ (HOUAISS, 2009).

Consoante à teoria dos campos lexicais de Coseriu (1977), a fim de organizarmos o extenso vocabulário coligido, estabelecemos o arquilexema “farmacopeia” e chegamos aos macrocampos da “Farmácia”, já que esta corresponde à <<Parte da Medicina, que ensina a preparar, e conservar as drogas medicináveis, e remédios>> (SILVA, 1789, v. 2, p. 445), e da “Cirurgia”, que corresponde à <<parte da Medicina, que com as operações da mão cura chagas, feridas, & outras doenças do corpo humano>> (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 328). Assente no macrocampo “Farmácia”, destacamos o campo lexical dos “remédios”, isto é, <<Medicamento. Tudo o q’ serve para cobrar, ou confervar a faude>> (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 232); e no macrocampo da “Cirurgia”, os campos lexicais dos “instrumentos” ou <<Qualquer objeto, utensílio ou aparelho que serve para executar algo em qualquer arte, ciência ou ofício>> (BIDERMAN; MURAKAWA, 2021), e dos “tratamentos” ou <<MED modo de cuidar ou paliar; conjunto dos meios empregados na cura>> (HOUAISS, 2009).

²⁴ Os excertos retirados dos dicionários seguem a grafia original.

Estabelecemos ainda microcampos lexicais para os campos lexicais “remédios” e “instrumentos”.

Assim, o campo lexical dos “remédios” desdobra-se em ‘simplices’, compreendidos como <<Hervas medicinaes; curar com simplez, he dar medicamentos de hervas, & plantas, mifturar hũa droga cõ outra>> (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 650); ‘compostos’, isto é, <<Que se compõe de varias partes, ingredientes, simplices>> (SILVA, 1789, v. 1, p. 430); ‘frutos’ ou <<O que a arvore produz cada anno despois da folha, & ao pé da flor>> (BLUTEAU, 1712-1728, v. 4, p. 222); ‘minerais’ ou <<Corpo solido, que se extráe de minas, como os metáes, o salgemma, vitriolo; e mais particularmente se diz dos corpos tirados das minas, que não são pedras, nem metáes>> (SILVA, 1789, v. 2, p. 301); ‘outros ingredientes’, isto é, tudo o que entra na composição de um medicamento, mas que não se insere em nenhum dos outros microcampos considerados; ‘formas farmacêuticas’ ou <<FARM apresentação do medicamento (como unguento, pomada, poção, pó, comprimido etc.)>> (HOUAISS, 2009); e ‘virtudes medicamentosas’, em que ‘virtude’ corresponde a <<Poder fisico, ou moral de fazer algum effeito>> (SILVA, 1789, v. 2, p. 857) e ‘medicamentosa’, a <<que tem ação terapêutica ou é suscetível de causar os efeitos benéficos de um medicamento>> (HOUAISS, 2009).

O campo lexical dos “instrumentos” divide-se nos seguintes microcampos: ‘incisivos’ ou <<Que corta ou é próprio para cortar>> (FERREIRA, 2004), ‘superficiais’, neste caso, <<Que está á flor, á superficie, e não cala, ou profunda>> (SILVA, 1789, v. 2, p. 739), e ‘penetrantes’, isto é, <<Que penetra>> (SILVA, 1789, v. 2, p. 427).

O índice total de palavras (*Index verborum*), isto é, a lista exaustiva de palavras (14.668 ocorrências) extraídas de nosso *corpus* de trabalho representa aproximadamente 0,15% do *Banco de Dados do DHPB* (9.541.721 ocorrências). A quantidade de unidades lexicais candidatas a unidades especializadas (2.262 ocorrências) recolhidas nesse mesmo *corpus*, por sua vez, representa cerca de 15,40% desse índice de palavras e aproximadamente 0,02% do *Banco de Dados do DHPB*.

A lista das unidades lexicais especializadas selecionadas no *corpus* de nossa pesquisa, que constitui a nomenclatura do vocabulário da farmacopeia, pode ser observada no apêndice A. Tais unidades encontram-se elencadas em ordem alfabética, de acordo com a grafia atual. Outra lista das mesmas unidades lexicais de especialidade, porém distribuídas e organizadas em campos lexicais consta do próximo capítulo (v. Capítulo 4).

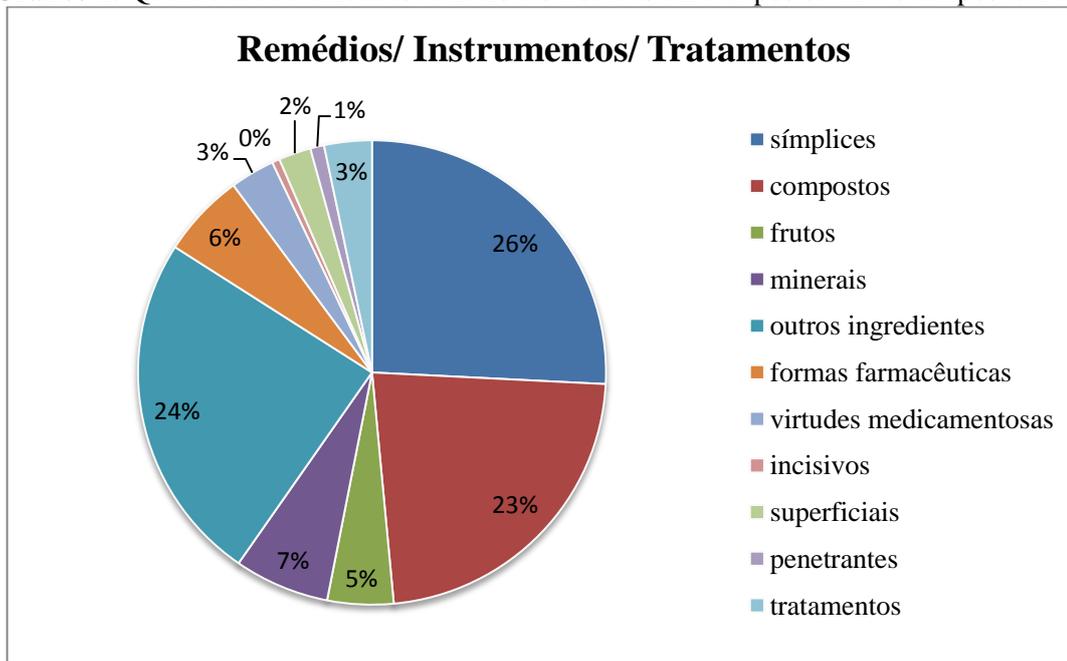
Ao analisarmos a frequência de ocorrência dessas lexias, percebemos haver muitos casos de *hapax legomena*, ou seja, de unidades lexicais que apresentam uma única ocorrência

(frequência 1) no *corpus*. Do total de 915 unidades consideradas, constatamos a presença de 331 hápax, o que corresponde a aproximadamente 36% dessas unidades.

Ademais, concluída a seleção das unidades lexicais de especialidade a que essa pesquisa se propõe, foram reunidas 243 unidades que representam ‘simplices’; 214, que representam ‘compostos’; 43, ‘frutos’; 62, que indicam ‘minerais’; 230, ‘outros ingredientes’; 55, ‘formas farmacêuticas’; e 29, ‘virtudes medicamentosas’, somando, assim, 876 unidades lexicais que perfazem o campo lexical dos “remédios”. No campo lexical dos “instrumentos” foram reunidas 35 unidades lexicais especializadas, das quais 5 representam o microcampo dos instrumentos ‘incisivos’; 21, dos ‘superficiais’; e 9, dos ‘penetrantes’. Por fim, o campo lexical dos “tratamentos” reuniu 31 unidades lexicais especializadas.

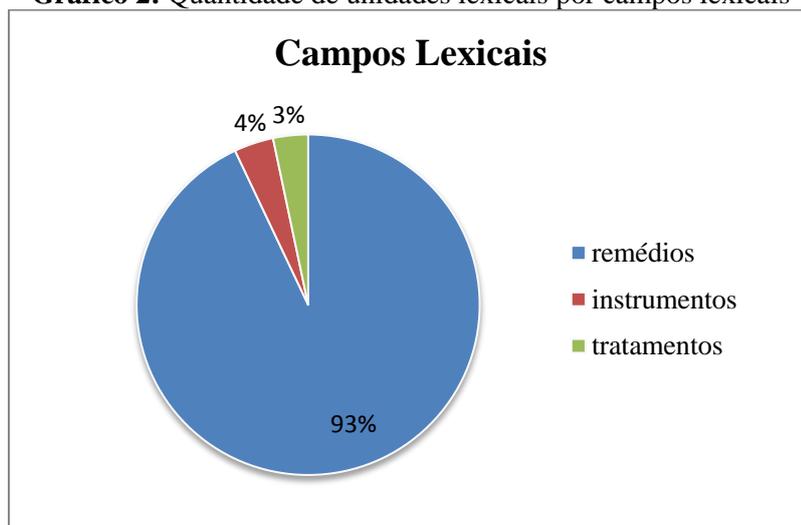
O gráfico 1, a seguir, representa a porcentagem relativa ao número de unidades lexicais especializadas distribuídas em campos ou microcampos lexicais.

Gráfico 1: Quantidade de unidades lexicais distribuídas em campos ou microcampos lexicais



Fonte: Elaboração própria.

Destarte, nosso vocabulário será composto por 942 verbetes referentes a três campos lexicais (“remédios”, “instrumentos” e “tratamentos”). E como se pode notar no gráfico 2, o campo lexical que mais apresenta unidades é o dos “remédios”, composto por 876 unidades lexicais (93%); seguido pelo campo lexical dos “instrumentos”, com 35 unidades lexicais (4%), e o campo lexical dos “tratamentos”, composto por 31 unidades lexicais (3%).

Gráfico 2: Quantidade de unidades lexicais por campos lexicais

Fonte: Elaboração própria.

3.1.2 Análise qualitativa

De acordo com nosso projeto de pesquisa inicial, pretendíamos, a partir do *corpus* composto pelos três documentos do século XVIII, reunir as unidades lexicais relacionadas às estratégias de cura observadas e praticadas pelos cirurgiões-barbeiros para tratar os doentes no século XVIII, cujas enfermidades, normalmente decorrentes do árduo trabalho nas minas, foram organizadas e analisadas em nossa dissertação de Mestrado²⁵.

Entretanto, diante da riqueza de informações e da amplitude dessa tarefa, fez-se necessário, ao longo da pesquisa, um recorte do assunto que se ajustasse melhor à nossa tese de Doutorado.

Para tanto, delimitamos nosso objetivo circunscrevendo-o ao domínio da farmacopeia, subdividindo-o em outros dois domínios, da Farmácia e da Cirurgia, dos quais consideramos as lexias referentes aos campos lexicais dos “remédios” (no caso de ‘Farmácia’), dos “instrumentos” e dos “tratamentos” (no caso de ‘Cirurgia’). Além disso, para fins de análise consideramos somente o microcampo lexical dos ‘símplices’ – o mais representativo em número de lexias – dentre os sete microcampos em que se subdivide o campo lexical dos “remédios” (‘símplices’, ‘compostos’, ‘frutos’, ‘minerais’, ‘outros ingredientes’, ‘formas farmacêuticas’ e ‘virtudes medicamentosas’). A escolha justifica-se pela constatação de que a maioria dos procedimentos de cura empregavam as ervas e plantas medicinais – herança cultural advinda dos autóctones em confluência com a cultura dos imigrantes portugueses e

²⁵ Cf.: DOMLADOVAC-SILVA (2017).

escravos africanos –, o que também pode se confirmar por meio da grande ocorrência de unidades lexicais referentes ao domínio.

Em relação à classe gramatical, tomamos o substantivo por unidade de base para selecionar no *corpus* somente as unidades lexicais que designam, entre outras acepções, elementos referentes ao domínio da Farmácia ou da Cirurgia do século XVIII, apresentando, assim, parte do vocabulário da cura do período em questão.

Retomando o pensamento de Cabré (1999) de que as unidades lexicais encontradas em um contexto específico se ativam como termos por estarem inseridas em uma linguagem de especialidade, podemos caracterizar as obras que integram nosso *corpus* de trabalho como textos de especialidade, também mediante a observação de seus títulos e/ ou dos títulos de seus capítulos, uma vez que reúnem em sua composição unidades lexicais referentes ao domínio abordado.

O quadro 1 apresenta, por exemplo, a divisão em tratados da obra *Erário Mineral* (FERREIRA, 1735). Os códigos de referência são os mesmos do *Banco de Dados do DHPB* e servem aqui de legenda a todas as abonações utilizadas para ilustrar os contextos mencionados. Distinguem-se o título da obra, destacado pelo código F00_0013, e os títulos dos capítulos em que a obra foi dividida, marcados pelos códigos da sequência B00_0029 a B00_0040.

Quadro 1: Divisão da obra *Erário Mineral*

| Referência | Título da obra |
|-------------------|--|
| F00_0013 | ERARIO MINERAL DIVIDIDO EM DOZE TRATADOS, DEDICADO E OFFERECIDO A' PURISSIMA, E SERENISSIMA VIRGEM NOSSA SENHORA DA CONCEYÇÃO |
| Referência | Títulos dos tratados |
| B00_0029 | TRATADO I: DA <u>CVRA</u> DAS PONTADAS PLEURITICAS, E SUAS OBSERVAÇOENS |
| B00_0030 | TRATADO II: DAS OBSTRUCÇOENS |
| B00_0031 | TRATADO III: DA MISCELLANIA DE VARIOS <u>REMEDIOS</u> , ANIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO ESCOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERŒAS ENFERMIDADES |
| B00_0032 | TRATADO IV: DAS DESLOCAÇOENS, FRACTURAS, E SUAS OBSERVAÇOENS |
| B00_0033 | TRATADO V: DA RARA VIRTUDE DO <u>OLEO DE OURO</u> ; DAS MUYTAS ENFERMIDADES, PARA QUE SERVE, E OBSERVAÇOENS DE <u>CURAS EXCELLENTISSIMAS</u> , QUE COM ELLE SE TEM FEYTO |
| B00_0034 | TRATADO VI: DOS <u>SEGREDOS</u> , OU <u>REMEDIOS PARTICULARES</u> , QUE O AUTOR FAZ MANIFEITOS PARA UTILIDADE DO BEM COMMUM |
| B00_0035 | TRATADO VII: DOS FORMIGVEYROS, E OVTRAS DOENÇAS COMMUAS NESTAS MINAS |
| B00_0036 | TRATADO VIII: DA ENFERMIDADE, A QUE CHAMAÕ CORRUPÇÃO DO BICHO, SUAS CAUSAS, SEUS SIGNAES, SEUS PROGNOÛTICOS, SUA <u>CURA</u> , E |

| | |
|----------|---|
| | ÍUAS OBSERVAÇOENS |
| B00_0037 | TRATADO IX: DOS RESFRIAMENTOS |
| B00_0038 | TRATADO X: DOS DANOS, QUE FAZ O LEYTE, MELLADO, AGUA ARDENTE DE CANA, E ADVERTENCIAS PARA <u>CONSERVAÇÃO DA SAUDE</u> |
| B00_0039 | TRATADO XI: DOS VENENOS, E MORDEDURAS VENENOSAS |
| B00_0040 | TRATADO XII: DO ESCORBUTO, OU MAL DE LOANDA |

Fonte: Elaboração própria.

Analisando-se os títulos dos tratados, já podemos extrair algumas unidades lexicais referentes ao domínio estudado, como *cura*, *remédio*, *óleo de ouro*, entre outras, que foram por nós sublinhadas nos quadros ora mencionados.

Selecionamos no *Erário Mineral* alguns contextos (quadro 1.1), em que ocorrem as unidades lexicais anunciadas nos títulos. Cada excerto vem acompanhado do respectivo código de referência, entre colchetes, tal como organizado no banco de dados.

Quadro 1.1: Contextos extraídos da obra *Erário Mineral* para abonar as unidades lexicais recolhidas nos títulos dos tratados

| |
|---|
| He a cura deste <u>oleo</u> tão excellente, que muitas vezes bafta, hum fô circulo para <u>curar</u> huma ferida, ou chaga [...]. [B00_0033, p. 66]. |
| Será pois o feu remedio <u>ajudas de agua de cisterna avinagrada</u> , e morna , ou <u>ajudas de agua de tanchagem</u> , ou de <u>agua de malvas</u> , ou de <u>caldo de gallinha</u> , que feja cozida. [B00_0031, p. 138]. |
| Quem tiver oleo de ouro , e quizer ufar delle nestes tumores das mãos, dandolhes huns riscos, ou pennadas, e cercando- os em roda, <u>experimentará o fararem</u> [...]. [B00_0035, p. 373]. |

Fonte: Excertos de Ferreira (1735).

O quadro 2, a seguir, apresenta o título (F00_0010) e o subtítulo (B00_0023) de *Prodigiosa Lagoa* (MIRANDA, 1749):

Quadro 2: Divisão da obra *Prodigiosa Lagoa*

| Referência | Título |
|------------|---|
| F00_0010 | PRODIGIOSA LAGOA DESCUBERTA NAS CONGONHAS DAS MINAS DO SABARÁ, <u>QUE TEM CURADO A VARIAS PESSOAS DOS ACHAQUES, QUE NEITA RELAÇÃO SE EXPÕEM</u> |
| Referência | Subtítulo |
| B00_0023 | NOTICIA DO DESCOBRIMENTO DA LAGÔA GRANDE, <u>VIRTUDE DAS ÍUAS AGUAS, E DAS CURAS, QUE ESTÁ FAZENDO</u> |

Fonte: Elaboração própria.

Nesse caso, podemos notar a especialidade do texto por meio da informação presente no título “prodigiosa lagoa [...] que tem curado”, o que indica o poder de cura de sua água, bem como por meio das lexias *virtude*, *águas* e *curas*, presentes no subtítulo da obra.

Alguns contextos, em que ocorrem as unidades lexicais mencionadas, foram selecionados no quadro 2.1, a seguir:

Quadro 2.1: Contextos selecionados na obra *Prodigiosa Lagoa* para abonar as unidades lexicais recolhidas no título e no subtítulo da mesma

| |
|--|
| [...] e admirando a grande virtude destas aguas , allentou que a estação do presente tempo não era conveniente para a applicação dos <u>banhos</u> , por Cauza do grande frio , que nella se experimenta [...]. [B00_0023, p. 11]. |
| [...] baldarão-fe na fua cura muitos <u>remedios</u> , e em menos de hum mez <u>farou da toce</u> , e está afflittida do feu regreffo. [B00_0023, p. 26]. |

Fonte: Excertos de Miranda (1749).

Já o quadro 3 apresenta a divisão da obra *Governo de Mineiros* (MENDES, 1770). Diferenciam-se o título da obra, destacado pelo código D00_0156, e os títulos dos capítulos em que a obra foi dividida, marcados pelos códigos da sequência A00_2390 a A00_2405.

Quadro 3: Divisão da obra *Governo de Mineiros*

| Referência | Título da obra |
|------------|--|
| D00_0156 | GOVERNO DE MINEIROS, MUI NECESSARIO PARA OS QUE VIVEM DISTANTES DE PROFESSORES SEIS, OITO, DEZ, E MAIS LEGOAS, PADECENDO POR ESTA CAUZA OS SEUS DOMESTICOS E ESCRAVOS QUEIXAS, QUE PELA DILAÇAM DOS <u>REMEDIOS</u> SE FAZEM INCURAVEIS, E AS MAIS DAS VEZES MORTAES |
| Referência | Títulos dos capítulos |
| A00_2390 | O PROEMIO |
| A00_2391 | GOVERNO MINEIROS, EM QUE SE ACHARÃO VARIOS <u>SIMPLICES</u> , E <u>COMPOSTOS</u> , CONTRA AS ENFERMIDADES, QUE AFFLIGEM OS POBRES DOENTES. CAPITULO I. EM QUE SE MOÍTRA A ORDEM, QUE SE HÁ DE SEGUIR EM QUALQUER OBRA |
| A00_2392 | CAPITULO II. DA ERIZIPELA: COMO SE DEVE <u>CURAR</u> ; E COM QUE <u>REMEDIOS</u> |
| A00_2393 | CAPITULO III. DO EDÊMA |
| A00_2394 | CAPITULO IV. DO SCIRRO |
| A00_2395 | CAPITULO V. DO CARBUNCULO |
| A00_2396 | CAPITULO VI. DAS FERIDAS EM GERAL |
| A00_2397 | CAPITULO VII. DAS FERIDAS INCIZAS |
| A00_2398 | CAPITULO VIII. DAS FERIDAS FEITAS COM INSTRUMENTO PERFURANTE |
| A00_2399 | CAPITULO IX. DAS FERIDAS DE NERVOS |
| A00_2400 | CAPITULO X. E TODA MEDICINA |

| | |
|----------|--|
| A00_2401 | CAPITULO XI. DOS CURSOS DE SANGUE |
| A00_2402 | CAPITULO XII. DAS OBSTRUCOENS |
| A00_2403 | CAPITULO XIII. DOS INTERIMOS |
| A00_2404 | CAPITULO XIV. DA INFECÇÃO ESCROBUTICA, OU MAL DE LOANDA |
| A00_2405 | CAPITULO XV. E ULTIMO DEITA OBRA, EM QUE VOS QUERO NOTICIAR MUITOS <u>REMEDIOS</u> PARA VARIAS QUEIXAS, E O MODO COMO OS DEVEIS USAR, E DECOBRIRVOS ALGUNS <u>LEGREDOS</u> , COM OS QUAES TENHO FEITO BOAS <u>CURAS</u> , E TODOS BEM EXPERIMENTADOS |

Fonte: Elaboração própria.

Nota-se, nesse caso, que o autor se preocupou, em grande parte da obra, em descrever as enfermidades por ele observadas. Ainda assim, destacam-se do título, bem como dos capítulos primeiro, segundo e último, unidades lexicais, como *remédios*, *simplices*, *compostos* e *curas*.

O quadro 3.1, a seguir, mostra tais unidades lexicais no contexto da obra:

Quadro 3.1: Contextos selecionados em *Governo de Mineiros* para abonar as unidades lexicais recolhidas nos títulos em que se dividem a obra

| |
|--|
| [...] e allim irá uzando destes remédios : e vendofe <u>com effeito vai expectorando</u> , e fe os escarros são de boa qualidade [...]. [A00_2400, p. 66]. |
| [...] e supponde que, pelos não teres promptos, vos morre hum escravo, ainda que não succeda fenaõ de dez em dez annos, perdeis mais, do que vos custaõ estes simplices , e compostos , que vos digo [...]. [A00_2399, p. 53]. |
| Vamos pois á cura desta impertinente, e quazi sempre contumaz queixa, principalmente nella America, onde ha poucos habitadores que a não padeçaõ, principalmente mulheres [...]. [A00_2402, p. 76]. |

Fonte: Excertos de Mendes (1770).

Note-se ainda que, nos três quadros referidos, que apresentam os contextos das três obras que perfazem nosso *corpus* de trabalho (quadros 1.1, 2.1 e 3.1), destacam-se outras unidades lexicais e/ ou expressões sintagmáticas (sublinhadas) que também servem para atestar a especialidade dos textos.

A finalidade com que as obras foram escritas também comprova sua especialidade, o que do mesmo modo faz com que as unidades lexicais selecionadas se ativem como termos.

Destarte, a alta frequência de ocorrência nos textos das lexias relativas ao domínio estudado confirma nossa hipótese de que os textos que perfazem o *corpus* selecionado podem ser considerados textos de especialidade. Além disso, o domínio discursivo da Farmácia e/ ou da Cirurgia, a perspectiva de abordagem dos textos, os emissores – na qualidade de

cirurgiões-barbeiros –, e as situações narradas exemplificam a afirmação de Cabré (1999) de que as unidades especializadas se ativam segundo condições pragmáticas de adequação a um tipo de comunicação.

A partir da organização da macroestrutura e da microestrutura que caracterizam a forma do vocabulário construído, bem como da análise das unidades lexicais especializadas selecionadas, foram sistematizados e elaborados os verbetes para a composição do protótipo do vocabulário da farmacopeia, com foco nas 33 primeiras unidades lexicais (segundo o critério da ordem alfabética) que se referem a ‘símplices’ pertencentes ao campo lexical dos “remédios”, macrocampo da “Farmácia”, arquilexema “farmacopeia”. Observemos tais estruturas apresentadas na próxima seção.

ORGANIZAÇÃO DO VOCABULÁRIO DE ESPECIALIDADE

Nesta seção, tratamos da organização do vocabulário proposto, no que diz respeito à configuração da macroestrutura e da microestrutura empregadas.

Discorreremos sobre a divisão do vocabulário em campos lexicais, apresentando, além do diagrama que representa a hierarquia do domínio “Farmacopeia”, a lista completa de lexias selecionadas e distribuídas nos respectivos campos lexicais.

Apresentamos ainda o modelo de verbete proposto para o produto resultante de nossa pesquisa – o protótipo do “Vocabulário da farmacopeia nas Minas Gerais do Brasil Colonial”, – bem como o conjunto dos 33 primeiros verbetes que figurarão na versão final.

4.1 Os campos lexicais para o vocabulário da farmacopeia

Para a organização da macroestrutura do vocabulário da farmacopeia, cujas unidades lexicais foram extraídas de documentos produzidos no Brasil Colonial do século XVIII – *Erário Mineral* (FERREIRA, 1735), *Prodigiosa Lagoa* (MIRANDA, 1749) e *Governo de Mineiros* (MENDES, 1770) – propomos a aplicação da teoria dos campos lexicais (COSERIU, 1977), com o intuito de dispor as unidades lexicais em subdomínios, segundo uma ordem lógica de associação de ideias ou conceitos.

São contempladas na macroestrutura tanto as unidades lexicais da época e suas possíveis variantes quanto as unidades lexicais equivalentes pertencentes ao discurso médico contemporâneo, de maneira que as formas lexicais atuais podem ser consultadas através de um índice alfabético, que remete o consulente às unidades marcadas da época. A solução combinada de um sistema conceitual e da possibilidade de consulta por ordem alfabética garante ao consulente o acesso à unidade lexical tanto pela forma como pelo conceito (campo lexical).

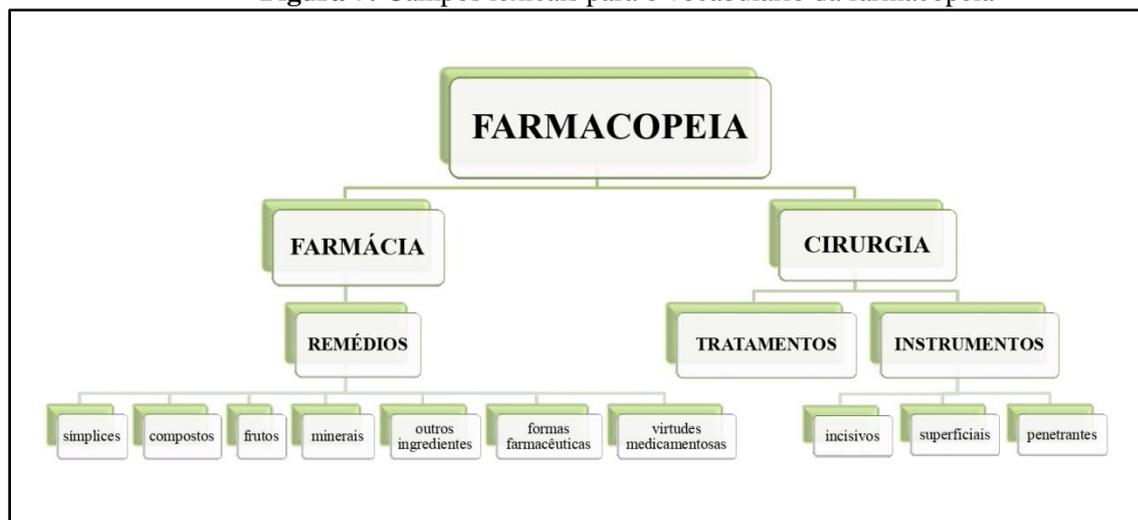
Uma vez que o substantivo pertence à classe da designação e se presta à nomeação dos seres, fizemos uso deste enquanto unidade de base de nosso vocabulário. Vale ressaltar que registramos tanto as lexias simples como as lexias complexas pertencentes à classe gramatical dos substantivos que mais se identificam com a unidade lexical especializada na sua função máxima de denominar, significar e referir.

Na organização de nosso vocabulário, respeitamos as relações semânticas existentes entre as unidades lexicais, de modo a reuni-las num mesmo campo conceitual. A partir do arquilexema “Farmacopeia”, estabelecemos dois macrocampos lexicais, quais sejam: “Farmácia” e “Cirurgia”. Em relação ao primeiro, consideramos o campo lexical dos “remédios”, de onde resultam os microcampos lexicais: ‘simplices’, ‘compostos’, ‘frutos’,

‘minerais’, ‘outros ingredientes’, ‘formas farmacêuticas’ e ‘virtudes medicamentosas’. Para o segundo, determinamos os campos lexicais “tratamentos” e “instrumentos”, dos quais o segundo se subdivide nos seguintes microcampos lexicais: ‘incisivos’, ‘superficiais’ e ‘penetrantes’.

A figura 7, a seguir, ilustra a hierarquia estabelecida para o vocabulário da farmacopeia.

Figura 7: Campos lexicais para o vocabulário da farmacopeia



Fonte: Elaboração própria.

Tomando por base as informações da figura 7, todo o conjunto de lexemas extraído de nosso *corpus* pertence aos domínios da “Farmácia” e/ ou da “Cirurgia” que, por sua vez, estão inseridos numa relação arquilexêmica no âmbito da “Farmacopeia”.

Conforme mencionado, para o subitem “Farmácia” criamos o campo lexical dos “remédios” e os microcampos relacionados: ‘símplices’, ‘compostos’, ‘frutos’, ‘minerais’, ‘outros ingredientes’, ‘formas farmacêuticas’ e ‘virtudes medicamentosas’. Interessam-nos especialmente, desde o início da pesquisa, no entanto, os substantivos que designam “símplices”, isto é, <<Hervas medicinaes>> (BLUTEAU, 1712/1728, v. 7, p. 650). Entretanto, no sentido de contemplarmos todos os lexemas recolhidos e de efetuarmos um recorte dos símplices que, ademais, se prestarão a uma análise léxico-semântica, houve necessidade de classificarmos as unidades lexicais recolhidas, distribuindo-as em diferentes microcampos lexicais. Assim, seguindo o mesmo princípio, classificamos as unidades lexicais referentes ao macrocampo da “Cirurgia”, para o qual determinamos os campos lexicais dos “tratamentos” e dos “instrumentos”, também subdividido em microcampos (‘incisivos’, ‘superficiais’ e ‘penetrantes’). Para tal divisão, além de apoiarmo-nos no discurso médico do

século XVIII, fizemos uso de dicionários contemporâneos às obras que compõem nosso *corpus*, com o intuito de encontrar indícios ou marcas linguísticas que pudessem comprovar o grau de especialidade de tais unidades.

A nomenclatura de nosso vocabulário de especialidade, isto é, a sequência de unidades lexicais selecionadas denominadas “entradas”, que compõe a obra de referência proposta, encontra-se exposta no apêndice A deste trabalho.

A relação completa das unidades lexicais distribuídas em campos lexicais pode ser conferida no quadro 4, a seguir. Tais unidades (lexemas) estão dispostas de acordo com os campos lexicais a que pertencem, verticalmente, em ordem alfabética, de acordo com a grafia atual, acompanhadas da respectiva classe gramatical. São seguidas ainda pelas formas em que se realizam no discurso (lexias), precedidas do número de ocorrências no *corpus*.

Quadro 4: Unidades lexicais de especialidade distribuídas em campos lexicais

| Arquilexema: FARMACOPEIA | |
|--------------------------------------|--|
| Macrocampo lexical: FARMÁCIA | |
| Campo lexical: REMÉDIOS | |
| Microcampo lexical: símplices | |
| lexema + classe gramatical | n. de ocorrências no <i>corpus</i> + lexias |
| abóbora d'água s.f. | 1 abobara de agua |
| abrótea s.f. | 1 abrotea |
| abútua s.f. | 35 butua |
| açafraão s.m. | 1 acafraõ |
| | 14 açafraõ |
| | 4 alfafraõ |
| açucena s.f. | 1 affucenas |
| agrimônia s.f. | 4 agrimonia |
| aipo s.m. | 6 aypo |
| alcaçuz s.m. | 6 alcaçús |
| alcaparra s.f. | 1 alcaparras |
| alcaravia s.f. | 2 alcorovia |
| alcatira s.f. | 5 alquitira |
| alecrim s.m. | 34 alecrim |
| alfavaca s.f. | 8 alfavaca |
| alfavaca-de-cobra s.f. | 2 alfavaca de cobra |
| alfazema s.f. | 1 alfazema |
| alforva s.f. | 1 alforvas |
| algodão s.m. | 15 algodaõ |
| | 1 algodoens |
| | 1 algodão |
| alho s.m. | 3 alho |
| | 13 alhos |
| alho-porro s.m. | 1 alhos porros |
| aliária s.f. | 1 alearia |
| almeirão s.m. | 2 almeiraõ |

| | | |
|-------------------------|----|--------------------|
| | 23 | almeirão |
| almeirão silvestre s.m. | 2 | almeirão fylvestre |
| alteia s.f. | 2 | althea |
| angelim s.m. | 2 | angelim |
| anterino s.m. | 1 | anterrhino |
| aristolóquia s.f. | 1 | aristoloquia |
| arroz de telhado s.m. | 1 | arroz de relhado |
| arruda s.f. | 48 | arruda |
| artemísia s.f. | 1 | artemizia |
| | 9 | artimija |
| | 1 | artimizia |
| aspargo s.m. | 3 | espargos |
| aveia s.f. | 4 | aveya |
| avenca s.f. | 8 | avenca |
| | 1 | avença |
| azedas s.f. | 4 | azedas |
| balaústa s.f. | 1 | balauftias |
| bálsamo s.m. | 22 | ballamo |
| bardana s.f. | 7 | bardana |
| beldroega s.f. | 20 | beldroegas |
| betônica s.f. | 1 | bertonica |
| borragem s.f. | 15 | borragens |
| | 3 | borrages |
| briônia s.f. | 1 | brionia |
| cana s.f. | 17 | cana |
| cana-de-açúcar s.f. | 2 | cana de affucar |
| canafístula s.f. | 1 | canafítola |
| | 1 | canafítula |
| canela s.f. | 1 | canela |
| | 17 | canella |
| | 1 | canel |
| cansação s.m. | 3 | caçamfaõ |
| capeba s.f. | 56 | capeba |
| | 1 | capéba |
| | 1 | capela |
| caraíba s.f. | 1 | caraíbas |
| cardamomo s.m. | 1 | cardamomo |
| cardo s.m. | 9 | cardo |
| cardo-santo s.m. | 3 | cardo fanto |
| | 1 | cardo fantó |
| caroba s.f. | 1 | carob |
| | 12 | caroba |
| caroba-do-campo s.f. | 3 | caroba do campo |
| carrapato s.m. | 1 | carrapato |
| carrapicho s.m. | 1 | carrapicho |
| | 1 | cartapicho |
| carurú-de-espinho s.m. | 1 | carerú de espinho |
| | 2 | carerús de espinho |
| cato s.m. | 2 | catto |
| cebola s.f. | 3 | cebola |
| | 1 | cebolas |
| | 9 | cebolla |
| | 5 | cebollas |

| | | |
|----------------------|-----------------------|---|
| cebola-branca s.f. | 1 1 2 | cebola branca cebolla branca cebollas brancas |
| cedro s.m. | 1 | cedro |
| centáurea-menor s.f. | 2 | centaurea menor |
| centeio s.m. | 1 | fenteio |
| cevada s.f. | 17 2 | cevada fevada |
| cheiroso s.m. | 1 | cheirozo |
| chicória s.f. | 19 1 | chicoria chicorias |
| cinamomo s.m. | 1 | cinamomo |
| cipó s.m. | 3 1 | cipó cipós |
| cipreste s.m. | 6 | ciprefte |
| coalho de lebre s.m. | 1 | coalho de lebre |
| cocleária s.f. | 1 4 | coclear coclearia |
| coentro s.m. | 1 | coentros |
| coloquintida s.f. | 1 3 | colloquintidas coloquintidas |
| cominho s.m. | 1 | cominhos |
| contra-erva s.f. | 1 3 | contraherva contra herva |
| copaíba s.f. | 2 2 2 1 1 | copaiba copauba copaúba cupaiva cupauba |
| coral s.m. | 22 | coral |
| coral-rubro s.m. | 1 2 | coral rubr coral rubro |
| coral-vermelho s.m. | 2 | coral vermelho |
| corindiúba s.f. | 1 | corindiuba |
| coroa-de-rei s.f. | 1 | coroa de rey |
| couve s.f. | 4 4 4 1 | couve couves cove coves |
| couve-branca s.f. | 3 | cove branca |
| couve-verde s.f. | 1 | couve verde |
| couve-vermelha s.f. | 1 | coves vermelhas |
| craveiro s.m. | 1 | craveyro |
| cravo s.m. | 7 11 | cravo cravos |
| cravo-da-índia s.m. | 3 | cravo da india |
| cubeba s.f. | 1 | cubebas |
| cumari s.f. | 1 | comaris |
| dormideira s.f. | 7 | dormideyras |
| douradinha s.f. | 5 | douradinha |
| embaúba s.f. | 1 3 8 | embauba embaúba embaûba |

| | | |
|--------------------------|----|----------------------|
| engos s.m.pl. | 1 | engos |
| erva s.f. | 91 | herva |
| | 30 | hervas |
| | 1 | hierva |
| erva-capitão s.f. | 1 | hervas capitaes |
| erva-cidreira s.f. | 1 | herva cidreira |
| | 1 | herva cidreyra |
| erva-de-bicho s.f. | 2 | herva do bicho |
| | 1 | hierva do bicho |
| erva-de-santa-maria s.f. | 4 | herva de santa Maria |
| erva-doce s.f. | 3 | herva doce |
| erva-lombrigueira s.f. | 1 | herva lombrigueyra |
| erva-moura s.f. | 3 | herva moura |
| erva-pulgueira s.f. | 1 | herva pulgueyra |
| erva-sacra s.f. | 1 | herva sacra |
| erva-santa s.f. | 1 | herva fanta |
| escabiosa s.f. | 1 | escabiofa |
| escamônea s.f. | 1 | escamonea |
| escorcioneira s.f. | 2 | escorcioneira |
| | 4 | escorcioneyra |
| escórdio s.m. | 1 | escordio |
| espargo s.m. | 3 | espargos |
| espicanardo s.m. | 1 | espicanardi |
| estoraque s.m. | 2 | estoraque |
| eufórbio s.m. | 3 | euforbio |
| eufórbio-real s.m. | 1 | euforbio real |
| fava s.f. | 3 | fava |
| | 5 | favas |
| fedegoso s.m. | 2 | fedegofo |
| figueira s.f. | 5 | figueyra |
| fragária s.f. | 1 | fragaria |
| fumária s.f. | 1 | fumaria |
| fumo s.m. | 1 | fummo |
| | 20 | fumo |
| fumo-bravo s.m. | 1 | fumo bravo |
| funcho s.m. | 14 | funcho |
| | 1 | funcho |
| galanga s.f. | 1 | galanga |
| genciana s.f. | 2 | genciana |
| | 2 | jenciana |
| gergelim s.m. | 1 | gergelim |
| gengibre s.m. | 14 | gingibre |
| | 1 | gingivre |
| gilbarbeira s.f. | 1 | gilbarbeyra |
| golfão s.m. | 1 | golfãos |
| grama s.f. | 8 | grama |
| grão-de-bico s.m. | 1 | grãos de bico |
| heléboro s.m. | 3 | eleboro |
| heléboro-negro s.m. | 1 | eleboro negro |
| hematita s.f. | 1 | ematites |
| hermodátilo s.m. | 1 | hermodatiles |
| hipericão s.m. | 1 | epiricaõ |
| hissopo s.m. | 3 | hyfopo |

| | | |
|----------------------|----|----------------|
| | 1 | hyffopo |
| hortaliça s.f. | 1 | hortaliça |
| hortelã s.f. | 7 | hortelã |
| | 1 | ortelaã |
| | 1 | ortelã |
| | 2 | ortelãa |
| ipecacuanha s.f. | 1 | hiepicoaquanhu |
| | 1 | pacacoanha |
| | 1 | pacacuanha |
| | 1 | pacaquoanha |
| | 1 | pacaquoanna |
| iva-artética s.f. | 1 | iva artetica |
| jaborandi s.m. | 3 | jabarandi |
| jacinto s.m. | 3 | jacinthos |
| | 2 | jacinto |
| | 2 | jacintos |
| jalapa s.f. | 2 | jalap |
| | 38 | jalapa |
| jequeri s.m. | 1 | jequeris |
| jenipapo s.m. | 2 | ginipapos |
| juá s.m. | 1 | joazes |
| juá-bravo s.m. | 1 | joazes bravos |
| jurubeba s.f. | 1 | jubeba |
| | 1 | jurobeba |
| labaça s.f. | 1 | labaças |
| laranja s.f. | 6 | laranja |
| | 2 | laranjas |
| laranja-azedada s.f. | 2 | laranja azeda |
| língua-de-vaca s.f. | 1 | lingua de vaca |
| linhaça s.f. | 5 | linhaça |
| linho s.m. | 33 | linho |
| lírio s.m. | 3 | lirio |
| | 2 | lyrio |
| | 1 | yrio |
| lírio-cardeno s.m. | 1 | lirio cardano |
| lírio-roxo s.m. | 1 | lirio roxo |
| losna s.f. | 12 | lofna |
| macela s.f. | 5 | macella |
| macis s.m. | 1 | maffis |
| malagueta s.f. | 3 | malaguetas |
| mal-casada s.f. | 1 | mal cafada |
| malvaíscio s.m. | 3 | malvaifco |
| malva s.f. | 27 | malvas |
| mamona s.f. | 7 | mamona |
| maná s.m. | 1 | manna |
| | 37 | manná |
| | 2 | maná |
| mandrágora s.f. | 1 | mandragora |
| manjeriçã s.m. | 1 | manjaricaõ |
| manjerona s.f. | 2 | manjerona |
| marcietã s.m. | 1 | marcietã |
| marmelo s.m. | 1 | marmello |
| | 1 | marmellos |

| | | |
|--------------------------|----|-----------------------|
| | 2 | marmelos |
| mastruço s.m. | 1 | mafrucos |
| | 1 | mafruç |
| | 1 | mastruço |
| | 12 | mastruços |
| mastruço-aquático s.m. | 1 | mastruço aquatico |
| mastruço-verdadeiro s.m. | 1 | mastruços verdadeyros |
| mata-pasto s.m. | 2 | matapasto |
| meimendro s.m. | 1 | meimendro |
| | 2 | meymendro |
| mentrasto s.m. | 5 | mentraftos |
| mil-homens s.m. | 3 | milhomens |
| mostarda s.f. | 4 | mostarda |
| murta s.f. | 4 | murta |
| nêveda s.f. | 2 | neveda |
| noz s.f. | 10 | noz |
| noz-moscada s.f. | 3 | noz nofcada |
| ópio s.m. | 7 | opio |
| orelha-de-onça s.f. | 2 | orelha de onça |
| orégano s.m. | 1 | ouregaõs |
| | 1 | ouregos |
| | 1 | aregaõ |
| palha s.f. | 4 | palha |
| papoula s.f. | 1 | papoiias |
| | 3 | papoilas |
| | 5 | papoulas |
| | 8 | papoylas |
| papoula-vermelha s.f. | 1 | papoulas vermelhas |
| | 1 | papoylas vermelhas |
| parietária s.f. | 2 | parietaria |
| pariparoba s.f. | 1 | periparoba |
| parreira s.f. | 3 | parreyra |
| | 3 | parreyras |
| parreira-brava s.f. | 1 | parreyra brava |
| pato s.m. | 3 | pato |
| pau-de-sassafrás s.m. | 1 | páo de fallafraz |
| | 2 | páo de falfafraz |
| pau-santo s.m. | 1 | páo fanto |
| pés colombinos s.m.pl. | 1 | pefcolombinos |
| picão s.m. | 6 | picaõ |
| pimpinela s.f. | 1 | pimpinella |
| pinhão s.m. | 3 | pinhaõ |
| poaia s.f. | 4 | poalha |
| | 2 | poalhá |
| poejo s.m. | 8 | poejos |
| quina s.f. | 1 | quina |
| quinaquina s.f. | 4 | quinaquina |
| quintilho s.m. | 3 | quintilio |
| rábão s.m. | 7 | rabaõ |
| | 3 | rabaõs |
| raiz da china s.f. | 4 | raiz da china |
| resina s.f. | 1 | rezin |
| | 71 | rezina |

| | |
|-----------------------------|--|
| rosa s.f. | 2 rozas 10 rofas |
| rosmaninho s.m. | 3 rofmaninho |
| <i>rubia tinctorum</i> lat. | 1 rubia tinctorum |
| ruibarbo s.m. | 5 ruibarbo 1 ruybarbo |
| sabugo s.m. | 5 fabugo |
| salsa s.f. | 2 salfa 53 falfa 1 falfas |
| salsaparrilha s.f. | 1 salf parril 2 salfa parrilha 1 falfa parrilha |
| sálvia s.f. | 2 falva |
| samambaia s.f. | 1 fambambaia |
| sândalo s.m. | 4 fandalos |
| sândalo branco s.m. | 1 fandalos brancos |
| sândalo vermelho s.m. | 1 fandalos vermelhos |
| sapé s.m. | 1 sapé 1 fapé 5 fapé |
| sassafrás s.m. | 1 fallafraz 4 falfafraz 1 falfafrás 3 fallafraz |
| sassafrás verdadeiro s.m. | 1 fallafraz verdadeyro |
| sene s.m. | 1 senne 2 fene 22 fenne |
| serralha s.f. | 2 farralha |
| tabaco s.m. | 12 tabaco |
| tabaco de fumo s.m. | 1 tabaco de fumo |
| tanchagem s.f. | 62 tanchagem 1 tancliagem 1 ranchagem |
| tormentilha s.f. | 1 tormentilla |
| tremoço s.m. | 4 tremoços |
| trevo-cheiroso s.m. | 1 trevo do cheirozo |
| tripoeirana (?)* | 1 tripoeyrana 1 tripojana |
| trovisco s.m. | 1 trovifco |
| unha-de-cavalo s.f. | 1 unha de cavallo |
| unha-de-vaca-preta s.f. | 1 unha de vacca preta |
| urgebão s.m. | 2 urgebaõ 2 orgevaõ 1 horjevaõ |
| urucum s.m. | 1 urucu 4 urucú |
| uva-de-cão s.f. | 1 uvas de caõ |
| urtiga s.f. | 2 hortigas |
| urtiga-morta s.f. | 1 hortigas mortas |
| velame s.m. | 1 velame |
| verbena s.f. | 1 berbena |

| | | |
|--|-----------------------------------|--------------------------|
| vide s.f. | 1 | vide |
| viola s.f. | 26 | violas |
| visco s.m. | 1 | vífco |
| * Não encontramos o lexema ideal para tais lexias, mas pelo contexto em que ocorrem fica claro que se trata de símplice. | | |
| Arquilexema: FARMACOPEIA | | |
| Macrocampo lexical: FARMÁCIA | | |
| Campo lexical: REMÉDIOS | | |
| Microcampo lexical: compostos | | |
| lexema + classe gramatical | n. de ocorrências + lexias | |
| água aluminosa s.f. | 1 | agua aluminofa |
| água anti-hidrópica s.f. | 1 | agua antidropica |
| água benedicta s.f. | 2 | agua benedicta |
| água cordial s.f. | 2 | agua cordeal |
| | 3 | aguas cordeaes |
| água da Rainha de Hungria s.f. | 7 | agua da rainha de Ungria |
| água de agresta s.f. | 1 | agua de agrefta |
| água de almeirão s.f. | 4 | agua de almeyraõ |
| água de azougue s.f. | 1 | agua de azougue vivo |
| água de beldroega s.f. | 3 | agua de beldroegas |
| água de borragem s.f. | 1 | agua de barragens |
| | 2 | agua de borragens |
| água de cal virgem s.f. | 1 | agua de cal virgem |
| água de canela s.f. | 1 | agua de canella |
| água de capeba s.f. | 5 | agua de capeba |
| água de cardo-santo s.f. | 2 | agua de cardo fanto |
| água de cerejas negras s.f. | 1 | agua de cerejas negras |
| água de cevada s.f. | 5 | agua de cevada |
| água de chá s.f. | 9 | agua de chá |
| | 2 | agua do chá |
| água de chicória s.f. | 1 | agua de chicoria |
| água de erva-cidreira s.f. | 2 | agua de herva cidreyra |
| | 1 | agua de herva cidreira |
| água de escorcioneira s.f. | 1 | agua de efcorcioneyra |
| água de esperma ranarum s.f. | 1 | agua de esperma ranarum |
| água de flor s.f. | 7 | agua de flor |
| água de flor de chicória s.f. | 1 | agua de flor de chicoria |
| água de flor de fava s.f. | 1 | agua de flor de favas |
| água de flor de laranja s.f. | 1 | agua de flor de laranja |
| água de flor de sabugo s.f. | 3 | agua de flor de fabugo |
| água de goma-arábica s.f. | 1 | agua de goma Arabia |
| água de Inglaterra s.f. | 1 | agua de inglaterra |
| água de malva s.f. | 4 | agua de malvas |
| água de manjerona s.f. | 1 | agua de manjerona |
| água de papoula s.f. | 2 | agua de papoylas |
| água de poejo s.f. | 1 | agua de poejos |
| água de raiz de capeba s.f. | 5 | agua de raiz de capeba |
| água de raiz de salsa s.f. | 5 | agua de raiz de falfa |
| água de ruibarbo s.f. | 1 | agua de ruibarbo |
| água de salsa s.f. | 22 | agua de falfa |
| água de tanchagem s.f. | 25 | agua de tanchagem |

| | | |
|-------------------------------------|-------------------------------|---|
| água de urtiga s.f. | 1 | agua de hortigas |
| água do francês s.f. | 1 | agua do Francez |
| água essencial s.f. | 1 | agua effencial |
| água ferrada s.f. | 1 | agua ferrada |
| água forte s.f. | 5 | agua forte |
| água-mel s.f. | 1 | agua mel |
| água mercurial s.f. | 1 | agua mercurial |
| aguardente s.f. | 1 21 1 273 1 1 | aguaardente aguardente agua ardende agua ardente agua arderente aguas ardentis |
| aguardente canforada s.f. | 1 | agua ardente alcanforada |
| aguardente de cana s.f. | 1 | aguardente de cana |
| aguardente do reino s.f. | 56 2 | agua ardente do reyno agua ardente doreyno |
| aguardente fina s.f. | 6 1 | agua ardente fina agua ardente fina |
| água rosada s.f. | 18 | agua rofada |
| água-ruça s.f. | 2 | agua ruffa |
| água salgada s.f. | 2 | agua falgada |
| água serpentina s.f. | 1 2 1 | agua ferpelima agua ferpelina agua ferpetina |
| água triacal s.f. | 1 | agua triacal |
| água vitriolada s.f. | 1 | agua vitriolada |
| ajuda emoliente s.f. | 1 | ajudas emolientes |
| ajuda purgativa s.f. | 5 16 | ajuda purgativa ajudas purgativas |
| ajuda substancial s.f. | 1 | ajudas fultanciaes |
| álcool de carne de víbora s.m. | 1 | alcohol de carne de vibora |
| amendoada s.f. | 11 7 | amendoada amendoadas |
| amolada s.f. | 1 | amolada |
| apózema s.m. | 1 2 1 1 | apozemas apofimas apofmas appofimas |
| arcano s.m. | 2 | arcanum |
| aromático rosado s.m. | 1 | aromatico rofado |
| arrobe s.m. | 2 | arrobe |
| azeite rosado s.m. | 1 | azeyte rofado |
| bálsamo anódino s.m. | 1 | balfamo anodino |
| bálsamo católico s.m. | 3 | balfamo catholico |
| bálsamo de aparício s.m. | 5 | balfamo de aparicio |
| bálsamo lucatel s.m. | 1 | balfamo lucatel |
| bálsamo <i>proprietatis</i> s.m. | 1 | balfamo proprietatis |
| bálsamo sulfúreo terebintinado s.m. | 1 1 | balfamo sulfureo terebintinado balfamo sulphuris terebintinado |
| bebida continuada s.f. | 2 | bebida continuada |
| bebida corroborante s.f. | 1 | bebida corroborante |
| bebida vulnerária s.f. | 5 | bebida vulneraria |

| | | |
|-----------------------------------|----|------------------------------|
| | 3 | bebidas vulnerarias |
| bezoártico s.m. | 7 | bezoartico |
| bezoártico de curvo s.m. | 1 | bezoartico de curvo |
| | 1 | bezoartico do curvo |
| bezoártico jovial s.m. | 1 | bezoartico jovial |
| bezoártico potável s.m. | 1 | bezoartico potavel |
| bezoártico verdadeiro s.m. | 1 | bezoartico verdadeiro |
| | 1 | bezoartico verdadeyro |
| cacheça s.f. | 10 | cacheça |
| | 1 | cachaffa |
| | 1 | carbaça |
| cacheça-de-cabeça s.f. | 1 | cachaffa de cabeça |
| caldo de frango s.m. | 1 | caldos de frango |
| caldo de galinha s.m. | 1 | caldo de gallihha |
| | 11 | caldo de gallinha |
| | 1 | caldos de gallinha |
| | 1 | caldos de gallinhas |
| | 1 | calda de gallinha |
| caldo de galo s.m. | 1 | caldo de gallo |
| calomelano s.m. | 1 | calomelan |
| | 8 | calomelanos |
| | 3 | calomellanos |
| calomelano turquesco s.m. | 1 | calomelan turq |
| | 1 | calomelanos turquescos |
| | 1 | calomelanos turquefcos |
| | 2 | calomellanos turquefcos |
| casquinha s.f. | 1 | caquinha |
| castóreo s.m. | 7 | caftorio |
| cautério s.m. | 1 | caurerio |
| | 13 | cauterio |
| | 16 | cauterios |
| cáustico s.m. | 1 | caullicos |
| | 4 | caufticos |
| colírio branco s.m. | 1 | collirio branco |
| colírio de milagre s.m. | 1 | collirio de milagre |
| diagrídio s.m. | 8 | diagridio |
| dialtéa s.f. | 1 | dialtéa |
| diamusco doce s.m. | 1 | diamofco doce |
| diapalmo s.m. | 8 | diapalma |
| diaquilão s.m. | 2 | diaquilaõ |
| diascórdio s.m. | 1 | diascordio |
| diatártaro s.m. | 1 | diatartaro |
| digestivo s.m. | 7 | digestivo |
| eletuário s.m. | 2 | electuario |
| | 1 | ieictuario |
| elixir s.m. | 2 | elixir |
| emplastro carminativo s.m. | 1 | emplastro carminativo |
| emplastro confortativo s.m. | 1 | emplastros confortativos |
| | 2 | emplastro confortativo |
| | 1 | emplastros confortativos |
| emplastro diapalma s.m. | 1 | emplastro diapalma |
| emplastro diaquilão menor s.m. | 1 | emplastro diaquilaõ menor |
| emplastro estítico de crólio s.m. | 1 | emplastro eftitico de Crolio |

| | | |
|--------------------------------------|----|------------------------------|
| emplastro <i>fili zacharias</i> s.m. | 1 | emplaſto filii zacarias |
| emplastro goma elemei s.m. | 1 | emplaſto gumielemi |
| emplastro <i>manus dei</i> s.m. | 1 | emplaſtro manuſdei |
| emplastro maturativo s.m. | 2 | emplaſto maturativo |
| | 1 | emplaſtos maturativos |
| emplastro <i>micapanis</i> s.m. | 1 | emplaſtro micapanis |
| emplastro resolutivo s.m. | 1 | emplaſto reſolutivo |
| emplastro saturno s.m. | 2 | emplaſto saturno |
| enxofre arsenical do solimão s.m. | 1 | enxofre arſenical do ſolimão |
| enxofre terebentinado s.m. | 1 | enxofre terebentinado |
| espermacete s.m. | 3 | eſpermacete |
| | 2 | eſperma ceti |
| geleia s.f. | 1 | geleas |
| | 2 | geléa |
| lambedor violado s.m. | 2 | lambedor violado |
| láudano s.m. | 17 | laudano |
| láudano-líquido s.m. | 4 | laudano liquido |
| láudano-opiado s.m. | 3 | laudano opiado |
| | 1 | laudano opiato |
| laxante s.m. | 2 | laxante |
| | 3 | laxantes |
| leite de terebintina s.m. | 1 | leyte de termentina |
| magistério s.m. | 4 | magiſterio |
| manteiga de antimônio s.f. | 2 | manteiga de antimonio |
| <i>manus dei</i> lat. | 1 | manus dei |
| | 2 | manuſdei |
| mercúrio doce s.m. | 3 | mercurio doce |
| | 1 | mercur doc |
| mitridato s.m. | 1 | mithridato |
| múmia s.f. | 3 | mumia |
| óleo de aparício s.m. | 1 | oleo de aparicio |
| | 1 | oleo de apparicio |
| óleo de castóreo s.m. | 1 | oleo de caſtorio |
| óleo de gema de ovo s.m. | 3 | oleo de gemas de ovos |
| óleo de ouro s.m. | 77 | oleo de ouro |
| | 1 | olèo de ourou |
| óleo de tártaro s.m. | 1 | oleo de tartaro |
| óleo laxativo s.m. | 1 | oleos laxativos |
| óleo rosado s.m. | 1 | oleo roſado |
| | 1 | oleo rozad |
| | 1 | oleo rozado |
| | 8 | oleo roſado |
| óleo rosado onfacino s.m. | 1 | oleo roſado offanfino |
| óleo violado s.m. | 4 | oleo violado |
| ouro diaforético s.m. | 1 | ouro diaforetico |
| ouro diagrídio sulfurado s.m. | 1 | ouro diagridio sulfurado |
| oximel s.m. | 3 | oximel |
| oxirrodino s.m. | 1 | xorrodino |
| papa s.f. | 25 | papas |
| | 1 | papinhas |
| parche s.m. | 9 | parche |
| | 5 | parches |
| | 1 | parxe |

| | | |
|-----------------------------------|----|---------------------------------|
| paſta de algodão s.f. | 1 | paſta de algodão |
| paſta de chumbo s.f. | 2 | paſta de chumbo |
| | 1 | paſtas de chumbo |
| peitoral s.m. | 3 | peytoraes |
| pílula capital s.f. | 1 | pirolas capitaes |
| pílula <i>lucis</i> s.f. | 1 | pirolas lucis |
| pílula meſentérica de lemeri s.f. | 1 | pirolas meſentericas de Lemeris |
| pó católico s.m. | 1 | pós catholicos |
| pó composto s.m. | 1 | pós compoſtos |
| pó confortante s.m. | 1 | pós confortantes |
| pó cornaquino s.m. | 2 | pós cornachinos |
| pó deſſecante s.m. | 1 | pós deſſecantes |
| pó reſtitivo s.m. | 1 | pós reſtitivos |
| poſca s.f. | 3 | poſca |
| pó ſimpático s.m. | 5 | pós ſympathicos |
| pó ſimples s.m. | 2 | pós ſimples |
| pó ſutil s.m. | 1 | pós ſutiliſſimos |
| | 1 | pós futis |
| | 1 | pós futiz |
| purga branda s.f. | 1 | purgas brandas |
| | 76 | purgas |
| | 2 | purguinhas |
| purga ſolutiva s.f. | 5 | purga ſolutiva |
| | 2 | purgas ſolutivas |
| purga capital s.f. | 6 | purgas capitaes |
| purga univerſal s.f. | 2 | purgas univerſaes |
| ſal volátil s.m. | 1 | ſal volatil |
| ſolimão s.m. | 11 | ſolimaõ |
| sopa de vinho s.f. | 1 | ſopa de vinho |
| ſoro s.m. | 1 | ſoros |
| | 5 | ſoros |
| ſudorífico s.m. | 3 | ſudorifico |
| | 3 | ſudorificos |
| <i>ſulphur tartari</i> lat. | 1 | <i>ſulphur tartari</i> |
| tártaro emético s.m. | 9 | tartaro emetico |
| | 1 | tartaró emetico |
| tártaro vitriolado s.m. | 2 | tartaro vitriolado |
| | 1 | tartataro vitriolado |
| tintura s.f. | 11 | tintura |
| | 6 | cintura |
| tintura de caſtório s.f. | 1 | tintura de caſtorio |
| tintura de ferro s.f. | 1 | tintura de ferro |
| tintura de papoula s.f. | 1 | tintura de papoillas |
| tintura de tártaro s.f. | 1 | tintura de tartaro |
| tintura martis s.f. | 1 | tintura martis |
| tisana s.f. | 9 | tizana |
| | 5 | tizanas |
| tisana de madame focquet s.f. | 1 | tizana de madama Focquet |
| triaga s.f. | 29 | triaga |
| | 6 | triagas |
| triaga braſílica s.f. | 1 | triaga braſilica |
| triaga de eſmeralda s.f. | 1 | triaga de eſmeraldas |
| triaga de múmia s.f. | 1 | triaga de mumia |

| | | |
|-------------------------------------|-----------------------------------|--|
| triaga magna s.f. | 10 | triaga magna |
| triaga cordial s.f. | 1 | triagas cordeaes |
| trocisco de alaandal s.m. | 1 | trocifcos de Alaandal |
| trocisco de cânfora s.m. | 1 | trocifcos de canfora |
| trocisco de fioravanto s.m. | 1 | trocifcos de fioravanto |
| trocisco <i>vitae</i> s.m. | 1 | trocifcos vitæ |
| unguento basilicão s.m. | 4 | unguento bazalicaõ |
| unguento basilicão amarelo s.m. | 2 | unguento bazalicaõ amarello |
| unguento basilicão preto s.m. | 3 | unguento bazalicaõ preto |
| unguento branco s.m. | 1 3 1 | ungento branco unguento branco unguento brãnc |
| unguento branco alcanforado s.m. | 1 | unguento branco alcanforado |
| unguento de encourar s.m. | 1 | unguento de encoyrar |
| unguento desopilativo s.m. | 2 | unguento defopilativo |
| unguento egipcíaco s.m. | 11 1 | unguento egypciaco unguento egypciaco |
| [unguento] <i>geminis</i> | 1 | geminis |
| unguento molificativo s.m. | 1 | unguento molificativo |
| unguento peitoral s.m. | 1 | unguento peytoral |
| unguento populão s.m. | 1 | unguento populiaõ |
| unguento rosado s.m. | 1 | unguento rofado |
| xarope áureo s.m. | 1 | xarope aureo |
| xarope de nicolau s.m. | 1 | xarope de nicolao |
| xarope rei s.m. | 1 1 | xarope de rey xarope rey |
| xarope emético s.m. | 1 | xarópe emetico |
| xarope laxante s.m. | 1 | xaropes laxantes |
| xarope pérsico s.m. | 3 | xarope perfico |
| xarope peitoral s.m. | 1 | xarope peytoral |
| xarope preparante s.m. | 1 3 1 | xaropes perparantes xaropes preparantes charopes preparantes |
| xarope rosado s.m. | 1 1 1 2 | xar rozad xarop rozad xarope rozado xarope rofado |
| Arquilexema: FARMACOPEIA | | |
| Macrocampo lexical: FARMÁCIA | | |
| Campo lexical: REMÉDIOS | | |
| Microcampo lexical: frutos | | |
| lexema + classe gramatical | n. de ocorrências + lexias | |
| abóbora s.f. | 5 | abobara |
| agraço s.m. | 1 | agraço |
| ameixa s.f. | 4 | ameyxas |
| amêndoa s.f. | 1 21 | amendoa amendoas |
| amêndoa amarga s.f. | 5 | amendoas amargofas |
| amêndoa doce s.f. | 15 | amendoas doces |
| amora s.f. | 2 | amoras |
| aveia s.f. | 4 | aveya |

| | | |
|-------------------------|--------------------|--|
| azeitona s.f. | 1 2 | azeitona azeitonas |
| baga de louro s.f. | 1 1 | baga de louro bagas de ouro |
| banana de São Tomé s.f. | 1 2 1 | banana de Saõ Thomé banana de S. Thomé bananas de S. Thomé |
| bicuíba s.f. | 1 1 10 | bicoiba bicoibas bicuibas |
| cabaça s.f. | 1 | cabaça |
| cabaço s.m. | 6 | cabaço |
| camoeza s.f. | 2 1 | camoezas camoezes |
| cereja s.f. | 2 | cerejas |
| cereja negra s.f. | 1 | cerejas negras |
| cidra s.f. | 7 | cidra |
| grão s.m. | 4 11 63 1 | graons graõ graõs grãos |
| laranja s.f. | 6 2 | laranja laranjas |
| laranja-azeda s.f. | 2 | laranja azeda |
| laranja bical s.f. | 1 | laranjas bicaes |
| limão s.m. | 31 4 1 | limaõ limoens limão |
| limão-azedo s.m. | 5 2 | limaõ azedo limoens azedos |
| limão-galego s.m. | 2 | limaõ gallego |
| maçã de anáfega s.f. | 1 | maçans de anafega |
| maçã de cipreste s.f. | 2 1 | maçans de cipreste maffans de cipreste |
| melancia s.f. | 9 | melancia |
| melão s.m. | 4 | melaõ |
| noz s.f. | 10 | noz |
| noz-moscada s.f. | 3 | noz nofcada |
| pepe s.m. | 1 | pépes |
| pimenta s.f. | 5 3 | pimenta pimentas |
| pimenta-do-reino s.f. | 1 | pimenta do reyno |
| pimenta-longa s.f. | 1 | pimenta longa |
| pimenta-negra s.f. | 1 | pimenta negra |
| pimenta-malagueta s.f. | 1 | pimentas malaguetas |
| pimentão s.m. | 2 | pimentoens |
| romã s.f. | 2 5 1 | romans romã romãa |
| romã azeda s.f. | 1 1 | romans azedas romã azeda |
| tâmara s.f. | 1 | tamaras |
| tepe s.f. | 1 | tépes |

| | | |
|-------------------------------------|-----------------------------------|-------------------------------|
| uva s.f. | 4 | uvas |
| Arquilexema: FARMACOPEIA | | |
| Macrocampo lexical: FARMÁCIA | | |
| Campo lexical: REMÉDIOS | | |
| Microcampo lexical: minerais | | |
| lexema + classe gramatical | n. de ocorrências + lexias | |
| aço s.m. | 5 | aço |
| antimônio s.m. | 1 | antimohio |
| | 1 | antimonii |
| | 12 | antimonio |
| antimônio diaforético s.m. | 9 | antimonio diaforetico |
| antimônio diaforético marcial s.m. | 1 | antimohio diaforetico marcial |
| | 6 | antimonio diaforetico marcial |
| azougue s.m. | 43 | azougue |
| azougue vivo s.m. | 9 | azougue vivo |
| bazar s.m. | 1 | bazar |
| | 1 | bazares |
| bolo-armênio s.m. | 7 | bollo armenio |
| | 2 | bolo armenio |
| cal s.f. | 14 | cal |
| cal virgem s.f. | 1 | cal virgem |
| cal viva s.f. | 1 | cal viva |
| caparrosa s.f. | 5 | caparrofa |
| caparrosa-branca s.f. | 1 | caparrofa branca |
| cerusa s.f. | 1 | cerufa |
| chumbo queimado s.m. | 1 | chumbo queymado |
| cinábrio s.m. | 2 | finabrio |
| cristal s.m. | 4 | cristal |
| | 6 | crystal |
| | 1 | chriatal |
| cristal mineral s.m. | 1 | chriatal mineral |
| enxofre s.m. | 23 | enxofre |
| enxofre virgem s.m. | 1 | enxofre virgem |
| esmeralda s.f. | 1 | efmeralda |
| | 4 | efmeraldas |
| ferro s.m. | 26 | ferro |
| | 2 | ferros |
| ferrugem s.f. | 13 | ferrugem |
| fezes de ouro s.f.pl. | 2 | fezes de ouro |
| flor de enxofre s.f. | 2 | flores de enxofre |
| folha de ouro s.f. | 2 | folhas de ouro |
| gesso s.m. | 1 | geffo |
| litargírio de ouro s.m. | 1 | litargirio de ouro |
| madrepérola s.f. | 1 | madre perola |
| mercúrio s.m. | 1 | mercur |
| | 33 | mercurio |
| | 1 | mercurios |
| mínio s.m. | 2 | minio |
| nitro s.m. | 2 | nitro |
| ouro s.m. | 160 | ouro |
| pedra s.f. | 83 | pedra |
| | 24 | pedras |

| | | |
|--|-----------------------------------|-------------------|
| pedra calaminar s.f. | 1 | pedra calaminar |
| pedra candar s.f. | 1 | pedra candar |
| pedra cordial s.f. | 1 | pedra cordial |
| | 1 | pedras cordeaes |
| pedra de cevar s.f. | 1 | pedra de cevar |
| pedra de mombaça s.f. | 1 | pedra de mombaça |
| pedra de sal s.f. | 2 | pedra de fal |
| | 3 | pedras de fal |
| pedra-lipes s.f. | 1 | pedralipsis |
| | 3 | pedra lipis |
| | 1 | pedra lipís |
| | 1 | pedrinha lipis |
| pedra-pomes s.f. | 1 | pedra pomes |
| pedra quadrada s.f. | 1 | pedra quadrada |
| pedra-ume s.f. | 1 | pedra huma |
| | 2 | pedra hume |
| | 3 | pedra humi |
| rom s.m. | 8 | rom |
| sal s.m. | 1 | sal |
| | 86 | fal |
| sal acre s.m. | 1 | fal acre |
| sal amoníaco s.m. | 2 | fal armoniaco |
| sal catártico s.m. | 1 | fal catartico |
| sal de chumbo s.m. | 1 | sal de chumbo |
| | 1 | fal de chumb |
| | 1 | fal de chumbo |
| sal de engos s.m. | 1 | fal de engos |
| sal de losna s.m. | 2 | fal de lofna |
| sal do reino s.m. | 1 | fal do reyno |
| | 1 | faldo reyno |
| sal de tártaro s.m. | 1 | fal de tartaro |
| | 3 | fal tartaro |
| salitre s.m. | 1 | salitre |
| | 2 | falitre |
| salitre da índia s.m. | 1 | salitre da índia |
| sal prunel s.m. | 1 | fal prunel |
| tincal s.m. | 3 | trincal |
| tincal veneziano s.m. | 1 | trincal venefiano |
| topázio s.m. | 1 | topafio |
| tutia s.f. | 1 | tutia |
| | 1 | tutía |
| | 3 | tutíã |
| verdete s.m. | 10 | verdete |
| Arquilexema: FARMACOPEIA | | |
| Macrocampo lexical: FARMÁCIA | | |
| Campo lexical: REMÉDIOS | | |
| Microcampo lexical: outros ingredientes | | |
| lexema + classe gramatical | n. de ocorrências + lexias | |
| açúcar s.m. | 1 | afucar |
| | 93 | afucar |
| | 1 | afuccar |
| açúcar branco s.m. | 4 | afucar branco |

| | | |
|--------------------------|-----|------------------------------|
| açúcar-cândi s.m. | 1 | affucar candil |
| açúcar de chumbo s.m. | 5 | affucar de chumbo |
| açúcar fino s.m. | 3 | affucar fino |
| açúcar rosado s.m. | 2 | affucar rofado |
| agárico s.m. | 2 | agarico |
| água s.f. | 913 | agua |
| | 41 | aguas |
| água de chuva s.f. | 1 | aguas da chuva |
| água de cisterna s.f. | 2 | agua de cisterna |
| água de fonte s.f. | 12 | agua da fonte |
| água destilada s.f. | 2 | agua distilada |
| | 1 | aguas distilladas |
| água doce s.f. | 2 | agua doce |
| água do mar s.f. | 2 | agua do mar |
| água engrossante s.f. | 1 | agua engrossante |
| água frescada s.f. | 1 | agua frescadas |
| alambre s.m. | 6 | alambre |
| | 3 | alambres |
| alcanfor s.m. | 8 | alcanfor |
| algália s.f. | 3 | algalia |
| aljôfar s.m. | 2 | aljofar |
| almécega s.f. | 19 | almecega |
| | 1 | alrnecega |
| almíscar s.m. | 7 | almifcar |
| alva de cão s.f. | 1 | alva de caõ |
| alvaiade s.m. | 1 | alvaiad |
| | 14 | alvayade |
| âmbar s.m. | 5 | ambar |
| anil s.m. | 1 | anil |
| assa-fétida s.f. | 1 | affafetid |
| | 3 | affafetida |
| azebre s.m. | 7 | azebre |
| | 1 | azevre |
| azebre hepático s.m. | 2 | azebre epatico |
| azeite s.m. | 5 | azeite |
| | 74 | azeyte |
| | 1 | azeytes |
| azeite comum s.m. | 1 | azeite commum |
| | 7 | azeyte commum |
| azeite de carrapato s.m. | 1 | azeyte de carrapato |
| azeite de mamona s.m. | 5 | azeyte de mamona |
| azeite doce s.m. | 2 | azeite doce |
| | 15 | azeyte doce |
| | 1 | azeyte dose |
| baço de boi s.m. | 1 | baço de boy |
| bálsamo s.m. | 22 | balfamo |
| bálsamo de copaíba s.m. | 1 | balfamo (ou oleo) de copauba |
| bálsamo de enxofre s.m. | 1 | balfamo de enxofre |
| bálsamo peruviano s.m. | 1 | balfamo peru viano |
| banha s.f. | 12 | banha |
| batata s.f. | 34 | batata |
| | 3 | batatas |
| bdélio s.m. | 1 | bedelio |

| | | |
|------------------------------|----|--------------------------|
| belide s.f. | 1 | belide |
| belis do prado s.f. | 1 | belis do prado |
| benjoim s.m. | 1 | bejoim |
| | 1 | beyjim |
| bicho-de-conta s.m. | 1 | bichos de conta |
| bosta s.f. | 6 | bofta |
| breu s.m. | 9 | breu |
| cabelo s.m. | 20 | cabello |
| | 12 | cabellos |
| calda de doce s.f. | 1 | calda de doce |
| caldo de cana s.m. | 1 | caldo de cana |
| cânfora s.f. | 3 | canfora |
| cantárida s.f. | 4 | cantaridas |
| capão s.m. | 5 | capaõ |
| | 1 | capoens |
| caracol s.m. | 1 | caracol |
| caranguejo s.m. | 2 | caranguejo |
| | 2 | caranguejos |
| | 2 | carang |
| carimã s.m.f. | 1 | carimá |
| carrapato s.m. | 1 | carrapato |
| casca de ostra s.f. | 1 | cafcas das oftras |
| casca de ovo s.f. | 1 | cafcas de ovos |
| | 1 | cafcas dos ovos |
| cera s.f. | 31 | cera |
| cera bela s.f. | 1 | cerabel. |
| | 1 | cerabella |
| | 2 | cera bella |
| cera branca s.f. | 1 | cera branca |
| cera da terra s.f. | 3 | cera da terra |
| cera nova s.f. | 1 | cera nova |
| cera preta s.f. | 1 | cera preta |
| cera verde s.f. | 1 | cera verde |
| cera virgem s.f. | 1 | cera virgem |
| chocolate s.m. | 7 | chocolate |
| cinza s.f. | 13 | cinza |
| | 4 | cinzas |
| clara s.f. | 23 | clara |
| | 35 | claras |
| conserva pêsica s.f. | 1 | conferva perfica |
| coral s.m. | 22 | coral |
| cremor de tártaro s.m. | 1 | crémortártaro |
| | 1 | crem tartar |
| | 3 | cremor tartari |
| | 1 | cremores de tartaro |
| dente de porco barrasco s.m. | 1 | dente de porco barrafco |
| enxúndia s.f. | 15 | enxundia |
| <i>esperma ranarum</i> lat. | 1 | esperma ranarum |
| esterco s.m. | 28 | esterco |
| farelo de milho grosso s.m. | 4 | farellos de milho groffo |
| farinha s.f. | 29 | farinha |
| farinha de arroz s.f. | 1 | farinha de arroz |

| | | |
|--------------------------|----|---------------------|
| farinha de centeio s.f. | 1 | farinha de fenteio |
| farinha de cevada s.f. | 1 | farinha de cevada |
| | 1 | farinha de fevada |
| | 1 | farinha de fevada |
| farinha de fava s.f. | 1 | farinha de favas |
| farinha de mandioca s.f. | 2 | farinha de mandioca |
| farinha de trigo s.f. | 3 | farinha de trigo |
| farinha volátil s.f. | 1 | farinha volatil |
| fel s.m. | 10 | fel |
| fel de boi s.m. | 4 | fel de boy |
| fel de enguia s.m. | 1 | fel da enguia |
| fel de vaca s.m. | 1 | fel de vacca |
| ferrado s.m. | 2 | ferrado |
| frango s.m. | 14 | frango |
| | 9 | frangos |
| gálbano s.m. | 1 | galban |
| | 3 | galbano |
| | 1 | gualbano |
| galinha s.f. | 1 | galinha |
| | 1 | gallihha |
| | 81 | gallinha |
| | 7 | gallinhas |
| galo s.m. | 3 | gallo |
| gema s.f. | 3 | gem |
| | 21 | gema |
| | 18 | gemas |
| | 1 | gemmas |
| gema de ovo s.f. | 1 | gem de ov |
| | 8 | gema de ovo |
| | 1 | gemas de ovo |
| | 3 | gemas de ovos |
| | 1 | gemas de pvos |
| | 1 | gemmas de ovo |
| goma s.f. | 11 | goma |
| | 9 | gomas |
| | 2 | gomma |
| goma amoníaca s.f. | 1 | gomma ammoniac |
| | 1 | gomma armoniac |
| | 1 | goma anmonial |
| goma-arábica s.f. | 2 | goma arabia |
| goma gálbano s.f. | 1 | goma galbano |
| goma elemi s.f. | 2 | gommaelemi |
| | 1 | gumielemi |
| gordura s.f. | 4 | gordura |
| incenso s.m. | 21 | incenfo |
| incenso-branco s.m. | 1 | incenfo branco |
| incenso-macho s.m. | 1 | incenfo macho |
| lagartixa s.f. | 2 | lagartixas |
| lagarto s.m. | 6 | lagarto |
| lagarto-negro s.m. | 1 | lagarto negro |
| leite s.m. | 18 | leite |
| | 3 | ieyte |
| | 77 | leyte |
| | 4 | leytes |

| | | |
|-------------------------------|-----|----------------------------|
| leite coalhado s.m. | 1 | leyte coalhado |
| leite de água s.m. | 1 | leyte de agua |
| leite de burra s.m. | 1 | leite de burras |
| | 1 | leyte de burra |
| leite de cabra s.m. | 1 | leyte de cabra |
| | 1 | leyte de cabras |
| leite de mulher s.m. | 2 | leyte de mulher |
| leite de peito s.m. | 2 | leite de peito |
| | 1 | leyte de peyco |
| | 2 | leyte de peyto |
| leite de vaca s.m. | 1 | leite de vacca |
| | 1 | leyte das vacas |
| leite virginal s.m. | 1 | leyte virginal |
| manteiga s.f. | 7 | manteiga |
| | 22 | manteyga |
| | 2 | manteygas |
| mel s.m. | 59 | mel |
| melado s.m. | 4 | melado |
| | 7 | mellado |
| mel de jali s.m. | 1 | mel de jalhy |
| mel de jataí s.m. | 1 | mel de jatahy |
| mel de pau s.m. | 4 | mel de páo |
| mel de portugal s.m. | 1 | mel de portugal |
| mel de tanque s.m. | 1 | mel de tanque |
| mel puro s.m. | 1 | mel puro |
| mel rosado s.m. | 1 | mel rozad |
| | 1 | mel rozado |
| mel virgem s.m. | 1 | mel virgem |
| mercúrio sublimado s.m. | 5 | mercurio sublimado |
| milho s.m. | 14 | milho |
| milho grosso s.m. | 3 | milho grosso |
| minhoca s.f. | 7 | minhocas |
| miolo de pão s.m. | 3 | miollo de paõ |
| | 1 | miolo de paõ |
| mirra s.f. | 1 | mirra |
| | 14 | mirrha |
| | 1 | mirtha |
| mirra vermelha s.f. | 1 | minha vermelha |
| morcego s.m. | 1 | morcego |
| nata s.f. | 4 | nata |
| óleo s.m. | 238 | oleo |
| | 1 | oleoj |
| | 13 | oleos |
| | 1 | olèo |
| | 1 | oléo |
| | 1 | ofeo |
| óleo de alambre s.m. | 2 | oleo de alambre |
| óleo de alcaparra s.m. | 1 | oleo de alcaparras |
| óleo de alecrim s.m. | 1 | oleo de alecrim |
| óleo de almécega s.m. | 1 | oleo de almecega |
| óleo de amêndoa amargosa s.m. | 4 | oleo de amendoas amargofas |
| óleo de amêndoa doce s.m. | 11 | óleo de amendoas doces |
| óleo de arruda s.m. | 5 | oleo de arruda |

| | | |
|------------------------------|-----|--------------------------|
| óleo de canela s.m. | 1 | oleo de canella |
| óleo de copaíba s.m. | 2 | oleo de copauba |
| | 2 | oleo de copaúba |
| | 1 | oleo de cupaiwa |
| | 1 | oleo de cupauba |
| óleo de cravo s.m. | 2 | oleo de cravo |
| óleo de dormideira s.m. | 2 | oleo de dormideyras |
| óleo de enxofre s.m. | 3 | oleo de enxofre |
| óleo de hipericão s.m. | 1 | oleo de epiricaõ |
| óleo de escorpião s.m. | 1 | oleo de elcorpioens |
| óleo de linhaça s.m. | 2 | oleo de linhaça |
| | 1 | oléo de linhaça |
| óleo de lírio s.m. | 1 | oleo de lyrio |
| | 1 | oleo de!yrio |
| óleo de macela s.m. | 1 | oleo de macella |
| óleo de sabugo s.m. | 1 | oleo de fabugo |
| óleo de semente de nabo s.m. | 1 | oleo de femente de nabos |
| óleo de terebintina s.m. | 2 | oleo de termentina |
| óleo humano s.m. | 1 | oleo humano |
| olho de caranguejo s.m. | 1 | olhos de caranguejo |
| | 1 | olhos de caranguejos |
| olíbano s.m. | 1 | olibano |
| opopânace s.m. | 1 | opoponaco |
| | 1 | apoponaco |
| ostra s.f. | 2 | oftras |
| ovo s.m. | 60 | ovo |
| | 54 | ovos |
| ovo de formiga s.m. | 1 | ovos de formigas |
| pão s.m. | 19 | paõ |
| pão alvo s.m. | 2 | paõ alvo |
| pão branco s.m. | 1 | paõ branco |
| pão torrado s.m. | 2 | paõ torrado |
| pevide s.f. | 15 | pevides |
| pez s.m. | 1 | pez |
| pipoca s.f. | 1 | pipocas |
| pólvora s.f. | 11 | polvora |
| ponta de veado s.f. | 1 | ponta de veado |
| | 3 | ponta de viado |
| pragana s.f. | 3 | pragana |
| queijo s.m. | 4 | queyjo |
| rã s.f. | 5 | rans |
| rapadura s.f. | 5 | rapadura |
| raspadura s.f. | 3 | raspaduras |
| rato s.m. | 2 | ratinhos |
| | 1 | rato |
| | 3 | ratos |
| redenho s.m. | 6 | redenho |
| sabão s.m. | 5 | fabaõ |
| saliva s.f. | 9 | faliva |
| sangue s.m. | 4 | sangue |
| | 307 | fangue |
| sangue-de-drago s.m. | 1 | fangue de dragaõ |
| | 1 | fangue de dragaõ |

| | | |
|-----------------------------|----|-----------------------|
| | 4 | fangue de drago |
| | 1 | fangue de dragão |
| sangue mensal s.m. | 1 | fangue menfal |
| | 1 | fangue rnenfal |
| | 3 | fangue menfal |
| sangue menstrual s.m. | 1 | sangue menstrual |
| | 1 | fangue menstrual |
| | 1 | fangue menstrual |
| sapo s.m. | 4 | fapo |
| sardinha s.f. | 1 | fardinhas |
| | 2 | fardinhas |
| sarro s.m. | 10 | farro |
| | 1 | sarro |
| sebo s.m. | 12 | febo |
| semente de alexandria s.f. | 1 | femente de alexandria |
| | 1 | temente de alexandria |
| semente fria s.f. | 1 | sementes frias |
| | 2 | fementes frias |
| sumo s.m. | 3 | sumo |
| | 3 | sumos |
| | 74 | fumo |
| | 9 | fumos |
| sumo-bravo s.m. | 1 | fumo bravo |
| sumo verde s.m. | 1 | fumo verde |
| tapioca s.f. | 1 | tapioca |
| tártaro s.m. | 2 | tartar |
| | 33 | tartaro |
| | 1 | tartaró |
| | 1 | tartataro |
| terebintina s.f. | 1 | terebentina |
| | 1 | termentin |
| | 25 | termentina |
| | 2 | trementina |
| | 1 | fermentina |
| terebintina de veneza s.f. | 1 | termentina de veneza |
| terebintina fina s.f. | 1 | termentina fina |
| terebintina lavada s.f. | 1 | termentin lavada |
| | 1 | termentina lavada |
| | 1 | trementina lavada |
| terra s.f. | 64 | terra |
| terra de sepultura s.f. | 1 | terra de sepultura |
| terra <i>lemnica</i> s.f. | 1 | terra lenia |
| terra <i>sigillata</i> s.f. | 1 | terra figillata |
| tinta nanquim s.f. | 1 | tinta de nanquim |
| tutano de vaca s.m. | 2 | tutanos de vacca |
| unha de grão besta s.f. | 1 | unha de grão besta |
| unha de burro s.f. | 1 | unha do burro |
| unicórnio s.m. | 2 | unicornio |
| unto s.m. | 14 | unto |
| urina s.f. | 60 | ourina |
| | 9 | ourinas |
| verniz s.m. | 1 | verniz |
| víbora s.f. | 4 | vibora |
| | 2 | viboras |

| | | |
|---|-----------------------------------|----------------------|
| vinagre s.m. | 88 | vinagre |
| | 4 | vinagres |
| vinagre branco s.m. | 2 | vinagre branco |
| vinagre de arruda s.m. | 2 | vinagre de arruda |
| vinagre destemperado s.m. | 6 | vinagre de temperado |
| vinagre esquilítico s.m. | 5 | vinagre esquilítico |
| vinagre forte s.m. | 3 | vinagre forte |
| | 1 | vinagre forte |
| vinagre rosado s.m. | 1 | vinagre rosado |
| | 1 | vinagre rosado |
| vinagre tinto s.m. | 1 | vinagres tintos |
| vinho s.m. | 133 | vinho |
| | 2 | vinhos |
| | 1 | vinno |
| vinho branco s.m. | 4 | vinho branco |
| | 1 | vinhos branco |
| vinho de malvasia s.m. | 1 | vinho de malvasia |
| vinho tinto s.m. | 2 | vinho tinto |
| vitriolo s.m. | 1 | viríolo |
| | 33 | vitriolo |
| Arquilexema: FARMACOPEIA | | |
| Macrocampo lexical: FARMÁCIA | | |
| Campo lexical: REMÉDIOS | | |
| Microcampo lexical: formas farmacêuticas | | |
| lexema + classe gramatical | n. de ocorrências + lexias | |
| água s.f. | 913 | agua |
| | 41 | aguas |
| ajuda s.f. | 40 | ajuda |
| | 75 | ajudas |
| arcano s.m. | 2 | arcanum |
| azeite s.m. | 5 | azeite |
| | 74 | azeyte |
| | 1 | azeytes |
| bafo s.m. | 7 | bafo |
| | 2 | bafos |
| bala s.f. | 1 | balas |
| | 2 | ballas |
| bálsamo s.m. | 22 | bálsamo |
| bebida s.f. | 61 | bebida |
| | 27 | bebidas |
| bisma s.m.f. | 6 | bifma |
| bochecha s.f. | 1 | bochechas |
| | 8 | bochexas |
| bolinha s.f. | 2 | bolinha |
| | 2 | bolinhas |
| bola s.f. | 3 | bolla |
| | 1 | bollas |
| bolo s.m. | 9 | bollo |
| | 1 | bolos |
| bucha s.f. | 4 | buxas |
| cataplasma s.m.f. | 6 | cataplasma |
| | 2 | cataplasmas |

| | | |
|-----------------|-----|-------------|
| cenrada s.f. | 1 | fenrada |
| ceroto s.m. | 2 | ceroto |
| | 1 | feroto |
| chá s.m. | 3 | cha |
| | 28 | chá |
| colírio s.m. | 3 | collirio |
| confeição s.f. | 4 | confeição |
| | 10 | confeyção |
| | 1 | confeyçoens |
| cozimento s.m. | 28 | cozimento |
| | 1 | cofímemo |
| | 2 | cofímenco |
| | 174 | cofimento |
| | 9 | cofimentos |
| | 1 | cofímêto |
| emplastro s.m. | 2 | emplafto |
| | 1 | emplaf |
| | 1 | emplaflo |
| | 2 | emplaflos |
| | 1 | emplaftlo |
| | 117 | emplafto |
| | 30 | emplaftos |
| | 19 | emplaftro |
| | 4 | emplaftros |
| | 1 | epplafto |
| | 1 | explafto |
| emulsão s.f. | 4 | emulfaõ |
| | 9 | emulfoens |
| epítima s.m. | 1 | epithima |
| específico s.m. | 14 | especifico |
| | 3 | especificos |
| fumaça s.f. | 1 | fumaças |
| | 1 | fumallã |
| | 1 | fumallãs |
| fumo s.m. | 1 | fummo |
| | 20 | fumo |
| | 9 | fumos |
| garapa s.f. | 2 | garapa |
| geleia s.f. | 1 | geleas |
| | 2 | geléa |
| infusão s.f. | 1 | infulaõ |
| | 18 | infulãõ |
| | 1 | infuloens |
| lambedor s.m. | 28 | lambedor |
| | 11 | lambedores |
| | 1 | iambedor |
| | 1 | iambedores |
| lenimento s.m. | 1 | lenimenco |
| | 16 | lenimento |
| | 11 | linimento |
| licor s.m. | 26 | licor |
| | 1 | licores |
| manteiga s.f. | 7 | manteiga |
| | 22 | manteyga |

| | | |
|----------------------|-----|-------------------|
| | 2 | manteygas |
| marmelada s.f. | 5 | marmelada |
| | 1 | marmeladas |
| massa s.f. | 105 | maffa |
| mezinha s.f. | 1 | mezinhas |
| | 1 | mefinha |
| | 4 | méfinha |
| mucilagem s.f. | 4 | mucilagens |
| óleo s.m. | 238 | oleo |
| | 1 | oleoj |
| | 13 | oleos |
| | 1 | olèò |
| | 1 | oléó |
| | 1 | ofeo |
| papa s.f. | 25 | papas |
| | 1 | papinhas |
| parche s.m. | 9 | parche |
| | 5 | parches |
| | 1 | parxe |
| pasta s.f. | 5 | pafta |
| | 1 | paftas |
| pastilha s.f. | 2 | paftilha |
| | 9 | paftilhas |
| pílula s.f. | 6 | pilulas |
| | 1 | piroias |
| | 4 | pirola |
| | 51 | pirolas |
| | 1 | pirolazinha |
| pó s.m. | 1 | po |
| | 1 | pò |
| | 130 | pó |
| | 232 | pós |
| polme s.m. | 10 | polme |
| preparante s.m. | 28 | preparantes |
| purga s.f. | 106 | purga |
| | 76 | purgas |
| | 2 | purguinhas |
| remédio interno s.m. | 2 | remedios internos |
| remédio tóxico s.m. | 3 | remedios topicos |
| trocisco s.m. | 13 | trocifcos |
| unguento s.m. | 3 | ungento |
| | 1 | unguenco |
| | 1 | unguenro |
| | 92 | unguento |
| | 8 | unguentos |
| unto s.m. | 14 | unto |
| untura s.f. | 2 | untura |
| | 17 | unturas |
| xarope s.m. | 1 | xarop |
| | 34 | xarope |
| | 65 | xaropes |
| | 1 | xarópe |
| | 1 | charopes |

| Macrocampo lexical: FARMÁCIA | |
|--|---|
| Campo lexical: REMÉDIOS | |
| Microcampo lexical: virtudes medicamentosas | |
| lexema + classe gramatical | n. de ocorrências + lexias |
| absorvente s.m. | 2 abforbentes |
| alexifármaco s.m. | 1 alexifarmaco 9 alexifarmacos 1 alexifarmacôs 1 alexifarmaco 1 alixafarmacos |
| anódino s.m. | 3 anodinos |
| antídoto s.m. | 1 antidotos |
| confortante s.m. | 2 confortante 4 confortantes |
| confortativo s.m. | 6 confortativo 5 confortativos |
| contraveneno s.m. | 2 contraveneno 5 contravenenos 1 contra veneno 1 contra venenos |
| cordial s.m. | 17 cordeaes 18 cordeal 1 cordiaes 2 cordial |
| descoagulante s.m. | 10 defcoagulante 2 defcoagulantes |
| desobstruente s.m. | 1 deobflruentes 1 deobftruence 16 deobftruente 24 deobftruentes 1 defobftruente 1 defobftruentes |
| dessecante s.m. | 11 defsecante 7 defsecantes |
| diaforético s.m. | 14 diaforetico 3 diaforeticos |
| emoliente s.m. | 5 emolientes |
| encarnativo s.m. | 3 encarnativos |
| engrossante s.m. | 7 engrossante 9 engrossantes |
| laxante s.m. | 2 laxante 3 laxantes |
| maturativo s.m. | 3 maturativo |
| molificativo s.m. | 2 molificativo |
| mundificativo s.m. | 2 mundificativo |
| óleo anético s.m. | 2 oleo anetino |
| papa maturativa s.f. | 1 papas madurativas 1 papas maturativas |
| peitoral s.m. | 3 peytoraes |
| preparante s.m. | 28 preparantes |
| resolutivo s.m. | 1 refolutivo 4 refolutivo |

| | |
|--|---|
| restaurativo s.m. | 1 restaurativo 1 restaurativos |
| sudorífico s.m. | 3 fudorifico 3 fudorificos |
| temperante s.m. | 2 temperantes 1 atemperantes |
| vomitório s.m. | 1 vomirorio 55 vomitorio 36 vomitorios 1 vomitório 1 vomltorios |
| vulnerário s.m. | 4 vulnerarios |
| Arquilexema: FARMACOPEIA Macrocampo lexical: CIRURGIA Campo lexical: INSTRUMENTOS | |
| Microcampo lexical: incisivos | |
| lexema + classe gramatical | nº. de ocorrências + lexias |
| alfinete s.m. | 1 alfinete |
| canivete s.m. | 7 canivete |
| lanceta s.f. | 11 lanceta |
| lã vidrosa s.f. | 1 iã vidrofa |
| verdugo s.m. | 5 verdugo |
| Arquilexema: FARMACOPEIA Macrocampo lexical: CIRURGIA Campo lexical: INSTRUMENTOS | |
| Microcampo lexical: superficiais | |
| lexema + classe gramatical | nº. de ocorrências + lexias |
| alegre s.m. | 1 alegre |
| algodão s.m. | 15 algodaõ 1 algodoens 1 algodão |
| algodão de cheiro s.m. | 5 algodaõ de cheyro 1 algodaõ de cheyto |
| almofadinha s.f. | 2 almofadinha |
| atadura s.f. | 38 atadura 21 ataduras 1 ata duras |
| baeta s.f. | 40 baeta 10 baetas |
| bolsa s.f. | 11 bolfa |
| botão s.m. | 3 botaõ 4 botoens |
| cheirador s.m. | 1 cheirador |
| chumaço s.m. | 1 chumaço 3 chumalfo 2 chumalfos |
| filho s.f. | 2 filho |
| manga s.f. | 7 manga |
| pasta de algodão s.f. | 1 pafta de algodaõ |
| pele s.f. | 4 pelle |

| | | |
|--|------------------------------------|--|
| pena s.f. | 5 2 24 | pena penas penna |
| pinça s.f. | 6 | pinça |
| saquinho s.m. | 15 9 | faquinho faquinhos |
| seringa s.f. | 6 | feringa |
| tala s.f. | 2 4 16 | talas talla tallas |
| topázio s.m. | 1 | topafio |
| ventosa s.f. | 3 18 8 | ventozas ventofas ventofas |
| Arquilexema: FARMACOPEIA | | |
| Macrocampo lexical: CIRURGIA | | |
| Campo lexical: INSTRUMENTOS | | |
| Microcampo lexical: penetrantes | | |
| lexema + classe gramatical | nº. de ocorrências + lexias | |
| agulha canulada s.f. | 1 | agulha canulada |
| agulha de cirurgia s.f. | 1 | agulhas de cirurgia |
| apostemeiro s.m. | 1 | apostemeyro |
| canudo s.m. | 9 2 | canudo canudos |
| lechino s.m. | 1 6 | lechino lechinos |
| sedenho s.m. | 3 | sedenhos |
| tenta s.f. | 22 1 | tenta tentas |
| vela s.f. | 1 | vella |
| velinha s.f. | 2 | velinha |
| Arquilexema: FARMACOPEIA | | |
| Macrocampo lexical: CIRURGIA | | |
| Campo lexical: TRATAMENTOS | | |
| lexema + classe gramatical | nº. de ocorrências + lexias | |
| apósito s.m. | 1 | apósitos |
| atadura expulsiva s.f. | 1 | atadura expulsiva |
| atadura forte s.f. | 2 | ataduras fortes |
| banho s.m. | 31 153 1 | banho banhos banhos |
| caldas s.f.pl. | 3 | caldas |
| casco de cabaço s.m. | 1 | casco de cabaço |
| círculo s.m. | 42 7 1 1 | circulo circulos círculo círculos |
| cirurgia s.f. | 13 | cirurgia |
| compressão s.f. | 2 | compressão |
| costura s.f. | 1 | costura |

| | |
|-----------------------------|--|
| cura s.f. | 277 cura 61 curas 1 cvra |
| defumadouro s.m. | 2 defumadouros 1 defumadoyros |
| dieta s.f. | 7 dieta 2 diéta |
| emborcação s.f. | 7 emborcação 3 emborçoens 2 emborcação |
| exercício s.m. | 25 exercicio |
| fomentação s.f. | 2 fomentacaõ 24 fomentação 22 fomentaçõens |
| gargarejo s.m. | 4 gargarejo 6 gargarejos |
| gargarejo dessecante s.m. | 1 gargarejo deffecante |
| gargarejo refrigerante s.m. | 1 gargarejos refrigerantes |
| lavagem s.f. | 2 lavagem 1 lavagens |
| lavatório s.m. | 6 lavatorio 3 lavatorios |
| lavatório dessecante s.m. | 1 lavatorio deffecante 1 lavatorios deffecantes |
| ligadura s.f. | 1 ligaduras |
| operação s.f. | 7 operação 2 operaçoens 1 operações |
| purgação s.f. | 1 purgaçaaõ 3 purgaçaõ 2 purgação |
| regimento s.m. | 44 regimento 1 regimenxo |
| sangria s.f. | 18 sangria 82 sangrias 1 fangrias |
| sarja s.f. | 12 farjas |
| sarjadura s.f. | 11 farjaduras |
| untura s.f. | 2 untura 17 unturas |
| xadrez s.m. | 12 xadrez |

Fonte: Elaboração própria.

Vale esclarecer que, das 942 unidades lexicais especializadas consideradas, 26 se encaixam em mais de um campo lexical, desdobrando-se, assim, em 53 entradas (uma vez que “bálsamo” se encaixa em três campos lexicais diferentes). São elas:

- a) *água, azeite, manteiga, óleo, unto* (outros ingredientes/ formas farmacêuticas);
- b) *laxante, peitoral, sudorífico* (compostos/ virtudes medicamentosas);
- c) *algodão* (símplices/ instrumentos);

- d) *arcano, geleia, papa, parche* (compostos/ formas farmacêuticas);
- e) *bálsamo* (símplices/ outros ingredientes/ formas farmacêuticas);
- f) *aveia, laranja, laranja-azeda, noz, noz-moscada* (símplices/ frutos);
- g) *carrapato, coral* (símplices/ outros ingredientes);
- h) *fumo* (símplices/ formas farmacêuticas);
- i) *preparante* (formas farmacêuticas/ virtudes medicamentosas);
- j) *topázio* (minerais/ instrumentos);
- k) *pasta de algodão* (compostos/ instrumentos);
- l) *untura* (formas farmacêuticas/ tratamentos).

Ademais, devido ao alto índice de unidades lexicais especializadas encontrado, para a elaboração dos verbetes do vocabulário aqui proposto realizamos um novo recorte do léxico relativo aos “símplices”, ou às “Hervas medicinaes [...]” (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 650), o que justifica a caracterização de nosso conjunto lexical como um vocabulário de especialidade.

Destarte, concluída a seleção das unidades lexicais de especialidade a que essa pesquisa se propõe, foram reunidas 243 unidades que representam “símplices” ou ainda <<plantas medicinais us[adas] no estado natural>> (HOUAISS, 2009).

4.2 O protótipo do “Vocabulário da farmacopeia nas Minas Gerais do Brasil Colonial”

No que concerne à microestrutura dos verbetes que compõem o protótipo do “Vocabulário da farmacopeia nas Minas Gerais do Brasil Colonial” –, fundamentamo-nos nas definições de Ferreira (1735), Miranda (1749) e Mendes (1770) e de outros autores da época para organizar as definições contempladas. Partimos, assim, de um recorte do universo discursivo médico-farmacêutico do século XVIII para chegarmos ao recorte do universo discursivo equivalente atual, registrando-se momentos da variação lexical do campo em estudo.

Segue-se, no quadro 5, o esquema da microestrutura planejada para o vocabulário da farmacopeia.

Quadro 5: Modelo de verbete para o vocabulário da farmacopeia

| |
|---|
| palavra-entrada <i>categoria gramatical abreviada</i> |
| variante(s): variante(s) (separadas por vírgula, quando houver mais de uma). |
| Acepção referente à unidade lexical de especialidade. |
| Trecho do <i>corpus</i> que serve como abonação da unidade lexical de especialidade, retirado do <i>Banco de Dados do DHPB</i> , juntamente com as informações de autor, datação, título do documento, código de referência e página. A configuração da abonação segue a aplicada nos verbetes do <i>DHPB</i> . |

Fonte: Elaboração própria.

Segue-se, no quadro 6, um exemplo de verbete construído para o vocabulário da farmacopeia. Por não ocorrer em nosso *corpus* de estudo a palavra “farmacopeia”, selecionamos para fins de exemplo a palavra “cura”, que está diretamente relacionada ao objetivo da Farmacopeia, e que, em nosso trabalho, foi alocada no campo lexical dos “tratamentos”.

Quadro 6: Exemplo de verbete do vocabulário da farmacopeia

| |
|--|
| cura <i>s.f.</i> |
| variante: cvra. |
| Método especial de tratamento. |
| E pelo contrario, dando-se os vomitorios no principio das doenças, quando ha enchimento no estomago, em quanto ha todas as forças, não fó obraõ melhor, e vay a cura direyta, mas os mais fymptomas, que houverem, se diminuirãõ de tal modo, que muytas vezes parece obra de milagre, e depois de tomados obraõ os mais remedios admiravelmente, quando fejaõ necessãrios; o que já deyxo advertido na cura das pontadas pleuriticãs, e na cura das obstruccoens. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], <i>DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, Affim EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO EJCOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERÇAS ENFERMIDADES</i> . [B00_0031, p. 200]. |

Fonte: Elaboração própria.

Formalmente, em termos de aspectos gráficos, este modelo de verbete reúne, portanto, o lema, na grafia atual (ABL, 2009), em negrito e sublinhado, seguido pela categoria gramatical a que pertence, em itálico; a variante (quando houver) e, em caso de duas ou mais, separadas por vírgula; a definição, elaborada a partir tanto do discurso do século XVIII (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1789; 1813; VIEIRA, 1871-1874; CHERNOVIZ, 1879; 1890), como do discurso atual (HOUAISS, 2009; FERREIRA, 2004); um exemplo do contexto em que ocorre no *corpus*, juntamente com os devidos códigos de referência, conforme foram elaborados para o *Banco de Dados do DHPB*. As grafias mantêm-se fiéis à grafia da época correspondente, em todos os excertos reunidos.

Em geral, o verbete especializado possui uma única acepção, em decorrência da especificidade da unidade lexical descrita. Ressaltamos, assim, que os casos em que foram

consideradas mais de uma acepção devem-se ao fato de que não se esclareceu o significado da unidade pelo contexto de uso. Observamos ainda que os nomes científicos das plantas, quando mencionados, foram retirados dos dicionários consultados, principalmente de Chernoviz (1879; 1890), Hoauiss (2009) e Grandi (2014).

A seguir, a título de exemplificação, apresentamos uma amostra dos 33 primeiros verbetes que comporão o produto resultante de nossa pesquisa de Doutorado – o “Vocabulário da farmacopeia nas Minas Gerais do Brasil Colonial”. Tais verbetes obedecem à hierarquia representada pela imagem (figura 8) a seguir:

Figura 8: Hierarquia entre os campos lexicais considerados no protótipo



Fonte: Elaboração própria.

4.2.1 Amostra do “Vocabulário da farmacopeia nas Minas Gerais do Brasil Colonial”

A amostra constante deste subitem compreende os seguintes verbetes: *abóbora d’água; abrótea; abútua; açafirão; açucena; agrimônia; aipo; alcaçuz; alcaparra; alcaravia; alcatira; alecrim; alfavaca; alfavaca-de-cobra; alfazema; alforva; algodão; alho; alho-porro; aliária; almeirão; almeirão-silvestre; alteia; angelim; anterino; aristolóquia; arroz-de-telhado; arruda; artemísia; aspargo; aveia; avenca; azeda.*

A

abóbora d’água s.f.

variante: abobara de agua.

Erva trepadeira (*Lagenaria vulgaris*), da família das cucurbitáceas, muito cultivada pelo fruto de mesmo nome também conhecido como cabaça, de polpa amarga, comestível quando verde e de propriedades purgativas e drásticas.

No que balte de agua de almeyrão, e de chicoria, ou Emulfaõ mais de borragens, pizem femente de melancia defcafcada, e de fresca, facil, **abobara de agua**, de cada huma duas oytavas, e depois de bem desfeytas, fe mifture com a dita agua depois de bem cofida nestas para adoçar. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, AffIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO EfcOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERÇAS ENFERMIDADES*. [B00_0031, p. 96].

| |
|--|
| abrótea <i>s.f.</i> |
| variante: abrotea. |
| Erva medicinal de talo liso, flores amarelas ou brancas em formato de estrela, raízes farinhasas e suculentas. |
| Esfregar a parte dolorida da gota, ou do efcorbutico com a raiz da herva abrotea dá grande alivio aos gotofos. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], <i>DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, ASSIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO EJSOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERÇAS ENFERMIDADES</i> . [B00_0031, p. 185]. |

| |
|---|
| abútua <i>s.f.</i> |
| variante: butua. |
| Planta (<i>Chondodendron platyphyllum</i>) trepadeira nativa, de caule lenhoso, cuja raiz e caule são utilizados como diurético, emenagogo e febrífugo. Emprega-se internamente na hidropisia e cálculos, e externamente como resolutivo nas orquites. Muito empregada em doenças cutâneas tumorais; parreira-brava |
| De outros remedios, de que tenho ufado para as melmas inchaçoens. Faça-se hum colimento na fórmula seguinte. Huma,ou duas raizes de capeba conforme forem; hum pedaço de raiz de butua rachada muytas vezes, ou machucada; huma boa maõ cheya de rachinas de falfafraz [...]. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], <i>DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, ASSIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO EJSOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERÇAS ENFERMIDADES</i> . [B00_0031, p. 107]. |

| |
|---|
| açafrão <i>s.m.</i> |
| variantes: açafraõ, allãfraõ. |
| Erva (<i>Crocus sativus</i>) bulbosa de flores geralmente amarelas, violáceas ou brancas, sabor amargo, utilizado como digestivo, emenagogo e antiespasmódico, além de combater dores lombares. |
| Tambem este grande remedio he bom para as asmas, para dor de costas, e pulmonia; pois além do esperma ceti ser singular para as tosses, leva o açafrão , a quem Escrodero chama alma do bofe. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], <i>DA CVRA DAS PONTADAS PLEURITICAS, E SUAS OBSERVAÇOENS</i> . [B00_0029, p. 51]. |

| |
|--|
| açucena <i>s.f.</i> |
| variante: affucena. |
| Erva bulbosa de flores aromáticas utilizadas em perfumaria; seu bulbo é utilizado na composição de cataplasma contra furúnculo. |
| Recip. Unguento de Agripa aregaõ, dialtéa, e marcietãõ, de cada hum meia onã, tutanos de vacca sem pelle, e emplastro diaquilaõ menor, de cada hum huma onã, oleo de alcaparras, e de affucenas , de cada hum tres oitavas misture, e a fogo brando fe incorpore com hum bocado de cerabella, e guarde para uzo. JOSÉ ANTONIO MENDES (1770) [1770], <i>CAPITULO XII - DAS OBSTRUCSOENS</i> [A00_2402, p. 77]. |

agrimônia *s.f.*

variante: agrimonia.

Planta de caule hirsuto, folhas dentadas, flores amarelas, de sabor amargo e utilizada como adstringente.

Primeiramente devem-se usar remedios que humedeçaõ, para o que tem o primeiro lugar o cozimento de **agrimonia**, botando-se-lhe na porfaõ, que tomar, meia pataca de pezo de tartataro vitriolado, se deve continuar muitos dias manhã, e tarde [...]. JOSÉ ANTONIO MENDES (1770) [1770], *CAPITULO XII - DAS OBSTRUCSOENS* [A00_2402, p. 76].

aipo *s.m.*

variante: aypo.

Planta efêmera (*Apium graveolens*) que habita lugares úmidos, da qual se comem os talos e as folhas; possui propriedades febrífugas, carminativas, excitantes e antiescorbúticas.

Para concepçaõ. Rofas, almecega , galea mofcata, espirito de canella, noz nofcada, cubebas, massis, galanga, de cada huma duas oytavas, cardamomo, cafcas de cidra, herva doce, funcho, alcorovia, nevada, **aypo**, de cada huma oycava e meya, ambar [...]. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, ASSIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO E/SCOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVER/AS ENFERMIDADES*. [B00_0031, p. 193].

alcaçuz *s.m.*

variante: alcaçús.

1. Arbusto (*Glycyrrhiza glabra*) da Europa meridional, de raiz amarela e doce, empregada como emoliente e diurético nas doenças inflamatórias.

Em quanto baste de agua commua se lance huma boa maõ cheya de folhas de avenca, da que fica dita, porque a tenho por melhor, quando a tosse he rebelde, e se houver **alcaçús**, se me ajuntará hum bocado de raiz delle machucado [...]. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA CVRA DAS PONTADAS PLEURITICAS, E SUAS OBSERVAÇOENS*. [B00_0029, p. 18].

2. Arbusto (*Periandra dulcis*) que habita espontaneamente em Minas Gerais, cuja raiz tem sabor adocicado, porém menos forte que o alcaçuz europeu, utilizada no tratamento de doenças pulmonares e urinárias; alcaçuz-da-terra, alcaçuz-do-brasil.

Quem se achar em parte, onde não hajaõ as raizes, que deixo referidas, poderá fazer o cofimento das seguintes, Raizes de grama, de funcho, de salsa, de aypo, de borragens, de **alcaçús**; folhas de agrimonia, de douradinha, de avenca, de borragens, de ouregaõs, de nevada, de hyfopo, todas, ou parte dellas. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DAS OB/TRUCÇOENS*. [B00_0030, p. 92].

alcaparra *s.f.*

variante: -

Arbusto (*Capparis spinosa*) da Europa e África, de flores brancas ou róseas, cujos botões, em conserva de vinagre, são usados para tempero ou condimento; sua casca é utilizada como diurética ou aperitiva.

Recip. Unguento de Agripa aregaõ, dialtéa, e marcietaõ, de cada hum meia onfa, tutanos de vacca fem pelle, e emplastro diaquilaõ menor, de cada hum huma onfa, oleo de **alcaparras**, e de affucenas, de cada hum tres oitavas mifture, e a fogo brando se encorpore com hum bocado de cerabella, e guarde para uzo. JOSÉ ANTONIO MENDES (1770) [1770], *CAPITULO XII - DAS OBSTRUCSOENS* [A00_2402, p. 77].

alcaravia *s.f.*

variante: alcorovia.

Planta (*Carum carvi*) nativa do Mediterrâneo, de sabor picante e aroma peculiar, cuja semente possui propriedade carminativa.

Para concepção. Rofas, almecega, galea moscata, espirito de canella, noz nofcada, cubebas, mallis, galanga, de cada huma duas oytavas, cardamomo, cascas de cidra, herua doce, funcho, **alcorovia**, nevada, aypo, de cada huma oycava e meya, [...]. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, ASSIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO EJCOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERÇAS ENFERMIDADES*. [B00_0031, p. 193].

alcatira *s.f.*

variante: alquitira.

Arbusto (*Astracantha gummifera*) nativo da Ásia, principal fonte para a extração da goma adraganta, empregada como mucilagem na farmacêutica.

Dar ao doente, que já não tem esperança de remedio, dez,ou doze dias em jejum fuceffivamente huma oytava de pós de raiz de butua, misturado com meyo quartilho de agua de tanchagem, ou colida com **alquitira**, he remedio, que tem livrado a muytos da sepultura estando ungidos [...]. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, ASSIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO EJCOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERÇAS ENFERMIDADES*. [B00_0031, p. 173].

alecrim *s.m.*

variante: -

Arbusto aromático (*Rosmarinus officinalis*), comum no Brasil e em Portugal, de folhas duras, estreitas e aromáticas, e flores azuladas, por vezes brancas ou róseas; possui várias propriedades medicinais, entre elas, a cicatrizante e a estimulante; é utilizado também como condimento.

Pizem alfavaca, e **alecrim** partes iguaes, e fervida esta massa com agua ardente, e metida em hum faquinho, que applicado nos tumores duros, estando quente, e continuado, renovando o mesmo com agua ardente, e no fim de dous dias fazer outro novo, ferá hum remedio muyto efficaz. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, ASSIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO EJCOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERÇAS ENFERMIDADES*. [B00_0031, p. 157].

alfavaca *s.f.*

variante: -

Erva (*Ocimum nudicaule*) nativa do Brasil, de folhas vermelho-rosadas e raízes com propriedades sudoríficas, diuréticas e antiespasmódicas; alfavaca-do-campo.

[...] pôr em fima dos papos faquinhos de fal torrado, estendido, e feyto a modo de colchão colido, he remedio muyto bom: pizar alecrim, arruda, lofna, **alfavaca**; murta, ou murtinhos, ou fejaõ estas hervas verdes, ou fecas, e depois de bem pizadas, pizar huma boa maõ cheya de fal do Reyno, e misturar tudo, e metido em faquinho, colido pelo meyo, de modo, que fiquem as hervas bem estendidas, e trazer o tal faco atado, aqueitando-o todos os dias, borrifando-o com a agua ardente, e continuando por tempo de vinte,ou trinta dias, he bom remedio. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DOS FORMIGVEYROS, E OVTRAS DOENÇAS COMMUAS NESTAS MINAS*. [B00_0035, p. 376].

alfavaca-de-cobra *s.f.*

variante: -

Planta (*Parietaria officinalis*) de folhas geralmente ovadas, flores verdes, nativa da Europa central e austral, muito cultivada por suas propriedades medicinais, especialmente como laxante e contra males das vias urinários.

Recip. Malvas, violas, e parietaria, que o vulgo chama **alfavaca de cobra**; de cada coiza huma maçã cheia: coza-fe tudo em duas canadas de agua, que mingúe a terça parte. JOSÉ ANTONIO MENDES (1770) [1770], *CAPITULO I - EM QUE SE MOSTRA A ORDEM, QUE SE HA DE SEGUIR EM QUALQUER OBRA* [A00_2391, p. 3].

alfazema *s.f.*

variante: -

Planta aromática (*Lavandula vera*) cultivada no Brasil e em Portugal, de folhas agudas, flores azuladas, dispostas em espigas terminais; possui propriedade excitante e é empregada especialmente em banhos; sua água destilada é útil contra oftalmias.

Em huma tigella de fogo poreis a frigir hum pouco de oleo de macella, e outro de banha de flor, e entaõ fareis huma filho de algodaõ, ou estopa fina, que cubra toda a barriga, ou ventre, e a enfopareis em tres gemas de ovos bem batidas, e deytareis a dita filho nos oleos por tempo de meya Ave Maria, e tirando-a a pulverizareis com **alfazema**; e como tiver pouca quentura, aapplicareis sobre o ventre, [...]. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, ASSIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO ESCOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERÇAS ENFERMIDADES*. [B00_0031, p. 158].

alforva *s.f.*

variante: -

Planta anual (*Trigonella foenum-graecum*) com caules eretos, folhas trifolioladas, flores esbranquiçadas e vagens sésseis, lineares, com sementes amareladas; feno-grego.

[...] e depois de ter vomitado, fe lhe darãõ ajudas de farro, ou de goma de trigo, e cevada, ou de arroz, tudo desfeyto com agua, e espremido muyto bem, ou ajudas de agua de cevada defcascada, e bem colida com malvas, linhaça, e **alforvas**, ou qualquer dos remedios affima ditos. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DOS VENENOS, E MORDEDURAS VENENOSAS*. [B00_0039, p. 456].

algodão *s.m.*

variante: algodaõ.

Planta (*Gossypium*) malvácea; algodoeiro.

Folhas bastantes de herva do bicho, cabeças, ou olhos de **algodaõ**, e suas maçans, ou botoens, tudo muyto bem pizado, e pulverizado com pós de verdete bem finos, lançandolhe huma pouca de agua, em que fe tenhaõ pizado, e desfeyto algumas pimentas, e hum bocado de polvora, tudo bem desfeyto [...]. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA ENFERMIDADE, A QUE CHAMAÕ CORRUPÇÃÕ DO BICHO, SUAS CAUÇAS, SEUS JINAES, SEUS PROGNOÏTICOS, SUA CURA, E SUAS OBSERVAÇÕENS*. [B00_0036, p. 432].

alho *s.m.*

variante: -

Planta (*Allium sativum*) hortense, nativa da Ásia Central, usada como condimento e para fins medicinais, devido especialmente às propriedades analgésica e antisséptica.

Fação cofimento de folhas de **alhos**, e de feus grellos, e meta-fe a mulher no tal cofimento morno, que he experimentado. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, ASSIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO EŢCOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERŢAS ENFERMIDADES*. [B00_0031, p. 111].

alho-porro *s.m.*

variante: -

Planta (*Allium porrum*) hortense, cujos bulbos e folhas são empregados estimulante e diurético.

Miture-fe fumo de **alhos porros** com tartaro, e cera verde, faça-fe unguento. Ufarfe-ha pelas ventas do nariz, pois he de grandíssima utilidade, e preçoŢssimo remedio. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, ASSIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO EŢCOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERŢAS ENFERMIDADES*. [B00_0031, p. 127].

aliária *s.f.*

variante: alearia.

Planta crucífera, de cheiro semelhante ao do alho.

De verdete quatro onças, pedra humi queymada, e Ţal armoniaco, de cada hum meya onça; fumo de escordio quatro onças, fumo de **alearia**, e de arruda, de cada hum tres onças; vinagre equlítico, ou bem forte seis onças, mel dezafes onças; tudo fe cofa a fogo manso até tomar consistencia mediocre de unguento brando. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, ASSIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO EŢCOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERŢAS ENFERMIDADES*. [B00_0031, p. 123].

almeirão *s.m.*

variante: almeiraõ, almeyraõ.

Planta hortense (*Chicorium*), amargosa, utilizada na culinária e para fins medicinais como estomáticas.

Recip. Cozimento de **almeiraõ**, borragens, e escorcioneira meio frasco: feito, e coado, ajunte triaga magna, e confeição de Jacinthos, de cada huma meia onfa, pedra cordial huma oitava: miture. JOSÉ ANTONIO MENDES (1770) [1770], *CAPITULO V - DO CARBUNCULO* [A00_2395, p. 20].

almeirão-silvestre *s.m.*

variante: almeyraõ fylveftre.

Varietade de almeirão (*Chicorium intybus*), comum em Portugal, cujas folhas são empregadas em doenças da pele, e sua raiz, como purgativa.

[...] e por Ţima da fomentação fe lhe ponha folha de capeba, passada primeyro pelo fogo, ou em sua falta, folhas de, **almeyraõ fylveftre**, a que o povo chama fumo bravo, ou folhas de almeyraõ verdadeyro [...]. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DAS OBŢRUCŢOENS*. [B00_0030, p. 60].

alteia *s.f.*

variante: althea.

Erva (*Althaea officinalis*) nativa da Europa, da família das malváceas, de caule ereto, folhas ovadas e flores róseas ou purpúreas, cujas raízes têm usos medicinais; malvaíscos.

[...] affentey fe lhe pozell'em na parte alguns emolientes de oleo de amendoas doces; e de minhocas com unguento de **althea**, de que fe fez hum linimento brando, com que fe fomentou toda aquella parte [...]. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DAS DESLOCAÇOENS, FRACTURAS, E JUAS OBSERVAÇOENS*. [B00_0032, p. 232].

angelim *s.m.*

variante: -

Árvore de madeira rígida usada nas construções, principalmente de navios e canoas, cuja semente, amargosa, é usada para fins medicinais como vermífugo.

A casca das raízes do dito **angelim**, e fe for da raiz, que ficar para o nascente, melhor pizada, e dada na fôrma dita, he remedio, que algumas peſſoas me disserãõ era bom, e experimentado [...]. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA CVRA DAS PONTADAS PLEURITICAS, E JUAS OBSERVAÇOENS*. [B00_0029, p. 10].

anterino *s.m.*

variante: anterrhino.

Planta de raiz lenhosa, caule ereto e flores em forma de espiga; empregada na Medicina contra defluxos.

[...] a alguns destes curou fazendolhe trazer ao peſcoço, e nos pulſos dos braços alambres brancos; e a outros mandando-os defumar com a femente da herva **anterrhino**, trazendo-a tambem ao peſcoço; allim o dizem Eſcrodero, Crolio, e outros Autores. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, ASSIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO EſCOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERſAS ENFERMIDADES*. [B00_0031, p. 197].

aristolóquia *s.f.*

variante: ariftolequia.

Erva medicinal, a que se atribui a virtude de facilitar o parto.

De galbano, e apoponaco, de cada hum huma onça, raiz de lirio roxo, **ariftolequia** redonda, e de genciana, de cada huma duas oytavas, [...]. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DOS VENENOS, E MORDEDURAS VENENOFAS*. [B00_0039, p. 466].

arroz-de-telhado *s.m.*

variante: -

Erva rasteira (*Sedum acre*), nativa da Europa e da Ásia, com folhas carnosas, ovadas, e flores amarelas, melíferas; uva-de-cão.

[...] e a meſma lingua lha mandareis tambem esfregar com o meſmo, e depois diſto, que ferá pela manhã em jejum, lhe dareis hum vomitorio, e no dia ſeguinte lhe mandareis dar huma onça de ſummo de **arroz de telhado**, a que o vulgo chama [uvas] de cão [...]. JOSÉ ANTONIO MENDES (1770) [1770], *CAPITULO XIV - DA INFECSÃO EFOROBULICA, OU MAL DE LOANDA* [A00_2404].

arruda *s.f.*

variante: -

Planta arbustiva de folhas pequenas e de cheiro forte, que possui propriedades medicinais e está associada a inúmeras superstições.

Huma maõ cheya de folhas de **arruda**, outra de folhas de alecrim, tudo cortado a modo de celada, e lançado em meya medida de azeite doce ,que corresponde pouco mais, ou menos a huma canada de Portugal; [...]. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA CVRA DAS PONTADAS PLEURITICAS, E SUAS OBSERVAÇOENS*. [B00_0029, p. 47].

artemisia *s.f.*

variantes: artemizia, artimija, artimizia.

Erva (*Artemisia vulgaris*) de folhas recortadas e flores brancas, aromáticas, cultivada pelas raízes e folhas que exsudam óleo volátil e têm propriedades emenagogas.

[...] Remedio para que a penfaõ lunar corra bem ás mulheres Quando lhe quizer baixar he fingular de varios remedios. Remedio metter nas folas dos pés trevo do cheirozo, e **artemizia**, e comer em jejum huma cabeça de alhos assada no borralho, e lhe metterão no meio, antes de se assar, humas fevras de assafraõ. JOSÉ ANTONIO MENDES (1770) [1770], *CAPITULO XV - E ULTIMO DESTA OBRA, EM QUE VOS QUERO NOTICIAR MUITOS REMEDIOS PARA VARIAS QUEIXAS, E O MODO COMO OS DEVEIS UZAR, E DESCOBRIRVOS ALGUNS SEGREDOS, COM OS QUAES TENHO BOAS CURAS, E TODOS BEM EXPERIMENTADOS* [A00_2405, p. 114-115].

aspargo *s.m.*

variante: espargo.

Planta hortense (*Asparagus officinalis*), de raiz fibrosa, flores amarelas, nativa da Europa ao Norte da África, cultivada pelas raízes medicinais e pelos brotos carnosos, muito apreciados como alimento e com propriedades diuréticas.

Tomay de canella finissima, de folhas de artimija, de raiz de jenciana, de **espargos**, e de rubia tinctorum de cada, coufas destas meya onça; [...]. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, ASSIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO ESCOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERÇAS ENFERMIDADES*. [B00_0031, p. 192].

aveia *s.f.*

variante: aveya.

Erva (*Avena sativa*) da família das gramíneas, nativa do Mediterrâneo, com grãos altamente nutritivos, o que a torna um dos cereais mais cultivados para a alimentação humana e animal.

[...] a terra naõ ha de fer muyto humida, nem fria, e longe de fumo, e da cafa de vivenda; porque a sua fombra naõ he boa: femea-fe em Outubro até o inverno, e ha de se femear junto com **aveya**, por ter familiaridade, e livre dos ventos em quanto pequenos; [...]. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, ASSIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO ESCOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERÇAS ENFERMIDADES*. [B00_0031, p. 217].

avenca *s.f.*

variante: -

Planta herbácea medicinal com propriedade emoliente e peitoral, empregada em defluxos e bronquites; capilária.

TOrnem huma maõ cheya de **avenca**, fe for da fylvestre, que fe acha em morros de pedras ,e em terra enxuta, e de mato virgem, e tambem fóra delle, esta ferá melhor que a verdadeyra, por fer mais forte ; cofa-fe com hum bocado de raiz de alcaçús machucada, fe a houver, aliàs fe coferá a **avenca** lõ em dous cocos de agua , que ferva até ficar em hum, e depois fe lhe ajuntem duas oytavas de fene, [...]. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA CVRA DAS PONTADAS PLEURITICAS, E SUAS OBSERVAÇOENS*. [B00_0029, p. 17].

azeda *s.f.*

variante: -

Planta vivaz (*Rumex acetosa*) nativa da Europa e Ásia e subespontânea no Brasil, folhas sagitadas, flores avermelhadas em panículas, e frutos capsulares; é cultivada pelas folhas comestíveis, pela tintura vermelha que se extrai da raiz, e para usos medicinais.

Mercurio doce huma onça, deyte-fe de infusaõ por vinte e quatro horas em agua de almeyraõ, ou de **azedas**, ou de borragens, que cubra o dito Mercurio, em vafo de vidra; [...]. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DOS SEGREDOS, OU REMEDIOS PARTICULARES, QUE O AUTOR FAZ MANIFEJLOS PARA UTILIDADE DO BEM COMMUM*. [B00_0034, p. 326].

Dessa maneira foram construídos os verbetes para o protótipo do “Vocabulário da farmacopeia nas Minas Gerais do Brasil Colonial”. Esses 33 verbetes apresentados pertencem ao microcampo lexical dos ‘simplices’, e serão seguidos dos outros simplices, bem como dos outros verbetes referentes aos demais campos e microcampos lexicais, em ordem alfabética, perfazendo um conjunto de 942 verbetes. No apêndice A, encontra-se a nomenclatura do vocabulário da farmacopeia, em ordem alfabética.

Concomitante à construção dos verbetes, para além do registro da variação formal, procederemos, na próxima seção, à análise léxico-semântica das unidades lexicais especializadas relativas aos simplices contemplados no vocabulário proposto – uma vez que estes foram indispensáveis na composição dos remédios citados pelos cirurgiões-barbeiros estudados em suas obras –, com o intuito de comentar as definições dos próprios autores e outros autores da época, no que tange à relevância e à especialização de tais unidades.

**ANÁLISE LÉXICO-SEMÂNTICA DE UNIDADES LEXICAIS QUE DESIGNAM
SÍMPLES**

Esta seção expõe os resultados de nossa pesquisa, após o reconhecimento de unidades lexicais especializadas concernentes aos campos lexicais da Farmácia e da Cirurgia e subsequentes microcampos lexicais já mencionados para a elaboração de um vocabulário da farmacopeia – “arte de preparar e compor medicamentos, ou livro que a ensina” (HOUAISS, 2009) – aplicada para curar as enfermidades que assolavam a vida da população das Minas Gerais, no século XVIII, por conta principalmente da extração do ouro.

A quarta seção deste trabalho expõe a lista completa de unidades lexicais especializadas distribuídas em campos lexicais, além de os 33 primeiros verbetes construídos para o “Vocabulário da farmacopeia nas Minas Gerais do Brasil Colonial”. Uma lista da nomenclatura do vocabulário pode ser consultada no apêndice A. Já o apêndice B indica a localização dos verbetes no quarto capítulo.

A fim de darmos ênfase às unidades lexicais especializadas que designam símplices, destacamos todas elas, seja no corpo do texto, seja nos exemplos citados, em negrito. As doenças, às quais tais símplices estão relacionados aparecem em itálico. Sublinhamos ainda os trechos que indicam em que doenças esses símplices eram empregados, assim como outras informações que consideramos relevante destacar nos exemplos.

A seção ainda conta com doze ilustrações botânicas elaboradas exclusivamente para esta tese. Nas legendas constam o nome popular da planta e o nome científico seguido do classificador entre parênteses.

5.1 Os símplices

As análises das unidades lexicais especializadas pertencentes ao domínio da farmacopeia revelaram que a maioria delas refere-se aos símplices, ou às “plantas medicinais us. no estado natural” (HOUAISS, 2009). Foram reconhecidas 243 unidades lexicais especializadas que designam símplices, conforme já exposto.

Chernoviz, no *Formulario* (1879), esclarece que nas fórmulas ou receitas dos medicamentos, distinguem-se

[...] a *base*, o *adjuvante* ou *auxiliar*, o *correctivo*, o *excipiente* e o *intermedio*. A *base* é a substancia mais activa, o agente principal do medicamento: ella é *simplex*, quando consta de uma só substancia, e *composta*, quando encerra duas ou mais, dotadas das mesmas propriedades (CHERNOVIZ, 1879, p. 23, grifo do autor).

Tendo em vista o número total de unidades lexicais especializadas encontradas e que o campo lexical que mais apresenta unidades é o dos “remédios”, e, dentro deste, o microcampo dos ‘simplices’, interessou-nos este último para justificar o intercâmbio entre nativos e colonizadores, e para provar a existência, já à época, de práticas médicas e farmacêuticas, baseadas no empirismo e no uso de produtos locais.

Acreditamos que tal resultado não se dê ao acaso, já que o acesso aos produtos que vinham do Reino – dentre eles, medicamentos ou matérias-primas para a composição destes – era mais complexo devido tanto à distância das boticas que os ofereciam, quanto do trajeto marinho de Portugal até a Colônia, em que muitas vezes perdiam a utilidade antes mesmo de aportar.

Conforme já mencionado, as condições precárias e de muita escassez em que vivia a população atraída pelo ouro das Minas afetaram de maneira significativa a saúde, principalmente, do minerador aurífero e diamantífero exposto à umidade, à falta de oxigênio, a baixas temperaturas, ou ainda a soterramentos ou alagamentos causados pelo rompimento das barragens de contenção das minas. Poucos suportavam a atividade penosa e pesada por muito tempo, e muitas vezes morriam prematuramente em decorrência da insalubridade e dos acidentes de trabalho.

As unidades lexicais especializadas referentes a simplices possuem, frequentemente, em comum os traços semânticos <<erva>>, <<planta>>, <<arbusto>> ou <<árvore>>, definidos como:

ERVA, ou Herva. Planta, menor que arbutto; não tem tronco, como as mais Plantas, mas talo, & delde a rayz fahe com folhas (BLUTEAU, 1712-1728, v. 3, p. 193, grifo nosso).

PLANTA. Debayxo deste nome generico se entende qualquer arvore, arbutto, flor, herva, & corpo vegetante, que da superficie da terra, ou fóra della, como nas paredes, & telhados, ou debayxo da agua, brota, cresce, & se augmenta no mefmo lugar, em que nasce [...] (BLUTEAU, 1712-1728, v. 6, p. 343, grifo nosso).

ARBÚSTO, s.m. Arvore menor, que as ordinarias, que vive tempos e annos; agoma-se na primavera, e talvez tem da mesma raiz varios pés, ou troncos (SILVA, 1789, v. 1, p. 172, grifo nosso).

ARVORE, árvore. Corpo vegetante, mayor que Erva, & Arbutto, que lança ramos, & folhas (BLUTEAU, 1712-1728, v. 1, p. 580, grifo nosso)

Podemos notar uma reciprocidade entre as definições citadas, quando da utilização dos mesmos vocábulos (sublinhados) para descreverem umas às outras.

Uma vez que, em nossa dissertação de Mestrado (cf. DOMLADOVAC-SILVA, 2017), analisamos as unidades lexicais especializadas que designam enfermidades decorrentes do trabalho árduo dispendido na extração do ouro e do diamante, – isto é, no mesmo contexto histórico e social abordado nesta tese –, e assim descobrimos que a maioria delas se manifestava na pele, decidimos efetuar um novo recorte no campo lexical dos *símplices* que serve de base para essa análise léxico-semântica. Para tanto, destacamos aqui, dentre as 243 unidades lexicais que designam “*símplices*”, as 77 ervas que eram utilizadas como remédios aplicados na cura das doenças cutâneas ou que se manifestavam na pele. Destarte, além de especificarmos ainda mais esse estudo, relacionamos nossa dissertação de Mestrado com nossa tese de Doutorado.

A **abútua** (ilustração 1), por exemplo, era bastante aplicada em *ateromas*, *esteatomas* e *melicéris* – “tumores duros”, segundo Ferreira (1735, p. 156, grifo nosso) –, assim como a **mamona**, o **gingibre**, a **alfavaca**, o **alecrim**:

Para os tumores duros, a que chamaõ atheroma, esteatoma, ou meliceris. [...] Tambem a maffa, que já fica dita, de queyjo velho com azeyte de **mamona**, que fique a modo de papas, he muyto bom remedio. Ou este. Feytas numas papas de agua ardente. do Reyno com pós de **butua**, e poftas nos inchaços duros os deffaraõ, [...]. Ou este. Façaõ huma maffa de **gingibre** pizado, e fervido com a dita agua ardente, e pofta em cima dos tumores, que os desfará fendo continuada. Ou este. Pizem **alfavaca**, e **alecrim** partes iguaes, e fervida esta maffa com agua ardente, e metida em hum faquinho, que applicado nos tumores duros, [...] ferá hum remedio muyto efficaz.

Também era usada a raiz de tal erva **abútua**, assim como a de **capeba**, em *apostemas* (tumores, abscessos), ou em *contusões* e *inchaços* ou *inchações*:

ANtes que dé principio ás obfervaçoens, quero advertir, que das raizes de **capeba**, de que fallo, [...]. Naõ sey que haja raiz mais deobstruente, nem mais vulneraria, nem que mais promova a circulaçaõ do sangue, e mais liquidados, nem que mais purifique os humores, liquidando-os, e desfazendo apostemas internos; e fendo cofida com hum bocado de raiz de **butua**, ainda melhor os desfará ; que tambem ha nestas Minas grande abundancia , e a mais preta he a melhor; por cuja caufa he admiravel bebida nas quedas por grandes que sejaõ, e desfaz tambem os inchaços, ou contufoens por fóra do corpo, [...] (FERREIRA, 1735, p. 80, grifo nosso).

E ainda no tratamento da *erisipela*:

Hum meu amigo me certificou, que rebentandolhe a boca em chaguinhas por causa de huma defluxão, e ser esquentado do figado, e ter ouvido dizer, que a **butua** era raiz admiravel para quem era esquentado do figado, mettéra na boca hum bocado della, e a fóra mascando, e engulindo a saliva, o que continuara, lançando huma fóra, e metendo outra na boca, e no discurfo de poucos dias se achára são sem chagas, e sem defluxo, [...] a agua bem cozida com esta raiz; e molhar nella panos para pôr na erifipella, não os deyxando fegar, he bom remedio, e melhor que todos para não tornar, he o canudo com azougue vivo ao pesçoço, como se diz no tratado terceyro (FERREIRA, 1735, p. 461-462, grifo nosso).

Ilustração 1: Abútua (*Chondodenderon platyphyllum* (St. Hil.) Myers)



Fonte: Monteiro de Barros Filho (2022)¹.

¹ O autor das ilustrações botânicas é o artista visual e arquiteto Fernando Luiz Lopes Monteiro de Barros Filho, que identificaremos na fonte de cada ilustração como Monteiro de Barros Filho (2022).

Embora as enfermidades cutâneas, tais como *abscesso*, *alporca*, *apostema*, *ateroma*, *bostela*, *bouba*, *cancro*, *carbúnculo*, *caroço*, *cirro*, *edema*, *empola*, *erisipela*, *escrófula*, *esteatoma*, *frieira*, *furúnculo*, *goma*, *hérnia*, *hidropisia*, *impingem*, *inchação*, *inchaço*, *leicenço*, *lobinho*, *maldita*, *melicéris*, *mula*, *nascida*, *panarício*, *pólipo*, *pústula*, *rânula*, *unheiro* e *verruga* possuam todas o traço semântico “tumor” em comum, podemos notar diferenças nos tipos de tratamentos empregados na cura de cada uma.

Para as enfermidades mencionadas nos exemplos, portanto, – *ateroma*, *esteatoma*, *melicéris*, *apostema*, *inchaço* e *erisipela* – **abútua** é remédio eficaz. Assim como o são as outras ervas mencionadas – **mamona**, **gingibre**, **alfavaca**, **alecrim** e **capeba** –, sempre associadas à cura de *tumores* diversos.

A planta trepadeira é nativa e recebeu denominação de origem tupi, como podemos notar em Bueno (1983, p. 22): “**Abútea** – Trepadeira menispermácea”; “mas provavelmente de étimo incerto”, conforme afirma Cunha (1986, p. 6).

Chernoviz (1890, p. 23, grifo nosso) conta que “Esta raiz foi trazida do Brazil para a Europa em 1688; hoje ainda é receitada pelos medicos como diuretica, nas areias e hidropisias”. E tanto Chernoviz (1879, p. 143; 1890, p. 23) quanto Semedo (1697, p. 784) afirmam ser a planta também conhecida por **parreira-brava**. Chernoviz (1890, p. 634) remete, inclusive, essa unidade lexical a **abútua**: “**PARREIRA BRAVA**. *Veja-se ABUTUA*”. Ferreira (1735) também o faz, no caso, aplicando a erva em uma *inchação*, ou “anasarca, edema, inchaço, tumor” (HOUAISS, 2009):

[...] para esta queyxa não ha remedio melhor, que os pós bem finos de raiz de **butua**, ou por outro nome **parreyra brava**, mifturados com tanta quantidade de vinho branco, quanta baftar para fazer humas papas, e em falta do vinho, fe faraõ com agua ardente do Reyno , que fendo procedidas as dores, ou inchação por caufa de flatos, farará em poucos dias, renovando-se em fe fecando com a dita agua ardente. (FERREIRA, 1735, p. 198, grifo nosso).

O **gingibre**, planta de origem asiática indicada no exemplo para o tratamento de *tumores*, foi transportado da China para o Brasil (CHERNOVIZ, 1890, v. 2, p. 52) e tem inúmeras propriedades medicinais.

Alfavaca (ilustração 2) não traz nenhuma especificidade nas seis ocorrências do *corpus*; somente Mendes (1770) emprega a **alfavaca-de-cobra** ou **parietária** (*Parietaria officinalis*), mas, no caso, em outros tipos de enfermidades, que não cutâneas. Encontram-se ainda nos dicionários consultados **alfavaca-do-campo** (*Ocimum incanescens*) e **alfavaca-de-cheiro** (*Ocimum incanum*; *Ocimum fluminense*). Não podemos afirmar qual delas era usada,

mas o que podemos extrair das definições de todas elas é que possuem propriedades sudoríficas, ou seja, que penetram “nas mais intimas partes do corpo, incidindo, & attenuado os humores, levão cõlgo quanto achão, & o impellem para a superficie” (BLUTEAU, 1712-1728, v. 7, p. 774).

Ilustração 2: Alfavaca (*Ocimum nudicaule* Benth.)



Fonte: Monteiro de Barros Filho (2022).

O **alecrim** (ilustração 3), no exemplo mencionado, é utilizado juntamente com a **alfavaca** para os mesmos fins (*ateromas, esteatomas, melicéris* e outros *tumores*); é erva aromática nativa da Europa e comum no Brasil. Chernoviz (1879, p. 245, grifo nosso) atesta

que as partes usadas são as “Folhas e summidades floridas” e que este arbusto é “Excitante, empregado na anorexia, digestões laboriosas, tosses humidas, chlorose, escrophulas, etc.”. Mais tarde, em seu *Diccionario de Medicina Popular*, o médico também atesta ser o **alecrim** útil “na inchação das pernas” (CHERNOVIZ, 1890, v. 1, p. 97, grifo nosso).

Ilustração 3: Alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.)



Fonte: Monteiro de Barros Filho (2022).

Recentemente, Grandi (2014, p. 63, grifo nosso) assegura que “a sumidade florida, sob a forma de extrato fluido, é usada contra doenças da pele, resfriado, contusões, cefalalgias, dores nos rins, febre do tifo, angústia, depressão, dismenorreia, queda do cabelo, exaustão

física e intelectual, e ainda como carminativo e cicatrizante”. Como podemos notar, serve o **alecrim** para doenças da pele, como *escrófulas, inchações, contusões e cicatrizes*.

Caieba é planta nativa do Brasil, cujas folhas e raízes são, atualmente, empregadas em “males do fígado, baço e rins, úlceras, resfriados, bronquites, como diurético, febrífugo, depurativo, emenagogo, na icterícia, sífilis, leucorreia, nas afecções urinárias, furunculoses, queimaduras e filariose” (GRANDI, 2014, p. 309, grifo nosso). E, assim como no século XVIII, é empregada na *icterícia*, na *sífilis (boubá ou gálico, à época)*, em *furúnculos* e em *queimaduras*. Seu nome tem origem tupi-guarani e significa “mato baixo” (BUENO, 1983, p. 69), o que reflete mais sua descrição física, do que suas propriedades medicinais; ou “Cipó de cobra; erva de Santa Maria” (BUENO, 1983, p. 69).

A **mamona**, citada para os mesmos fins que as ervas mencionadas anteriormente, equivale ao mesmo que **carrapato**. Chernoviz (1890, v. 2, p. 365, grifo nosso) informa que a planta é originária da África e das Índias Orientais, e que “As suas folhas são vulgarmente empregadas para curar feridas e para banhos emollientes”; dela também se extrai o óleo de rícino.

O **açafrão** (ilustração 4), erva da família das iridáceas, é nativo da Europa; e, além de ser usado em *apostemas, inchação e tumores*, ainda é citado como ingrediente para cura de outras doenças da pele, como *abscesso, furúnculo, leicença e panarício*:

Já que falei em panericio, queixa que certamente pela força, com que vem a muitas pessoas, se faz digna de toda a atenção; e por isso quero dizer aos meus curiosos que, quando nos panericios houver muitas dores, e inflamação, se usem das papas feitas de miolo de pão alvo, leite de peito, gema de ovo, e **alafraão**; e nunca se lhe deixem secar: cazo que não tenhais miolo de pão, assai no rescaldo huma banana de S. Thomé; e ao depois fazei com ella as vezes do miolo de pão, ajuntando com a dica banana assada tudo o mais, e pondo-se no dedo. (MENDES, 1770, p. 112).

E ainda em combinação com outra planta – a **malva**:

Para apostemas pequenos, ou também grandes, a que chamaõ frunculos, ou leycenços, ou abcessos. Quando houver tumor, ou inchação em qualquer parte do corpo, que se não resolva, e queyra fazer materia, o que se conhecerá por haver picadas na parte, se lhe porá emplasto maturativo, que se fará de folhas de **malvas** bem cozidas, e pizadas com unto de porco sem sal, huma ou duas gemas de ovos, e humas severas de **açafrão**, que fique huma boa massa, a qual se estenderá em pano grosso, e quente se porá na parte, renovando-se as vezes que for necessario [...] (FERREIRA, 1735, p. 194, grifo nosso).

Ilustração 4: Açafrão (*Crocus sativus* L.)



Fonte: Monteiro de Barros Filho (2022).

Vieira (1871-1874, v. 4, p. 67) insere a marca diatécnica “Termo de botânica” no verbete **malva** e define a palavra como “numeroso genero de plantas”, cujas espécies são muito apreciadas no uso medicinal. Chernoviz (1890, v. 2, p. 361, grifo nosso) explica que desta planta existem muitas espécies no mundo todo, inclusive no Brasil, e que

[...] são todas notáveis por suas propriedades emollientes, de sorte que podem ser, sem inconveniente, substituídas umas ás outras no uso medico. Empregam-se as folhas e flores em infusão ou decocção, nos defluxos, nas bronchites, em todas as molestias inflammatorias. A infusão usa-se em bebidas, a decocção em banhos.

O médico polonês ainda afirma que “Nas boticas empregam-se particularmente duas especies conhecidas sob o nome de grande e de pequena malva” (CHERNOVIZ, 1890, v. 2, p. 361). Entretanto, em nenhuma das 27 ocorrências da palavra em nosso *corpus* de estudo a espécie da planta é informada.

Assim, a **malva** entra na composição de inúmeros medicamentos tanto para as doenças mencionadas no exemplo anterior, quanto para *chagas gálicas* ou *cavalos* e *pólipos*, como podemos notar no exemplo extraído de *Governo de Mineiros* (MENDES, 1770, p. 130-131, grifo nosso):

Para chagas gallicas, principalmente para as das partes fracas, tanto, em homens, com em mulheres, a que o vulgo chama cavallos, tocando-as com huma penna molhada nella tres, ou quatro dias: com advertencia que, se a parte, em que as chagas estiverem, estiver vermelha, isto he inflammada, e houver dor grande, primeiro lhe deveis uzar de lavatorios, e pannos de cozimento de **malvas**, **violas** e **tanchagem**, applicando-lhe em fima as mesmas hervas cozidas: e este remedio só se uza huma vez cada dia, e se poem fomite com a rama de huma penna untada nelle. Para as chagas no nariz, ou polipos ulcerados, he o unico remedio, e com que eu nellas Minas curei muita gente.

Em capítulo sobre o *cirro*, Mendes (1770, p. 17-18, grifo nosso) atesta que, “Sendo a inflammação nos olhos, se cozerão as mesmas **malvas**, **violas**, **tanchagem**, e **rozás** seccas com seus pés, tudo cozido em agua; e com ella se lavarão os olhos com panno de linho limpo”, associando novamente a planta à **viola**, à **tanchagem** e, no caso, às **rosas**, desta vez, para elaborar um medicamento composto para tratar *cirro*.

E no capítulo do *Erário Mineral* sobre o conjunto de vários remédios, criados e experimentados pelo autor e aplicados a diversas enfermidades, Ferreira (1735, p. 109-110, grifo nosso) sugere “Outro remedio para os efquentamentos que tem, ou fazem muytas dores no principio. [...] De agua de **malvas** libra, e meya, xarope, ou lambedor violado oyto onças, mifture-fe”. Podemos notar novamente a composição da **malva** com a **viola**, desta vez presente no xarope, ingrediente da receita.

Mendes (1770, p. 105, grifo nosso) menciona também o uso da **malva** para tratar a *erisipela*: “Remedio para erizipela. Cozaõ folhas de **malvas** tenras, e dos olhos de dentro, em manteiga de vacca fresca feita de leite do mesmo dia, e depois de bem cozidas, se unte com aquelle oleo a parte erizipelada varias vezes, e logo farará”.

Empregada nas mesmas enfermidades que a **malva** e a **tanchagem**, a **viola** é mais conhecida hoje como **violeta**. Vieira (1871-1874, v. 5, p. 958, grifo nosso) define **viola** como “2.) VIOLA s.f. (Do latim viola) Termo de botanica. Flôr, aliás violeta, rôxa-escura”. Grandi

(2014) registra somente **violeta-de-cheiro**, mas informa que o nome popular é **violeta**; quanto ao emprego da planta, a autora afirma que “As flores são emolientes e peitorais. As raízes, em doses elevadas, são eméticas. É muito usada ainda para tratar problemas de pele como psoríase e eczema e, a longo prazo, para reumatismo e infecção urinária” (GRANDI, 2014, p. 1149, grifo nosso).

A **tanchagem** é planta empregada no tratamento de diversas enfermidades cutâneas, como *apostemas, cancros, cavalos, chagas, cirros, erisipela, escoriações, esfoladuras, gálico, impingens, inchações, pólipos, pruídos, sarna e unheiro*. Seguem alguns exemplos, em que podemos comprovar seu uso para além de outros já mencionados:

Agua Mercurial para farnas, e impingens. Agua de **tanchagem** quatro libras, agua rofada onça, e meya, cofimento de laranjas nove onças, Mercurio doce fublímado meya onça, mais ou menos, conforme a cada hum lhe parecer; tudo se cofa em vafo vidrado a fogo brando, que fique bem cofido, e se guarde para o ufo: na primeyra, e segunda lavagem, que se fizer, fahirá a farna coda para fóra, e dahi por diante se irá secando , e fazendo escaras, que depois iraõ cahindo. (FERREIRA, 1735, p. 114, grifo nosso).

Agua de **tanchagem**, e de pés de rosas, de cada huma duas onças, pedra lipis hum escropulo, alvayade em pó futil tres oytavas; pós de **caroba do campo** huma oytava, tudo se mifture, e quente se lavem as chagas, e se lhe ponhaõ panos molhados, e fios duas vezes ao dia. Com este remedio tenho curado infinitas chagas nos dedos dos pés, a que chamaõ unheyros; algumas deyxadas por incuraveis e escoriaçoens do membro viril, e da bolfa dos testiculos. (FERREIRA, 1735, p. 151, grifo nosso).

Estas escoriaçoens, ou esfoladuras da pelle procedem muytas vezes por demafiado calor, ou por causa de algum, proido, coçando-se, e acodindo a estas partes algum humor soroso, ou colerico, causa as taes chagas superficiaes tendo pois esta causa facilmente se remedeað com o seguinte remedio. Agua de **tanchagem**, e rofada, de cada huma huma onça, alvayade em pó futilissimo duas oytavas, mifture-fe: ou agua de cofimento de folhas de **tanchagem** muyto bem cofidas duas onças, alvayade em pó futil duas oytayas, mifture-se, e tépido se molha hum paninho de linho fino, ou pincel , e se molhaõ as escoriaçoens a miudo, [...]. (FERREIRA, 1735, p. 412, grifo nosso).

Para chagas cancrozas ou cancros ulceradas. Quando queirais curar com este fingular remedio algum cancro, como nestes sempre costuma haver dores, e inflamaçoens, lhe poreis primeiro dois, ou tres dias em sîma o remedio seguinte. Tomai **tanchagem** com raiz, e tudo; **herva de Santa Maria**, que cá he **herva moura**, de cada huma sua maõcheia; de **meimandro** meia maõcheia: tudo se pize bem, e se lhe mifturem dois ovos todos batidos, e se applique primeiro ao cancro dois, ou tres dias; e passados, se lhe applique manteiga, untando com mais largueza do que nas outras chagas; [...]. (MENDES, 1770, p. 132, grifo nosso).

Chernoviz (1879, p. 752) atesta que as folhas da **tanchagem** possuem propriedades adstringentes. Hoauiss (2009, grifo nosso) afirma ser “erva vivaz (*Plantago major*), nativa da Europa, Ásia e África, de folhas espessas e ovais, em roseta, espigas cilíndricas e frutos capsulares, cujas folhas, raízes e sementes são us[adas] pelas propriedades adstringente, cicatrizante, diurética, expectorante etc.”. Grandi (2014, p. 1092, grifo nosso) revela que atualmente a **tanchagem** é empregada como “Tônico, febrífugo, adstringente. Vulnerária, sendo as folhas frescas utilizadas diretamente nas feridas. Antiinflamatória, principalmente em dores de garganta, inflamações uterinas e nas doenças de pele”.

A **rosa**, planta de numerosas espécies, em nenhuma das ocorrências de nosso *corpus* é especificada. Grandi (2014, p. 1013-1015) registra somente **rosa-branca**, cujo emprego se dá em doenças da pele, devido às propriedades adstringentes e antiinflamatórias.

Apesar da relação entre a **capeba** e a **erva-de-santa-maria** mencionada por Bueno (1983, p. 69), não encontramos nenhuma menção à **capeba** em **erva-de-santa-maria**, em nenhum dos dicionários consultados. Hoauiss (2009, grifo do autor) remete **erva-de-santa-maria** a **erva-moura** – “**2 P²** m.q. **erva-moura** (*Solanum nigrum*)” –, assim como faz Mendes (1770). Sobre a **erva-moura** o lexicógrafo atesta:

ANGIOS³ erva (*Solanum nigrum*) da fam. das solanáceas, de distribuição cosmopolita, com variedades e formas por vezes subarbustivas, venenosas ou inócuas, com vários usos medicinais, esp. como analgésico e sedativo, folhas ovadas, sinuadas, denteadas ou inteiras, flores ger. brancas, em corimbo, e bagas globosas, freq. roxas ou pretas; aguarquiá, aguarquiá-açu, araxixu, caraxixu, erva-de-bicho, erva-de-santa-maria, erva-moira, maria-preta, maria-pretinha, pimenta-de-galinha (HOUAISS, 2009, grifo nosso).

Esta **erva-moura** ou **erva-de-santa-maria**, juntamente com a **tanchagem** e o **meimendo**, entre outros ingredientes, compõe remédio para *cancros* e *chagas cancrosas*. O **meimendo** é indicado também para *hérnia* e *inchação*:

[...] e applicando-a quente fobre a hernia, que estiver dura, renovando-a todos os dias duas vezes, desfará a inchação em poucos dias cerca, e infallivelmente: faça-fe grande eftimação deste remedio, que elle

² Marca linguística relativa a regionalismo (HOUAISS, 2009), no caso, Portugal (*P*).

³ Hoauiss (2009) utiliza a marca diatécnica “ANGIOS” para identificar as “angiospermas”, cujo significado é: “s.f. (1782) BOT 1 espécime das angiospermas □ **angiospermas** s.f.pl. BOT 2 subdivisão do reino vegetal que compreende as plantas floríferas, cujas sementes estão encerradas no pericarpo, e reúne duas classes: as dicotiledôneas e as monocotiledôneas [A taxonomia tem adotado, ao final do sXX, a denominação *magnoliófito*.]” (HOUAISS, 2009).

defempenhará a esperança dos doentes, e de quem o applicar. Outro para o mefimo. Tomem folhas de **arruda**, e de **meymendro** verdes de cada huma huma maõ cheya, pizem-fe muyto bem em gral de pedra, e com humas gotas de vinagre rofado, ou em fua falta vinagre forte fe formem humas papas de mediana groffura, que fe poraõ em pano de linho, e quentes na parte por tempo de nove, ou dez dias ,e naõ fõ desfará a inchaçaõ, mas tambem tirará a dor, fe a houver, e fe definflâmará a parte com grande felicidade. (FERREIRA, 1735, p. 412, grifo nosso).

Vieira (1871-1874, v. 4, p. 186) atesta sobre o **meimendro**: “Planta narcotica venenosa; herva medicinal”. Chernoviz (1879, p. 596-597, grifo nosso) afirma que, se “Administrada em pequenas dóses é de grande soccorro na therapeutica”, e receita “Pilulas de meimendro e cicuta [...] como calmante no cancro”. No *Diccionario de medicina popular*, mais tarde, Chernoviz (1890, v. 2, p. 394, grifo nosso) declara que, “Externamente, as folhas applicam-se nos tumores e ulceras”.

Hoauiss (2009) remete **caroba-do-campo** a **carobinha** que, por sua vez, significa:

ANGIOS 1 árvore de até 20 m (*Jacaranda caroba*), da fam. das bignoniáceas, nativa do Brasil (MG, SP, GO, MT, MS), de casca cinzenta, folhas compostas, flores roxo-escuras ou violáceas e cápsulas elípticas, de madeira branco-acinzentada e cuja casca apresenta propriedades adstringentes, diuréticas e antissifilíticas; caroba-do-campo, caroba-do-carrasco (HOUAISS, 2009, grifo nosso).

Chernoviz (1879, p. 352, grifo nosso) define somente **caroba**, e atesta que suas folhas eram empregadas “contra as boubas e syphilis”. No entanto, cita outras espécies de **caroba** que gozam das mesmas propriedades, dentre elas a **carobinha**. Ferreira (1735, p. 402, grifo nosso) também utiliza a **caroba** para as *chagas*, além da **caroba-do-campo**, já mencionada:

Eu fempre folguey de trazer os pós de **caroba** comigo para quando me pediaõ, que viffe alguma chaga, os quaes trazia em tres papeis; hum com os pós simples, outro com pós compofitos brandos, outro com pós compofitos mais fortes, como affim: Duas oytavas de pós de **caroba** bem finos, e meyo escropulo de pós de pedra lipis tambem bem finos; e o outro mais forte affim: Pós de **caroba** duas oytavas, pós de pedra lipis hum escropulo, ou até escropulo e meyo [...].

No trecho, a seguir, Mendes (1770, p. 103, grifo nosso) indica a **caroba-do-campo**, entre outras ervas, como a **salsaparrilha**, a **jalapa** e a **raiz-da-china** para *chagas gálicas* e *boubas*:

Massa singular para boubas, e outras quaesquer chagas gallicas, que haja em qualquer parte do corpo humano. Recip. **Salf parril.** em p., e **carob. de camp.** tambem em p. an. tres onfas; **Jalap.** em p. onfa, e meia; mercur. doc. huma oitava, mist.: e teraõ em ponto de melado duas libras de affucar branco, e fe lhe vaõ botando os ditos pós mexendo sempre bem, até com effeito ficar feita a massa. Esta massa fe dá depois de purgado, ou vomitado o enfermo huma, ou duas colhéres cada manhã em jejum; e conforme a obra que fizer, assim fe vá uzando, e fe lhe pode beber em sima huma chicara de cozimento de raiz de **falfa parrilha**, e hum bocado de **raiz da China**.

Bluteau (1712-1728, v. 7, p. 451, grifo nosso) diz que a **salsaparrilha** “he sudorifica, deficativa, & efficacissima contra o morbo Gallico”; Silva (1789, v. 2, p. 660, grifo nosso) afirma ser “droga vegetal medic. antivenérea”, Chernoviz (1879, p. 710, grifo nosso) informa que “Há muito tempo que se emprega com vantagem no tratamento das molestias syphiliticas, cutaneas, rheumaticas e gotosas”; e, mais tarde, reitera: “É um remedio antisiphilitico por excellencia [...]” (CHERNOVIZ, 1890, v. 2, p. 936, grifo nosso).

Também para *gomas*, outros tipos de *chagas*, *boubas* ou *mulas* Ferreira indica a **jalapa**, com a qual se faziam purgas ou laxantes:

[...] gomas [...] ou chagas na garganta, ou por outras partes do corpo, ou mula aberta, que não queyra fechar, ou boubas: para tudo isto he admiravel qualquer, dos remedios seguintes. [...] e depois com duas, ou tres purgas de jalapa pizada de frefco, porque perde muyto a sua virtude, com duas oytavas e meya de pezo cada huma até tres conforme as forças do doente [...]. (FERREIRA, 1735, p. 306, grifo nosso).

A respeito desta planta, Bluteau (1712-1728, v. 4, p. 7, grifo nosso) atesta ser “milagrofo em humores Gallicos”. Assim, apresentamos mais um exemplo de Ferreira (1735), em que se reúne a **bardana** à **jalapa**, em remédio voltado à cura das doenças mencionadas no parágrafo anterior, bem como de *gálicos*, *gonorreias* e *cavalos*:

Pirolas para toda a especie de gallico, e boubas. Com estas pirolas tenho curado gonorrhéas antigas, cavallos, chagas na garganta, gomas, talpareas, e dores de juntas, depois dos humores preparados com os xaropes preparantes, e purgados com as purgas, como tudo fica declarado, das quaes pirolas sua receyta he a seguinte. De rezina de **jalapa**, e extracto de raiz de **bardana**, de cada hum meyo escropulo, Mercurio doce sublimado graõs dez com humas gottas de ballamo de enxofre terebentinado fe formem pirolas pequenas, e dourem-fe. He do Doutor Ribeyra, e a tenho bem experimentada. (FERREIRA, 1735, p. 308, grifo nosso).

A raiz da **bardana** possui effeito “Tonico e sudorífico, empregado em infusão no tratamento dos dartros, sarna e syphilis. O decocto, usado em lavatorios, goza da propriedade

bem evidente de acalmar a comichão dartrosa” (CHERNOVIZ, 1879, p. 303, grifo nosso). Comprovamos assim o emprego da **bardana** no tratamento de moléstias cutâneas, como *sarna* e *gálico* (*sífilis*, atualmente). Além disso, “dartro” é palavra de origem francesa, definida por Houaiss (2009, grifo nosso) como: “MED *p.us.* termo genérico com o qual se designavam várias afecções cutâneas, esp. herpes-zóster e impigem, que se supunha terem a mesma origem”.

Raiz-da-china não foi registrada na maior parte dos dicionários consultados. Encontramos o verbete somente em Figueiredo (1913, p. 1698), no qual consta a seguinte definição: “Planta esmilácea, (*smilax China*)”. Nesse caso, também é o exemplo de Mendes (1770, p. 103) que atesta que a erva era utilizada como remédio contra *chagas gálicas* e *boubas*. Neste outro exemplo do século XVIII retirado do *Banco de Dados do DHPB*, encontramos a seguinte informação a respeito desta planta:

Jagoapecanga - São húas vergas, q' nacam em húa tosa, 3, 4, e as vezes 5 de grosura de 3 dedos juntos, e os seos nós a maneira de bengalas, cobertas de huns espinhos duros como o ferro, as folhas do feitio de hum coração, e 1 gemeo de cumprim[en]to; a sêpa hé húa batata amarela p[o]r dentro algum tanto dura, e de pois de sêca fica como q[ua]lq[ue]r páo. Esta planta hé a mesma q' os Chinas chamão Lampatão, os Turcos Chophchina, os peruanos Cocolmeça, os Esp[anhói]s Raiz de Ia Immortalidad, e os Portuguezes **Raiz da China**. ANÔNIMO (MUITO PROVAVELMENTE JOSEPH BARBOSA DE SÁA) (1999) [1765], [X]. NOTICIA DE VARIAS PLANTAS, MADEIRAS E PÁOS Q' SE CONHECEM NO BRAZIL COM A DISTINÇÃO E CIRCUNSTANCIAS Q' PERTENCEM A CADA HÚA DAS SUAS CLASES [A00_2217, p. 224]⁴.

Encontramos o verbete **japecanga**, em Chernoviz (1879, p. 548), que remete a palavra diretamente a **salsaparrilha**: “V. SALSAPARRILHA”. Já no verbete **salsaparrilha**, Chernoviz (1879, p. 710) informa que “Ha muitas salsaparrilhas proprias ao Brasil, onde são conhecidas debaixo do nome vulgar de *japecangas* [...]”. Grandi (2014, p. 704-706) registra **japicanga** e, como sinonímia vulgar, cita **japecanga** e **falsa-salsaparrilha**. Em relação ao emprego, a planta é indicada para “Gonorreia, reumatismos, eczemas, afecções do aparelho genital feminino e depurativo. Na China, seu uso foi considerado eficaz para 90% dos casos de sífilis e 50% nos casos crônicos. Foi comprovada também sua eficácia no tratamento de lepra nos seres humanos” (GRANDI, 2014, p. 705, grifo nosso).

⁴ Observamos que os códigos e as configurações do exemplo citado são mantidos, conforme foram construídos para o *Banco de Dados do DHPB*. Desta maneira, destacamos em negrito a unidade lexical em questão, e o exemplo é seguido pelo nome do autor, pela data de publicação do volume, pela data da primeira publicação, pelo nome do capítulo, pelo código de referência do arquivo e pela página, em que o exemplo se encontra.

Para *hidropisia* e *anasarca* servem a **alcatira** (ilustração 5) e a **coloquintida**, conforme atesta Ferreira (1735, p. 190, grifo nosso):

Os trociscos de Alaandal, sendo feytos com toda a perfeycão, tem grandissimo prestimo para curar as hydropelias e modorras: diz o Doutor Curvo; que se lhe faltasse este remedio, se não atreveria a curar estas duas doenças, mas com a infusão dos ditos trociscos, seis vezes tomados em dias alternados, cura muytas hydropelias, anazarcas, e alcites, [...] devem-se fazer os taes trociscos do modo seguinte. Tomareis **coloquintidas** das mais brancas, e leves, que são as melhores, dous arrateis, tiraylhe todas as pevides de forte, que não fique alguma, pizem-se em almofariz grande, e pela peneira de pão branco coareis o pó dellas, e então misturay o dito pó com huma pouca de **alquitira**, que esteja derretida em tanta quantidade de agua rofada, quanta for necessaria, para que a dita alquitira fique hum polme, como caldo de farinha, e amassay o sobredito pó das **coloquintidas** muyto bem com o polme da **alquitira** de tal modo, que se forme huma massa medianamente dura, e fazendo-a em pastilhas [...].

Vieira (1871-1874, v. 1, p. 278) diz que da **alcatira** se faz “uma mucilagem empregada na Pharmacia”. Houaiss (2009) remete **alcatira** a **astrágalo**: “**1** ANGIOS m.q. **astrágalo** (*Astracantha gummifera*)”, que por sua vez é definido como: “**3** ANGIOS arbusto (*Astracantha gummifera*) nativo da Ásia, principal fonte para a extração da goma adraganta; adraganta, adraganto, alcatira, alquitira, tragacanta, tragacanto” (HOUAISS, 2009). Podemos notar que ambas as unidades lexicais, **alcatira** e **astrágalo**, possuem, em Houaiss (2009), a rubrica “angiosperma”, o que indica tratar-se de símplices.

Ilustração 5: Alcatira (*Astracantha gummifera* Labill.)



Fonte: Monteiro de Barros Filho (2022).

Bluteau (1712-1728, v. 2, p. 380, grifo nosso) em relação à **coloquintida**, afirma: “He remedio contra a Epilepfia, Apoplexia, Letargia, Sarna, Ciatica, &c. [...]”. Chernoviz (1890, v. 1, p. 655, grifo nosso) acrescenta que: “Emprega-se nas hydropisias, dôres de cabeça intensas, epilepsia, apoplexia [...]”. Ambos atestam, assim, o uso da **coloquintida** no tratamento de doenças cutâneas.

Para *chagas e mordeduras* Ferreira (1735, p. 465-466) indicava uma espécie de pasta elaborada, entre outros ingredientes, com **alho** e **cebola**: “Pizem-se **alhos**, e **cebolas** com triaga magna, e humas pingas de agua ardente, fe faça maffa, e fe applique na mordedura [...]”

De triaga magna huma onça, **alhos** affados, e **cebola**, tudo fe pize, e em fôrma de cataplafma fe applique na chaga”.

Sobre o **alho** (ilustração 6), encontramos em Bluteau (1712-1728, v. 1, p. 254, grifo nosso) a seguinte informação: “Hortaliça conhecida, a que Galeno chama Triaga dos Rufticos, porque de ordinario sò elles experimentão as suas virtudes, fem fazerem caso do cheiro desta erva, que a gente nobre aborrece [...]”.

Ilustração 6: Alho (*Allium sativum* L.)



Fonte: Monteiro de Barros Filho (2022).

Chernoviz (1879, p. 360) afirma que o bolbo da **cebola** “serve tambem, depois de assado, como cataplasma emolliente, empregada nos leicencços. As cebolas cruas piladas, e misturadas com leite frio, dão-se como alimento exclusivo no tratamento da hydropisia”.

Ademais, serve a **cebola** para *queimadura*, *ardor* e *pruído*, conforme observamos no seguinte trecho do *Erário Mineral*:

Pizem huma, ou duas **cebollas** com pouco, fal, e pondo a tal massa em hum prato inclinado para distilar, daquelle licor, que for sahindo, se vá untando a queymadura com huma penna, e veraõ effeytos prodigiosos, untando-se a miudo com tal condiçãõ, que a tal queymadura não ha de estar esfolada, porque se o estiver lhe fará grande dano. He tal este remedio, que os seus prodigiosos effeytos de tirar a dor, o ardor, o proído, e impedir que não impolle, faraõ admirar a todos, porque immediatamente faz os proveytos referidos, advertindo que se ha de ufar delle logo no principio. (FERREIRA, 1735, p. 142, grifo nosso).

Ou ainda para o tratamento de *calos*:

Os callos se tiraõ sem risco da vida com os remedios seguintes. [...] Mastigar papel pardo pelas manhãs em jejum todos os dias, e porlhe aquella massa em fina, que os cubra por tempo de oyto, ou dez dias, e depois metellos em agua quente por tempo de meya hora, com muyta facilidade se tirarãõ; [...]. Ou **cebolla** pizada com enxundia de galinha. (FERREIRA, 1735, p. 149, grifo nosso).

Porro ou **alho-porro** (ilustração 7) é “Hortaliça conhecida”, segundo Bluteau (1712-1728, v. 6, p. 624). Ferreira (1735, p. 127) afirma que a erva serve para tratar *pólipos*: “Unguento para o polipo, que nasce dentro no nariz. Misture-se fumo de **alhos porros** com tartaro, e cera verde, faça-se unguento. Ufar-se-ha pelas ventas do nariz, pois he de grandíssima utilidade, e preciosíssimo remedio”.

Ilustração 7: Alho-porro (*Allium porrum* L.)



Fonte: Monteiro de Barros Filho (2022).

A composição de **aliária**, **arruda** e **escórdio** era exclusivamente indicada para casos de *gangrena*:

De verdete quatro onças, pedra humi queymada, e fal armoniaco, de cada hum meya onça; fumo de **efcordio** quatro onças, fumo de **alearia**, e de **arruda**, de cada hum tres onças; vinagre esquilítico, ou bem forte feis onças, mel dezaféis onças; tudo se cola a fogo manso até tomar consistencia mediocre de unguento brando. Virtudes. He grande preservativo para gangrenas, e chagas podres; porque confome o podre, e preserva o saõ; e tambem he remedio de grande proveyto para alimpar as chagas, que estiverem fujas, desfazendo hum bocado delle em agua ardente do Reyno, e molhando nella quente fios, e panos, e

nas gangrenas, ou nas podres se ufará delle em sustancia, untando com elle as pranchetas muyto bem, lavando primeyro a tal parte com agua ardente do Reyno bem quente, e pondolhe por fima panos molhados na mefma. (FERREIRA, 1735, p. 123, grifo nosso).

Encontramos o registro de **aliária** (*alliária*) (ilustração 8) em Vieira (1871-1874, v. 1, p. 315): “(Do latim *allium*.) Em Botanica, genero de plantas crucíferas, ephémero, caracterisado pelo cheiro de alho que exhala”. Mais tarde, **aliária** aparece em Figueiredo (1913, p. 83), definida como: “Planta crucífera, de cheiro semelhante ao do alho. (Do lat. *allium*)”. A unidade lexical não é registrada pelos outros dicionários consultados.

Ilustração 8: Aliária (*Alliaria petiolata* M. Bieb.)



Fonte: Monteiro de Barros Filho (2022).

Assim como em **aliária**, Vieira (1871-1874, v. 1, p. 585) insere a marca linguística de especialidade (“Em Botanica, [...]”) incorporada ao texto do verbete **arruda** (ilustração 9), e afirma que “os antigos attribuiam-lhe bastantes virtudes medicinaes que chamavam attenuante, incisiva e discussiva”. “Discussivo” é o mesmo que “resolutivo” ou “Med. Que tem virtude de resolver, fazer recolher, ou dissipar tumores, inflamações, &c. resolvente.” (SILVA, 1789, v. 2, p. 613, grifo nosso).

Ilustração 9: Arruda (*Ruta graveolens* L.)



Fonte: Monteiro de Barros Filho (2022).

Chernoviz (1890, v. 1, p. 1022) define **escórdio** como “*Teucrium scordium*, Linneo. Labiadas. Planta commum em Portugal: habita nos sitios e matos humidos [...]. Cheiro alliaceo, sabor amargo, estomachico e antiseptico; faz parte do electuario diascordio, empregado contra a diarreha”. É mais conhecido, atualmente, como **têucrío** (HOUAISS, 2009).

Outras ervas – **almeirão**, **azedas**, **borragem** e **escorcioneira** – recomendadas contra o *gálico* encontram-se no exemplo a seguir:

Outro remedio maravilhoso para curar gallico em qualquer especie que esteja; he intento novo ,e segurissimo. Mercurio doce huma onça, deyte-fe de infusaõ por vinte e quatro horas em agua de **almeyraõ**, ou de **azedas**, ou de **borragens**, que cubra o dito Mercurio, em vaso de vidra; ou tigella vidrada, e palladas as vinte e quatro horas mexendo- fe algumas, fe vafe a agua por inclinaçaõ, ou por torcida, e fe lhe torne a lançar agua de **escorcioneira** huma libra, ou mais, de forte que fiquem os pós cobertos, e esteja de infusaõ [...]. (FERREIRA, 1735, p. 326, grifo nosso).

Dentre as ervas mencionadas, o **almeirão** (ilustração 10) equivale ao mesmo que **chicória-brava**, segundo Chernoviz (1879, p. 250, grifo nosso), que também afirma que sua raiz e suas folhas servem como “Tonico, digestivo; empregado na ictericia, nas molestias de pelle e febres intermitentes”. Bluteau (1712-1728) não registra a palavra, mas no verbete **chicória** atesta ser esta “Hortaliça conhecida” e que “Chicória, nas Boticas, he o mesmo, que Almeiraõ do campo” (BLUTEAU, 1712-1728, v. 2, p. 289, grifo nosso).

Ilustração 10: Almeirão-silvestre (*Chicorium intybus* L.)



Fonte: Monteiro de Barros Filho (2022).

Chernoviz (1879, p. 296, grifo do autor) atesta que a **azedra** (ilustração 11) “Contém oxalato de potassa; e a maior parte d’este sal que se acha no commercio, extrahe-se das folhas de azedas. Em pharmacia esta planta entra na composição do *caldo deervas*, empregado como temperante e para favorecer a acção dos medicamentos purgativos”. Mais tarde, o autor atesta ainda que “O cozimento da azedra é empregado no escorbuto; suas folhas applicam-se com vantagem nas ulceras escorbúticas” (CHERNOVIZ, 1890, v. 1, p. 235, grifo nosso), deixando claro que a erva é empregada em afecções cutâneas.

Ilustração 11: Azeda (*Rumex acetosa* L.)



Fonte: Monteiro de Barros Filho (2022).

Houaiss (2009) remete a palavra **borragem** a **borago**, que por sua vez, é definida como:

ANGIOS erva europeia (*Borago officinalis*), de folhas rugosas, flores azuis ou róseas, frutos tetraquênicos, ovoides, com sementes pretas e duras; borracha, borragem [É esp. cultivada como melífera, pelo óleo das sementes, e como ornamental; as flores e folhas, ricas em citrato de potássio, foram muito reputadas por seus vários usos medicinais.] (HOUAISS, 2009, grifo nosso).

Chernoviz (1890, v. 1, p. 351, grifo nosso) atesta que “O chá de flores ou folhas de borragem é um sudorífico empregado nos sarampos, bexigas, escarlatina, constipação, etc.”,

doenças estas, não necessariamente cutâneas, mas que se manifestam de alguma forma na pele.

Para **escorcioneira** encontramos em Bluteau (1712-1728, v. 3, p. 220, grifo nosso) a seguinte definição: “Os Castelhanos lhe chamão Elcorçonera, porque he soberano remedio contra a peçonha do fapo, a que elles chamão *Efcuerzo*; & porque tambem fara as mordeduras das Viboras, & Serpentes, os Ervolarios Latinos lhe chamão *Viperina* [...]”. Desse modo, podemos concluir que a **escorcioneira** é útil não só para *gálicos*, *gonorreias* e *cavalos*, como também para *mordeduras*.

Neste outro trecho do *Erário*, podemos comprovar o uso não somente da **chicória**, já mencionada, para a cura das *chagas*, mas também de outros símplices, como **grama**, **fragária**, **douradinha**, **mastruço**, **cocleária** e **ruibarbo**:

Neste medicamento morno se molharão as pranchetas, ou fios para se applicarem nas chagas, cobrindo-as com hum parche de emplasto estitico de crolio, misturado com o de manus Dei, partes iguaes, ou qualquer delles. A receyta he a que se segue. Recip. cofimento de raiz de **chicoria**, **grama**, **fragaria**, **douradinha**, **mastruços**, e **coclearia** tres libras, sendo as hervas verdes, e sendo secas fique o cofimento em libra, e meya; confeyção de diatartaro reformada, e sal catartico, de cada hum tres oytavas, sal tartaro tres oytavas, antimohio diaforetico marcial, e espirito de **coclearia**, de cada hum duas oytavas, xarope de **chicoria** de Nicolao com **ruibarbo** tres onças, mifture-se. (FERREIRA, 1735, p. 482-483, grifo nosso).

Silva (1789, v. 2, p. 96, grifo nosso) define **grama** como “Herva vulgar, que serve de pasto ao gado, e se usa na Farmacia”. Chernoviz (1879, p. 511) declara que a grama possui efeito “Emolliente e diuretico, emprega-se nas inflammações [...]”.

Fragária é definida por Houaiss (2009, grifo nosso) como “ANGIOS design[ação] comum às ervas do gên[ero] *Fragaria*, que reúne cerca de 12 spp., nativas de regiões temperadas do hemisfério norte e do Chile, mais conhecidas como morangueiro”. No verbete **morangueiro**, por sua vez, Grandi (2014, p. 861, grifo nosso) informa que suas “folhas e raízes sob a forma de decocto e infuso são usadas nas inflamações bucais, na hepatite, na icterícia e diarreia, como diurético, depurativo e emenagogo”.

Bluteau (1712-1728, v. 3, p. 298, grifo nosso) afirma que **douradinha** é “Erva medicinal allim chamada; porque parece de cor de ouro, quando lhe dá o fol”. Silva (1789, v. 2, p. 96) também comprova tratar-se de “Herva medicinal”. Entretanto, os dicionários registram sua propriedade emoliente e seu emprego em afecções catarrais. Chernoviz (1879, p. 420) registra **douradinha-do-campo**, a qual remete a **gridadeira**: “V. GRITADEIRA”, que por sua vez, é definida da seguinte forma:

GRITADEIRA ou **Douradinha-do-campo**. *Palicurea rigida*, Kunth. Rubiaceas. Arbusto do Brasil; habita em S. Paulo, Minas, Goyaz e Matto-Grosso. [...] *P[artes]. us[adas]*. Folhas e o entrecasco dos ramos. Diuretico, diaphoretico; aconselhado nas erupções da pelle, molestias da bexiga e da prostata. (CHERNOVIZ, 1879, p. 511, grifo nosso).

Através da busca reversa pelo nome científico informado por Chernoviz (1879) – *Palicurea rigida*, Kunth – encontramos, em Grandi (2014, p. 209-211), o verbete **bate-caixa**, onde a autora menciona, como sinonímia vulgar, não somente **gritadeira**, como também **douradinha-do-campo**. Sobre o emprego medicinal da planta, Grandi (2014, p. 210, grifo nosso) atesta: “O decocto das folhas e raízes é usado nas doenças de pele como antissifilítico e vulnerário”.

Acreditamos, assim, que a **douradinha** utilizada por Ferreira (1735) seja a mesma **douradinha-do-campo** citada por Chernoviz (1879; 1890), e o mesmo **bate-caixa** mencionado por Grandi (2014).

Mastruço é “Planta da flora brasileira” e “antiscorbutica”, segundo Chernoviz (1890, v. 2, p. 386, grifo nosso). Grandi (2014, p. 843) informa que a planta é empregada em *escrófulas* (ou *alporcas*), isto é, intumescência dos gânglios do pescoço causada por *tuberculose linfática* (HOUAISS, 2009).

Cocleária (*cochleária*), em Silva (1789, v. 1, p. 407), é “Herva medicinal”. Chernoviz (1879, p. 391) atesta ser esta erva nativa da Europa, e que suas folhas e caules possuem propriedades excitante, estomáquica e antiescorbútica.

O **ruibarbo** (*rheubarbo*) é “Planta medicinal”, de origem asiática (SILVA, 1789, v. 2, p. 630). Semedo (1697, p. 856, grifo nosso) comprova o emprego da planta na cura das *chagas* ou *feridas*: “Faz purgar os humores colericos, e forofos, conforta as partes, e folda as feridas por virtude occulta”.

Outra planta utilizada no tratamento de *feridas* é o **craveiro-da-índia**, ou **cravo-da-índia**, como mais conhecido, no século XVIII:

Outro, que infallivelmente tira a dor dos dentes no mesmo instante, facil, e para feridas frescas. Tomaráõ de verdete, e de **cravo da India** do melhor que houver, que he o mais acanellado, de cada hum partes iguaes; feyto tudo em pó, e misturado se ponha em hum prato de estanho em 29. de Agosto desde às onze horas até o meyo dia em parte, aonde lhe dé o Sol, havendo-o, e depois o recolheraõ em hum copo de chumbo, que allim se confervará melhor para hum,dous, e mais annos, [...]. (FERREIRA, 1735, p. 101, grifo nosso).

Essa árvore é cultivada especialmente por seus botões florais, dos quais se aproveitam, ainda atualmente, os efeitos “Excitante, aromático, carminativo. Por sua riqueza em eugenol tem ação antisséptica e desinfetante, entrando em preparações para higiene da boca” (GRANDI, 2014, p. 498, grifo nosso).

Para *chagas* ou *escaras* decorrentes de *mordeduras* venenosas receitava-se remédio à base de **lírio-roxo**, **aristolóquia**, **genciana**, entre outros ingredientes:

[...] e ajudando com a pinça, para que caya, e se alivie a parte de alguma reliquia do veneno, que ficasse debaixo da escara, ou sua circunferencia, e cahida à tal escara, se lhe applique em fima da chaga o remedio seguinte. De galbano, e apoponaco, de cada hum huma onça, raiz de **lírio roxo**, **aristoloquia redonda**, e de **genciana**, de cada huma duas oytavas, pós de caranguejos do rio quatro oytavas, termentina quatro onças, triaga seis oytavas, ferá a que bafstar, faça-se emplasto, S. A. e delle se usará na chaga; pois he remedio attractivo, e por isso muyto conveniente. (FERREIRA, 1735, p. 465-466, grifo nosso).

Lírio-roxo, em Houaiss (2009, grifo nosso), é: “**ANGIOS 1** erva cespitosa (*Iris germanica*) da fam. das iridáceas, nativa da Europa, de folhas ensiformes e flores grandes, roxas ou alvas; flor-de-lis, lírio-cardeno, lírio-teutônico”. Bluteau (1712-1728, v. 5, p. 151, grifo nosso) registra **lírio azul** e também associa a unidade lexical a **lírio-cardeno**: “Alguns com nome Castelhano lhe chamão Lirio Cardeno”. Mas somente Figueiredo (1913, p. 1199, grifo do autor) menciona ser “Planta medicinal; o mesmo que *iris*”. **Lírio-cardeno** também aparece em nosso *corpus* e no microcampo lexical dos ‘símplices’, no entanto, a erva é indicada para doenças do trato respiratório. Nenhum dos dicionários consultados aponta a planta como útil no tratamento de doenças da pele. Nesse caso, é o exemplo de Ferreira (1735) – que se encontra no capítulo sobre os “venenos e mordeduras venenosas” – que revela ser o **lírio-roxo** ingrediente de um composto dermatológico.

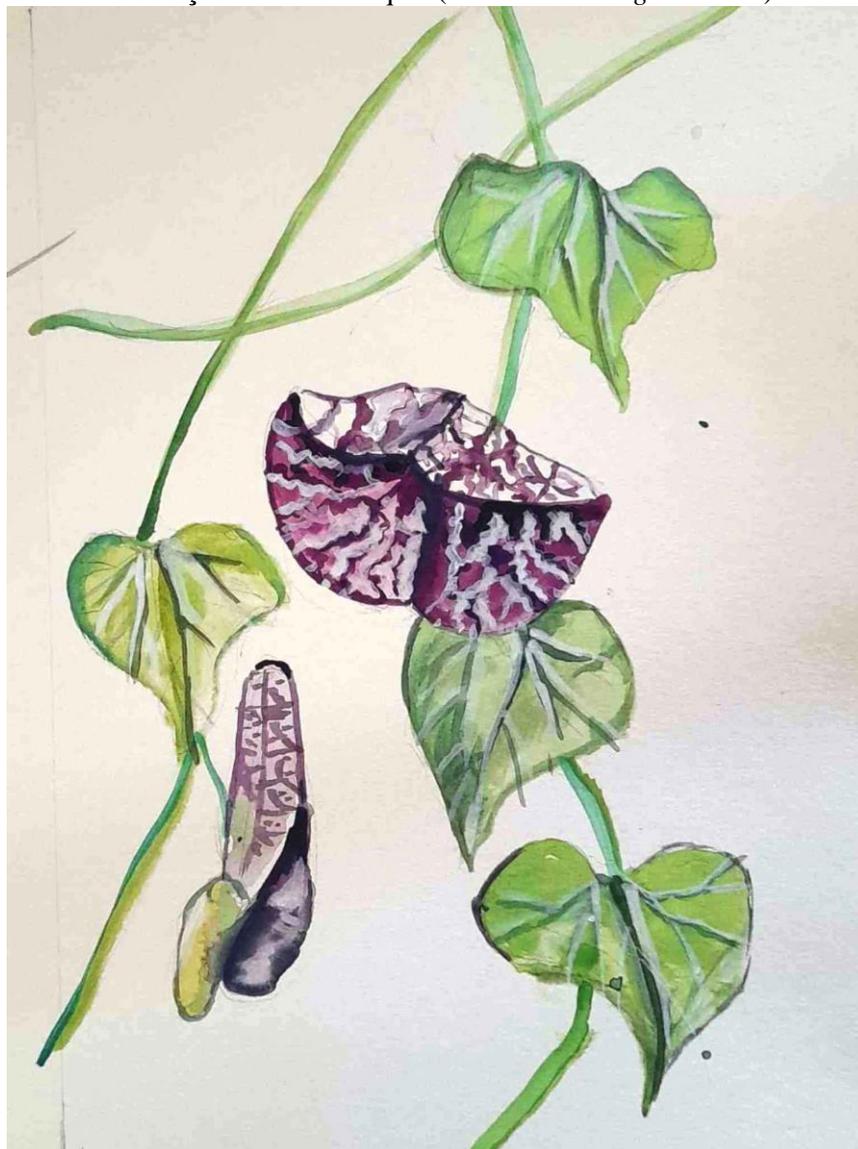
Sobre a **aristolóquia** (ilustração 12) Bluteau (1712-1728, v. 1, p. 496, grifo nosso) afirma:

Há quatro especies de *Aristolochia*. *Aristolochia redonda*; & esta de duas castas; huma, que tem as folhas redondas, de hum verde desmayado, pegadas a huns pés pequeninos, & alternativamente disposta; a outra Aristolochia redonda differe da primeyra, em que tem as folhas mayores, & compridinhas, & lança tálos em mayor numero, & mais curtos.

Houaiss (2009, grifo nosso) apresenta as seguintes definições para a planta, das quais apoiamo-nos na informação sobre seu emprego, “outrora”:

aristolóquia *s.f.* (1563) ANGIOS 1 design. comum às plantas do gên. *Aristolochia*, da fam. das aristoloquiáceas, com 120 spp., que encerram alcaloides venenosos, como a aristoloquina, esp. presentes na raiz [Nativas de regiões tropicais e temperadas do Velho Mundo, são cultivadas como ornamentais, como, p.ex., a serpentária e a jarrinha, muitas por usos medicinais e, outrora, contra a mordedura de cobras.] **1.1** planta ereta ou volúvel (*Aristolochia clematitis*), tóxica, com folhas cordiformes ou orbiculares, flores amarelo-acastanhadas, axilares, e cápsulas ovoides, com sementes triangulares e achatadas, nativa da Europa e Ásia Menor e cultivada por propriedades medicinais; aristolóquia-vulgar, clematite-bastarda, jarrinha-da-europa.

Ilustração 12: Aristolóquia (*Aristolochia elegans* Mast.)



Fonte: Monteiro de Barros Filho (2022).

Bluteau (1712-1728, v. 4, p. 49, grifo nosso) informa que a raiz da **genciana** “he attenuante, aperitiva, alexipharmaca, fudorifica; mata as lombrigas, refiste ao veneno, he boa

contra as mordeduras de caens danados [...]”. Chernoviz (1879, p. 496, grifo nosso) diz que é “Poderoso tonico, estomachico, anthelmintico e febrifugo. Convem na inappetencia, diarrhea chronica, escorbuto, escrophulas, chlorose, gota, icterícia, febres intermittentes, etc.”. Ambos comprovam a utilização da **genciana** para tratamento de doença cutânea.

Ainda para *apostemas* e *putrefações* Ferreira (1735) indicava, além da **malva** e da **mamona**, já mencionadas, o **pinhão** e a **papoula-vermelha**:

Mas no cafo, que por algum accidente se não possa fazer o dito emplasto de **malvas**, que fica dito, se ufará de bazalicaõ, que se vende nas boticas, que fique grosso no pano, e em falta deste se póde ufar de folhas de **pinhão** cofidas, e pizadas, das com gema de ovo, é unto sem fal, quehe hum maturativo forte para os apostemas rebeldes de fazer materia ou as ditas folhas pizadas com azeyte de **mamona**, gema de ovo, e hum bocado de unto sem fal: ou se faça unguento de cera da terra derretida com azeyte doce, que fique unguento molle, e em falta do azeyte doce póde fervir o de **mamona**, de forte que fique molle depois de frio; o qual se estenderá em pano, que fique grosso, e assim seraõ todos os emplastos maturativos para cofer (FERREIRA, 1735, p. 194, grifo nosso).

Para o pleuriz pós especificos, certos, e experimentados. De flores de enxofre compostas meya onça, raspaduras de dente de porco barralco, e de mandibola luciorum, de cada hum duas oytavas, de flor de **papoylas vermelhas** huma oytava; de tudo se faça pó futil, e se use: virtudes. Curaõ os pleurizes com brevidade, e todas as putrefaçoes, e apostemas do peyto. (FERREIRA, 1735, p. 168-169, grifo nosso).

Para Houaiss (2009, grifo nosso) *apostema* é: “**1 MED** m.q. abscesso”. No primeiro exemplo, o adjetivo “maturativo” comprova a aplicação das folhas de **pinhão** em doenças da pele, uma vez que significa “**FARM 2** que ou o que provoca, acelera a maturação ou supuração de um abscesso (diz-se de medicamento)” (HOUAISS, 2009, grifo nosso).

Chernoviz (1879, p. 667, grifo nosso) registra **pinhão-de-purga** (*Jatropha curcas*) e, provavelmente, Ferreira (1735) refere-se a este arbusto, no exemplo mencionado, uma vez que é “cheio de um succo viscoso, que é muito usado pelo povo para curar as feridas [...]”.

Nenhum dos dicionários consultados registra **papoula-vermelha**, somente **papoula**. Chernoviz (1890, v. 2, p. 618) afirma que “As flores empregam-se em medicina. Faz-se um chá que é emolliente e leve narcotico”. Novamente, a busca reversa pelo nome científico citado por Chernoviz – *Papaver rhoeas* – nos levou a **papoula-comum**, em Houaiss (2009, grifo nosso):

ANGIOS erva (*Papaver rhoeas*) da fam. das papaveráceas, de folhas amplexicaules, flores brancas ou vermelhas e frutos capsulares; borboleta,

dormideira-silvestre, papoila-ordinária, papoula, papoula-das-searas, papoula-dos-cereais, papoula-ordinária, papoula-vermelha, papoula-vermelha-dos-campos [Nativa do leste do Mediterrâneo, há séculos está disseminada por quase toda a Europa, Ásia e América do Norte; é prov. a flor a que se refere Isaías em “olhai os lírios do campo”; pode ser venenosa, por seus vários alcaloides, com efeitos narcóticos; tb. é cultivada como medicinal e pela tintura rubra extraída das pétalas e us. em vinhos e medicamentos.].

Grandi (2014, p. 908-910) registra **papoula-rubra** e remete a sinonímia vulgar a **papoula-vermelha** e **papoula-comum**. Quanto ao uso medicinal da planta, a autora informa: “Emoliente, béquico. Nas afecções das vias respiratórias, tais como bronquites e coqueluche. Externamente, o decocto é usado em bochechos e gargarejos no tratamento de abcessos dentários, inflamações da boca” (GRANDI, 2014, p. 909, grifo nosso).

Além das plantas já mencionadas – **abútua**, **gingibre** e **tanchagem** – os cirurgiões-barbeiros empregavam no tratamento da *erisipela* a **balaústa**, o **cansanção**, a **cevada** e o **sabugo**. Vejamos alguns exemplos:

Nota, que curando nas Minas hum enfermo de huma infecção escorbuta, lhe crescia tanto a carne das gengivas, que lhe cobria os dentes; [...] a qual fuy cortando, e ufando dos remedios, que ficaõ ditos na Miscellania, de **gingibre**, e do sobredito de agua ardente, e unguento Egypciaco para a ir deffecando, e de cofimento de **tanchagem** com **cevada** com pragana, **balauftias**, e hum bocado de pedra humicrua, lançandolhe ao depois pós de incenso, e de mirrha, estando o cofimento frio para se dissolverem melhor, e deste cofimento tomava bochexas a miudo, tendo-o na boca por algum tempo, com que farou, purgando-o algumas vezes interpolladamente; [...] e fendo, a confeyção tomada no caldo, ferá este bem quente, para se dissolver, que de outra forte se não deffaráõ bem, as confeyçoens, guardando o mesmo regimento; que se dá a outra qualquer purga benigna, pois nenhuma obra com mais suavidade que esta; e não só he conveniente para o escorbuto, ou mal de Loanda, se não tambem para as erifipellas [...]. (FERREIRA, 1735, p. 486-487, grifo nosso).

Remedio para erizipela. [...] Tomem hum pé de **caçamfaõ**, com tres ellos, e em cada ello tres folhas na crescensa do dia, e com elle se acoite muito bem toda a parte erizipelada, e se bote o **caçamfaõ** em fima de hum tilhado; e os dois dias seguintes se faça a mesma diligencia; porque, seccos que sejaõ os ramos de **caçamfaõ**, o ferá tambem toda a erizipela: he já experimentado em mais de vinte peffoas. (MENDES, 1770, p. 105-106, grifo nosso).

Para a erifipella do rosto, ou em outra qualquer parte. O melhor remedio, que tem a Medicina, e Cirurgia, he a agua ardente alcanforada, em que misturem huma pouca de agua de flor de **fabugo**; mas este remedio não se continuará, fenaõ do quarto dia por diante, molhando panos delgados nella assim iria, ou não mais que tépida, que he quebrar-lhe a frieza sómente, não os deyxando fecar [...]. (FERREIRA, 1735, p. 186, grifo nosso).

Chernoviz (1879, p. 366) descreve a **cevada** como “Sementes de uma planta cereal, *Hordeum vulgare*, L. da familia das gramineas, cultivada nos climas temperados. [...] Emolliente, empregado em todas as inflamações”. É útil também em *contusões*:

[...] ou ainda alguma parte da contuzaõ, em que houve maior foluçãõ de continuidade, e affim deve o affilente cuidar em ajudar a natureza, e fazer logo as papas madurativas, na fôrma seguinte. Recip. **Malvas**, e **violas** cozidas com unto de porco sem sal; e ao depois tudo pizado muito bem se lhe ajuntem huns pós de farinha de **levada**, e huns pingos de oleo rozado, ou de balfamo de aparicio. (MENDES, 1770, p. 33, grifo nosso).

Ou ainda para *fístulas*:

De huma fiftula no osso femur, que curey em Silvestre de Soufa com o mesmo espirito, e outros remedios pela boca. [...] e depois que deo principio a tomar os ditos xaropes contra morbum, dey tambem principio aferingar a fiftula com cofimento de **cevada** com pragana, e humas rachinhas de pão de **falfafraz**, tudo bem cofido, para feringar com este cofimento, e lavar as materias quatro vezes cada dia [...]. (FERREIRA, 1735, p. 381-382, grifo nosso).

Balaústa, por sua vez, é definida por Silva (1789, v. 1, p. 254) como “Flor de romeira silvestre”. **Romeira** é mais conhecida, atualmente, como **romãzeira**, e é definida por Houaiss (2009, grifo nosso) como:

ANGIOS árvore ou arbusto de até 5 m (*Punica granatum*), da fam. das punicáceas, que ocorre do Sudeste da Europa ao Himalaia e que se cultiva como ornamental, por propriedades medicinais das flores e esp. pela polpa comestível que envolve as numerosas sementes e pela casca tanífera dos frutos; balausteiro, milgreira, miligraneira, mirgadeira, romã, romeira, romeira-da-granada.

Em **romeira**, Chernoviz (1879, p. 699, grifo do autor) também reitera que “As *flores não abertas*, chamadas *balaustias*, são adstringentes. Sua infusão emprega-se em gargarejos contra a esquinencia”.

Cansação é “1 ANGIOS arbusto urticante (*Jatropha vitifolia*) da fam. das euforbiáceas, nativo do Brasil (MT, MS, GO, SP), de folhas denteadas, flores em cimeiras corimbiformes e cápsulas elipsoides; o suco dos ramos novos e das folhas é útil contra tumores e inflamações” (Houaiss, 2009, grifo nosso). O exemplo de Mendes (1770) revela

que as folhas desta planta eram secas para que se “açoitasse” a parte do corpo atingida pela *erisipela*.

O **sabugo** ou **sabugueiro**, cuja infusão “Emprega-se a miudo, molhando n’ella pannos, e applicando-os sobre as inflamações da pelle e dos olhos” (CHERNOVIZ, 1879, p. 705, grifo nosso), emprestava suas flores para que se compusesse água utilizada no tratamento da *erisipela*. Chernoviz (1879, p. 705, grifo nosso) ainda informa haver outra espécie – o **sabugueiro do brasil** – que “goza das mesmas propriedades que o da Europa. [...] O succo da raiz é purgativo [...] emprega-se na hydropisia”.

Silva (1789, v. 2, p. 671, grifo nosso) é breve na descrição de **sassafrás**: “Lenho aromatico medicinal”. Chernoviz (1879, p. 722, grifo nosso) acrescenta que o pau da raiz é “sudorifico activo, administra-se nas affecções syphiliticas, cutaneas, gotosas e rheumaticas”. Atualmente, afirma Grandi (2014, p. 1062) sobre o emprego do **sassafrás**: “Carminativo, diaforético, depurativo, excitante, sudorífico”. E Houaiss (2009, grifo nosso) informa que a espécie é “cultivada como ornamental, de madeira leve e que fornece óleo essencial, outrora muito utilizada como medicinal, esp. como antiescorbútico, mas está relacionada ao câncer de fígado e tem efeito abortivo”. Conforme já mencionado em exemplo anterior, o **sassafrás** era utilizado no tratamento de *fístulas*, além de ser remédio para as *chagas* e *inchações*:

Como a caufa, de que procederaõ as chagas, foy por aggravaçaõ, ou por irritaçã do remedio, e naõ por effencia, por illo mefmo confultey o remedio fresco, e deffecante brando, que allima fica referido; porque as **malvas**, e a **tanchagem** he hum remedio muyto brando, e muyto temperado, e fresco; e o **falfafray** he quente, e deffecante; e por ser quente, por illo lhe lancey pouco delle, e allim ficou hum remedio taõ ajultado , que refrescou, e deffecou allim as chagas encoyrando-as como desfez, a dita inchaçaõ taõ difforme. (FERREIRA, 1735, p. 107, grifo nosso).

Ainda para *chagas* resultantes de *cancro* era empregado o **tabaco**, ou **fumo**, como mostra o exemplo:

Para curar chagas cancrolas, e cancros, ufem lavallos com agua cofida com folhas da herva **tabaco**, ou por outro nome folhas de **fumo** verde; e depois curallos com fumo de outras folhas novas da mesma herva; porque diz hum Autor, que he grande remedio, e curára huma chaga cancrola, que naõ quiz obedecer a nenhum outro remedio. (FERREIRA, 1735, p. 216, grifo nosso).

Chernoviz (1890, v. 2, p. 1042) afirma que o **tabaco** “occupa hoje um logar mui consideravel nos costumes, e nas necessidades de quase todos os povos”. E, dentre as inúmeras utilidades da erva, o médico adverte sobre suas folhas:

[...] são irritantes e sobretudo narcoticas. O uso medico d'esta planta está hoje muito mais limitado do que era antigamente. Em quantidade elevada o tabaco é um veneno narcotico-acre. Raras vezes se administra internamente, por ser um medicamento perigoso; foi entretanto aconselhado no tratamento da asthma, hydropisia, dos catarrhos chronicos, coqueluche, paralyisia da bexiga, epilepsia, tetano, etc. (CHERNOVIZ, 1879, p. 748-749, grifo nosso).

E esclarece, todavia, que “Em fricções as folhas frescas de **tabaco** são aconselhadas contra a sarna e tinha” (CHERNOVIZ, 1879, p. 749, grifo nosso).

Bluteau (1712-1728, v. 8, p. 3, grifo nosso) conta que,

No principio da sua introdução na Europa, teve o Tabaco muytos nomes. Chamãrãolhe Nicociana, ou Nicofiana, & Herva do Embayxador, porque João N[?]cod, Embayxador de Francifco II, Rey de França, a el Rey de Portugal D. Sebastião, a teve de mimo em Lisboa da mão de um Flamengo, novamente vindo da Florida, & a cultivou no feu jardim, & depois de varias experiencias da sua virtude para chagas, & feridas, que derão à dita herva grande nome em toda Hespanha, acabada a sua embayxada, & reftituido a França, offereceo algũa femente della à Rainha de França, Catharina de Medicis, donde tomou o nome de Herva da Rainha: finalmente as suas prodigiofas virtudes lhe grangeãrão o nome de Herva Santa.

Destarte, podemos perceber as inúmeras denominações da mesma erva, mais conhecida atualmente como **tabaco**. Grandi (2014, p. 623-625) registra somente **fumo**, mencionando **tabaco** como sinonímia vulgar, e confirma seu emprego em afecções ou doenças da pele: “O decocto das folhas é usado nas parasitoses externas, como sarnas e piolhos” (GRANDI, 2014, p. 624, grifo nosso).

Copaíba é “**1 ANGIOS** design. comum às árvores do gên. *Copaifera*, da fam. das leguminosas, subfam. cesalpinioídea, nativas do Brasil, de boa madeira, e cujo córtex encerra óleo medicinal; copaibeira, óleo, pau-de-óleo” (HOUAISS, 2009, grifo nosso). Ferreira (1735, p. 108, grifo nosso) menciona suas virtudes contra a *gonorreia* ou *esquentamento*:

Para gonorrhœas, ou por outro nome esquentamento. [...] Huma gema de ovo affim fria fe pique com a ponta de huma thesoura, e pelo pique fe lhe lancem tres, ou quatro pingas de oleo de **copaúba**, ou **copaiba**, e tanto que fe fumirem pelo buraquinho, fe beba em jejum affim inteyra, e todos os dias fará o mefmo, porque fará ourinar, e lançar a materia alimpando o corpo, e farará [...].

Grandi (2014, p. 471, grifo nosso) atesta que “É muito usado pela população como cicatrizante, passando-se o óleo nos locais afetados”.

Chernoviz (1879, p. 400, grifo nosso) não só confirma o uso da **copaíba** em tratamentos de doenças cutâneas, como acrescenta mais informações a esse respeito:

Emprega-se com grande vantagem nas gonorrhœas agudas e chronicas, e na leucorrhœa: produz ás vezes uma erupção cutanea, semelhante á dos sarampos, e que desaparece espontaneamente. [...] A copahiba é empregada tambem com vantagem internamente contra a bronchorrhœa e psoriase. Externamente, applica-se nas feridas.

Serve ainda a **copaíba** para *rachaduras*, como podemos observar no exemplo a seguir:

[...] ou untem-fe as rachaduras com verniz desfeyto com oleo rofado , ou fe untem com oleo de **copauba**, ou por outro nome menos verdadeyro, de **copaiba**; ou fe lhe ponha o unguento feyto de cera da terra com azeyte, que fica dito para os callos dos pés, o qual fe porá em pano, renovando-o, que abrandará as rachaduras de tal modo, que fará crescer a carne do meyo dellas, e ficará tudo lifo, e igual, e consequentemente as rachaduras fans; mas ha de fer continuado, e faça-fe estimação deste remedio, porque não são poucos os pretos, que ficam perdidos por causa de rachaduras nos pés. (FERREIRA, 1735, p. 163, grifo nosso).

Outra erva empregada no tratamento dos *esquentamentos* é a **tripoeyrana** ou **tripojana**, mencionada por Ferreira (1735), da qual não encontramos registro nas obras de referência consultadas:

Outro para fazer urinar, allim nos esquentamentos, como para os que tiverem falta por outra qualquer causa. Cofaõ as folhas, e os tallos da herva a que chamaõ por lingua dos Carijós **tripoeyrana**, ou **tripojana**, que tem huns tallos grossos, e as folhas pequenas, e compridas, e he rafeyra, lançando seus braços para todas as partes, conhecida de muytas pessoas pelo tal nome, e nasce nas partes humidas, ou junto da agua; e depois de bem cofida fe beba aquella agua com assucar em jejum, e a toda a hora que quizerem, que fará urinar muyto bem, por fer diuretica, como eu muytas vezes tenho experimentado. (FERREIRA, 1735, p. 109, grifo nosso).

Uma vez que Ferreira (1735) destaca a propriedade diurética da planta, sugerimos que possa se tratar da **trapoeraba** ou da **trapoerabarana**. Em relação à primeira – *Tradescantia diuretica* –, Chernoviz (1890, v. 2, p. 1117, grifo nosso) afirma ser a planta “impregnada de um succo pegajoso e acre. [...] O seu infuso é diuretico e empregado nas hydropisias”; a segunda – *Commelina deficiens* – “goza das mesmas propriedades que a precedente”.

Em capítulo sobre o *carbúnculo*, Mendes (1770) discorre sobre os tratamentos aplicados às *pústulas* e às *escaras* decorrentes de tal doença, mais conhecida atualmente como *antraz*:

O Carbunculo he huma pequena pústula com inchação, dureza de roda, e alguma vermelhidaõ sobre a mesma dureza, e no meio sua cabeça offuscada, côr de beringella meia madura, com dor grande, que ás vezes se distende pelo membro onde está a tal pústula: estas nascem: de ordinario em partes principaes, como beiços, barba, testa, e em as mais partes que tem o nome de principaes. Logo assim que apparecer a tal pústula, pizareis huns olhos de **ortelã** com sal, e poreis sobre ella [...]. (MENDES, 1770, p. 18, grifo nosso).

Parando, se cuidará do terceiro dia por diante, isto he depois das farjas, de se ir cuidando em derrubar a escara: o que se deve conseguir, pondo lhe em cima unguento bazalicaõ amarello ou manteiga crua; e qualquer destas coizas se applicará em folha de **couve** meia assada, e untada de qualquer delles posta quente na escara; e entã está o perigo passado: e irãõ trabalhando até cahir a dita escara; e cahindo, fareis o celebrado degiftivo de **picaõ**, que em todas as Minas se sabe fazer [...]. (MENDES, 1770, p. 21, grifo nosso).

Destarte, observamos nos exemplos citados a ocorrência dos seguintes sîmplices empregados no tratamento do *antraz* ou *carbúnculo*: **hortelã, couve e picãõ**.

Para Houaiss **hortelã** é “**1 ANGIOS** design. comum a diversas plantas do gên. *Mentha*, da fam. das labiadas, tb. conhecidas como menta”. Chernoviz (1890, v. 2, p. 154) explica que:

Ha muitas especies de hortelã; as mais communs são: HORTELÃ SELVAGEM (*Mentha sylvestris*), HORTELÃ AQUATICA (*Mentha aquatica*), que habitam nos logares humidos; HORTELÃ PIMENTA (*Mentha piperita*), HORTELÃ VERDE (*Mentha viridis*), HORTELÃ CRESPA (*Mentha crispa*), HORTELÃ DE FOLHAS REDONDAS ou MENTHASTRO (*Mentha rotundifolia*), HORTELÃ POEJO (*Mentha pulegium*).

A respeito da espécie **hortelã-pimenta**, Chernoviz (1879, p. 521) afirma ser “a mais importante de todas”. E, mais tarde, esclarece que “As outras especies de hortelã, mencionadas [...], gozam das mesmas propriedades, porém menos pronunciadas, do que a hortelã-pimenta” (CHERNOVIZ, 1890, v. 2, p. 155). Houaiss (2009, grifo nosso) define a variedade como:

ANGIOS 1 erva aromática (*Mentha x. piperita*) da fam. das labiadas, de folhas serreadas, flores violáceas, em espigas densas, e frutos tetraquênios; [Cultivada como condimento, com sabor picante, esp. na Inglaterra, e para uso em farmácia e perfumaria, por suas propriedades antiespasmódicas, antissépticas e analgésicas.].

E, mais atualmente, Grandi (2014, p. 678) afirma sobre o emprego da **hortelã-pimenta**: “Antiespasmódico, carminativo, estomacal, estimulante, vermífugo. Como especialidade farmacêutica, faz parte da constituição de dentifrícios, pomadas e linimentos, pós e pastilhas”.

Couve é “Hortaliça bem conhecida, de que há varias especies”, de acordo com Silva (1789, v. 1, p. 489). Bluteau (1712-1728, v. 2, p. 597) acrescenta que “Della fazião os antigos muyta estimação, pois escreve Plinio, que Chrylippo, Pythagoras, & Catão publicarão em muytos volumes as fuas excellencias”. Chernoviz (1890, v. 1, p. 738-740) menciona sete variedades de **couve**; descreve, no entanto, apenas suas propriedades nutritivas. Em Grandi (2014, p. 483, grifo nosso), encontramos a descrição de seu uso medicinal: “Anemia, artrite, cálculos biliares e renais, diarreia, escorbuto, úlcera no estômago, enfermidades do fígado, furúnculo, gota, limpeza do intestino, inflamações da pele, reumatismo”.

Reunimos ainda, em nosso *corpus* de estudo, ocorrências de **couve-branca** e de **couve-vermelha**. A primeira era indicada para curar *lobinhos*: “Recip. Cozaõ folhas de **couve branca** em vinho, e lavem-fe muitas vezes para rezolver qualquer lobinho em quanto he novo, e piqueno” (MENDES, 1770, p. 105). A outra, juntamente com o **gingibre** e o **cinamomo**, para o tratamento de *chagas escorbútcas*:

Outro para as mefmas chagas escorbútcas, ou mal de Loanda. De folhas de **couves vermelhas** quatro mãos cheyas, vinho quatro libras, **gingibre** machucado meya oytava, **cinamomo** duas oytavas; faça-fe cofimento, e delle beba o doente todos os dias duas vezes, duas onças por cada huma, que he certo. (FERREIRA, 1735, p. 170, grifo nosso).

Nenhum dos dicionários consultados registra **couve-branca** nem **couve-vermelha**. Uma busca no *Google* revelou-nos que, especialmente, em Portugal, o **repolho** é denominado **couve-branca**, e o **repolho-roxo**, **couve-vermelha**.

Assim, quando Chernoviz (1890, v. 1, p. 738-739, grifo do autor) descreve a “**couve das hortas redonda e fechada** ou **repolho**”, menciona que “N’esta especie encontra-se o *repolho roxo*, empregado em pharmacia para fazer o xarope que se chama de *repolho roxo*, e se administra na bronchite”. Podemos inferir, então, que **couve-branca** e **couve-vermelha** são variantes do mesmo gênero, o **repolho**. Não encontramos, no entanto, com exceção dos exemplos do *corpus*, indícios de propriedades medicinais relativas ao **repolho**.

Em relação ao **cinamomo**, indicado para *chagas escorbútcas*, Bluteau (1712-1728, v. 2, p. 318, grifo do autor) adverte:

De ordinario equivocão os Authores *Cinnamomo*, com *Canella*; quanto mais, que quasi todos os Ervolarios modernos chamão em Latim à *Canella Cinnamomum*. Porem [...] a nossa *Canella* não he *Cinnamomo* dos Antigos; mas bem fi com mais probabilidade, o que os Antigos chamavão *Cafia*, [...] & escreve Galeno, que o verdadeiro *Cinnamomo*, por ser fummamente raro, & precioso, não era vulgarmente conhecido, & se guardava nos theouros dos Emperadores.

Chernoviz (1879, p. 388), por sua vez, previne: “Tomado internamente provoca vomitos, evacuações alvinas, e poderia envenenar”. Unindo tais afirmações ao exemplo de Ferreira (1735), em que a unidade lexical **cinamomo** ocorre enquanto ingrediente de medicamento (“cofimento”) que deverá ser bebido pelo enfermo, podemos inferir que se trata da **canela-da-china**, descrita por Chernoviz (1879, p. 335, grifo nosso) como “Estimulante e tonico; emprega-se nas digestões lentas, vomitos nervosos, febres adynamicas, escorbuto, escrophulas e leucorrhœa. É uma substancia agradável, que serve nas preparações pharmaceuticas para disfarçar o gosto desagradavel de muitos medicamentos”.

Picão é “Planta herbacea que habita no Brazil”, cujo “sumo emprega-se na icterícia” (CHERNOVIZ, 1890, v. 2, p. 739, grifo nosso). No caso do exemplo citado, foi indicado o “digestivo de **picão**”, em que “digestivo” significa “Que tem virtude de cozer a matéria das feridas” (SILVA, 1789, v. 1, p. 617, grifo nosso), para concluir o tratamento das tais *escaras*.

Também para o tratamento da *icterícia* eram utilizados o **cardo** e o **rábão**. Vejam-se os exemplos:

Para ictericia nos olhos. Ufem do fumo da cidra azeda, deytandolhe humas pingas dentro a miudo: ou ufem deste. No que bašte de vinhos Branco, e leyte, partes iguaes, cofaõ folhas de **cardo** de comer, e beba-se em jejum , e a toda a hora por modo de méfinha, como quatro, ou cinco onças por cada vez, que dizem Autores, he remedio approvedo, e certo. (FERREIRA, 1735, p. 120, grifo nosso).

Do remedio para as ictericias. [...] Poderá fer, que fim; ouvindo isto o doente, lhe deo parto da sua queyxa, e o velho lhe diffe: Muy facil he a voffa cura e de pouco gafto: ide para cafa, e compray huma canada; de mel do melhor, e compray tambem dous ou tres **rabaõs** da horta, e fazey destes nove talhadinhas muyto delgadas depois de limpos os **rabaõs**, e deytay-as em huma tigella vidrada, e os cobri com o dito mel; ponde-as ao sereno, e pela manha em jejum às comey, e o mel. No mesmo dia fazey outras tantas talhadinhas, infundi-as em outro mel, ponde-as ao sereno, e pela manhã as comey, e o mesmo mel: isto mesmo fazey todos os dias até chegar a nove, e no fim delles vos achareis saõ. (FERREIRA, 1735, p. 334-335, grifo nosso).

Cardo é, para Houaiss (2009), “ANGIOS 1 design. comum às plantas do gên. *Carduus*, da fam. das compostas, nativas da Europa, da Ásia, do Mediterrâneo e das regiões

montanhosas do Leste da África, e muito semelhantes às plantas do gên. *Cirsium*”. Grandi (2014, p. 335-337), no entanto, relaciona tanto o gênero *Carduus*, quanto o gênero *Cirsium* à sinonímia científica de **cardo-mariano** (*Silybum marianum*), cujo emprego se dá “contra doenças do fígado, fazendo regeneração das células hepáticas, e como colagoga”. Assim como o **cardo** encontrado no exemplo é empregado no tratamento da *icterícia*. A mesma planta é denominada por Houaiss (2009, grifo nosso) **cardo-de-santa-maria**:

ANGIOS erva anual ou bianual (*Silybum marianum*) da fam. das compostas, com folhas grandes, manchadas de branco, serreadas e espinescentes, comestíveis em saladas, e capítulos terminais, róseos, com brácteas tb. espinescentes; cardo-santo [Nativa da Europa e naturalizada nas Américas, tb. é cultivada como ornamental e pelos frutos, us. localmente como medicinais, esp. para proteger o fígado, e, outrora, como sucedâneos do café.].

Observe-se, contudo, que Houaiss (2009), assim como também faz Grandi (2014, p. 335), remete a sinonímia vulgar da planta a **cardo-santo**. Todavia, quando Houaiss (2009) define **cardo-santo**, afirma ser: “**3** m.q. *cardo-de-santa-maria* (*Silybum marianum*)”; já Grandi (2014) não menciona **cardo-mariano** ao tratar de **cardo-santo**.

Em Houaiss (2009), a “ANGIOS planta (*Cochlearia armoracia*) da fam. das crucíferas, nativa da Europa, com propriedades medicinais” é denominada **negabelha**. A mesma planta (*Cochlearia armoracia*) aparece em Chernoviz (1879, p. 691, grifo nosso) com o nome de **rabão rústico**, e “Goza de propriedades estimulantes e antiscorbuticas; faz-se com ella xarope, tintura e vinho, preparações empregadas em medicina, nas escrophulas, escorbuto e molestias cutaneas”. Mais tarde, em Chernoviz (1890, v. 2, p. 864, grifo nosso), vem a ser denominada apenas **rabão**, e é empregada “principalmente como antiescorbutica e antiescrophulosa”. **Rabano** aparece em Vieira (1871-1874, v. 5, p. 61) e remete seu significado a **rábão** (“Vid. Rábão”), definido como: “Termo de botanica. Hortaliça vulgar, que é uma especie de raizes brancas cheias de succo” (VIEIRA, 1871-1874, v. 5, p. 61).

De acordo com Ferreira (1735) e Mendes (1770), **cardo-santo** é erva que se applicava no tratamento de *bexigas e feridas*:

Cordeal, de que fe deve fazer grande conceyto para as bexigas. Recip. em quanto baſte de agua commua, fe faça cofimento de flores cordeaes, **cardo fanto**, e flores de **papoylas**, que fique em duas libras; e coado fe lhe ajunte bezoartico verdadeyro do Doutor Curvo duas oytavas, antimonio diaforetico marcial dous efcropulos, triaga magna duas oytavas, arrobe de **fabugo** duas onças, milture-fe, e fe dé ao doente em jejum, e de tarde feis onças por cada vez, porque he admiravel remedio. (FERREIRA, 1735, p. 131, grifo nosso).

Recip. **Cardo fantó**, raiz de **escorcioneira**, **contra herva**, de cada coiza huma mão cheia: tudo se coza em frasco e meio de agua, que mingúe o meio frasco: ao depois de cozido se lhe ajunte huma mão cheia de flores de **papoilas**, e se abafe; e ao depois cõe, e ajunte ao cozimento huma libra de affucar branco, e torne ao fogo, e ferva hum pedaço, e depois tire-se; e frio se guarde em hum frasco para uzo. [...] Porém se vos não succeder allim, e vos sobrevier nos primeiros tres dias inflammar-se a ferida, inchando mais, e com muitas dores, e calar grande, deveis suppor que fera ou dos pontos estarem muito apertados, o que remediareis deslázendo-lhe a laçada, e alargando-os mais [...]. (MENDES, 1770, p. 32, grifo nosso).

Houaiss (2009) e Grandi (2014, p. 338) concordam que **cardo-santo** se trata da mesma planta – *Argemone mexicana*:

ANGIOS 1 planta anual (*Argemone mexicana*), da fam. das papaveráceas, de origem incerta, com folhas alternas, flores amarelas e cápsulas indeiscentes, contendo numerosas sementes pretas; erva-de-cardo-amarelo, papoila-de-espinho, papoula-de-espinho, papoula-do-méxico [A planta é us. na medicina caseira, e cada uma de suas partes, das raízes às sementes, tem emprego distinto.] (HOUAISS, 2009, grifo nosso).

Grandi (2014, p. 339) afirma que a planta é “Usada como calmante, emoliente, narcótico, emético, diaforético, afecções das vias respiratórias. A folha, sob forma de infuso ou decocto, é usada como febrífuga, em pneumonias e na enxaqueca e dor de cabeça. As sementes frescas em infusão [...] atuam contra a asma”.

O **cardo-santo** descrito por Chernoviz (1879; 1890) refere-se ao *Cnicus benedictus*, cuja sinonímia científica aponta *Centaurea benedicta* (FLORA E FUNGA DO BRASIL, 2022). Esta, por sua vez, é definida por Houaiss (2009), na segunda acepção do verbete **cardo-santo** como:

2 erva (*Centaurea benedicta*), da fam. das compostas, nativa da Europa, de caule quadrangular, folhas alternas, flores amarelas e aquênios glabros e estriados; cardo-bento [A planta tem propriedades tônicas, estomáquicas e febrífugas e entra na composição do licor dos beneditinos.]. (HOUAISS, 2009).

Chernoviz (1879, p. 351; 1890, v. 1, p. 471) também atesta que as sumidades floridas do **cardo-santo** possuem propriedades tônicas e febrífugas.

A **contra-erva** é conhecida também por **caapiá**, **cayapiá** ou **carapiá**, segundo Chernoviz (1879, p. 399; 1890, v. 1, p. 680). Bueno (1983, p. 69, grifo do autor) menciona

caapiá, cujo significado é: “O mesmo que **caiapíá**, planta medicinal cujas raízes lembram testículos”. Bluteau (1712-1728, v. 2, p. 506, grifo do autor) informa que:

Chamallê affi de *Contra*, & de *herva*, ou *yerva*, que em Castelhana às vezes val o mesmo que veneno, porque antigamente com ervas venenosas se untavam as fessas, & por isso lhe chamamos *Settas ervadas*. [...] Refite ao veneno, provoca o suor, & he antidoto de venenos coagulantes, como são o do Lacrao, & da Vibora.

Em contrapartida, Chernoviz (1890, v. 1, p. 681) afirma:

Algumas pessoas pensam que a contraherva goza de propriedades específicas nas mordeduras das cobras; o seu nome tirado do espanhol *contrayerva*, que significa contraveneno, indica o seu uso principal no paiz onde foi primitivamente achada. Mas taes virtudes são absolutamente imaginarias; a infusão da raiz de contraherva é simplesmente um ligeiro estimulante que póde servir para provocar a transpiração.

A **contra-erva**, *Dorstenia brasiliensis*, é “Planta do Brasil; habita em S. Paulo, Minas, Bahia, Pernambuco. [...] Excitante; emprega-se nas atonias do canal digestivo, afecções gangrenosas, febres typhoides, chlorose, e como emmenagogo” (CHERNOVIZ, 1879, p. 399, grifo nosso). A mesma planta é denominada por Houaiss (2009): “2 m.q. **caapiá-verdadeiro** (*Dorstenia brasiliensis*)”. Já Grandi (2014) registra-a sob o nome de **carapiá** e informa que a planta é:

[...] sedativa e antiespasmódica. Ótima diaforética, antifebril, tônica e emenagoga. É usada popularmente como antídoto do veneno de cobras. O rizoma, sob a forma de decocto, é usado nas bronquites, dispneias e como emenagogo e antiespasmódico nas cólicas uterinas. O emplasto é usado externamente para acelerar a consolidação da fratura óssea, daí o nome de liga-osso. (GRANDI, 2014, p. 333, grifo nosso).

Também para as *bexigas* eram empregadas as flores da **fava**, das quais se compunha solução aquosa, responsável por restituir a pele lesada pela doença:

Agua para tirar os fíneas das bexigas, e fazer o rosto formoso. Sal de chumbo tres oytavas, agua da Rainha de Ungria huma onça, misture-se tudo em gral de pedra, até que se desfça; depois se lhe ajunte agua de flor de **favas** duas libras, e se guarde para o uso. Esta agua tira os fíneas das bexigas, não fendo antigos, e faz o rosto formoso, deyxando-a secar nelle. (FERREIRA, 1735, p. 121, grifo nosso).

A farinha ou pó de **fava** era empregada no tratamento de *hérnias* e *inchações*, e combinada com **pés colombinos** era empregada no tratamento da *quebradura*:

Farinha de **favas** huma onça, misture-se com febo de rinhoadá de carneyro, pizada com duas gemas de ovos cruas, ajuntando a esta massa duas colheres de agua, e huma de vinagre forte, e applicando-a quente sobre a hernia, que estiver dura, renovando-a todos os dias duas vezes, desfará a inchação em poucos dias cerca, e infallivelmente: faça-se grande estimação deste remedio, que elle desempenhará a esperança dos doentes, e de quem o applicar. (FERREIRA, 1735, p. 171, grifo nosso).

Huma herva, a que chamaõ **pefcolombinos**, que ha em muytas partes, e hortas sem cultura, que tem as folhas farpadas mais que as de malvas, e da sua altura pouco mais, ou menos, e tem algum cheyro, e he conhecida de muyta gente: desta herva pizada, e misturada com pós de **favas** secas se faz emplasto, e se poem em lima da quebradura com a funda por lima: dahi a tres, ou quatro dias se faz outro, e dahi a seis, ou oytó se faz outro, e assim se fazem tres, ou quatro emplastos, para trazer debayxo da funda por discurso de vinte e cinco, ou trinta dias, estando de cama, ou andando muyto devagar; não comendo azeyte, nem manteyga, ficará saõ, sendo de pouco tempo a quebradura. (FERREIRA, 1735, p. 367, grifo nosso).

Sobre a **fava** Silva (1789, v. 2, p. 14-15) declara ser nome genérico de inúmeras espécies, dentre elas algumas medicinais. Houaiss (2009) assim a define:

1 ANGIOS planta anual de até 1,20 m (*Vicia faba*), da fam. das leguminosas, subfam. papilionoídea, com folhas paripenadas, flores grandes, brancas ou róseas, às vezes arroxeadas, com larga mácula preta, em racemos axilares, e vagens intumescidas, verdes, comestíveis, muito nutritivas, antiespasmódicas, antinefríticas e diuréticas, depois quase pretas; fava-do-brejo, fava-ordinária, faveira, faveira-do-campo [Nativa da região do mar Cáspio e do Norte da África, é cultivada tb. como fertilizadora do solo e como ornamental; tem uma variedade importante, conhecida como fava-de-cavalo.]

Chernoviz (1890, v. 1, p. 1084, grifo nosso) afirma ser a **fava** “Semente da faveira”, e atesta que sua farinha é empregada, em Medicina, “para fazer cataplasmas que se applicam nos tumores”.

Indicados para os mesmos fins que a **fava**, empregavam-se também o **alecrim** (já mencionado anteriormente, e aqui empregado em forma de óleo) e o **tremoço**:

Oleo de **alecrim**, ou o seu balsamo he remedio approvadissimo para tirar os fínaes das bexigas, e restituir a cor do rosto a seu antigo estado. O lenimento, que se faz de onça, e meya de azeyte, misturandolhe seis onças de fumo de limoens azedos; meya onça de fezes de ouro lavadas, outra meya de cinza de

cagados, outra meya de enxundia de gallinha, untando com este unguento os finaes, e covas, que deyxão as bexigas, vinte, e cinco dias fuceffivos, e no fim delles lavarem o rofto com agua cofida com **tremoços**, teraõ hum grande remedio. (FERREIRA, 1735, p. 128).

De acordo com Chernoviz (1890, v. 2, p. 1118), **tremoço** é o grão produzido pela planta **tremoceiro** (*Lupinus albus*). Hoauiss (2009) define **tremoço** como:

1.1 planta com cerca de 45 cm (*Lupinus albus*), nativa da Europa, de folhas digitadas, com folíolos obovados e oblongos, flores brancas em inflorescências eretas, vistosas, e vagens pilosas com sementes achatadas; lupino-branco, tremoço-branco, tremoço-ordinário [Cultivada desde a Antiguidade como forrageira e pelas sementes nutritivas, comestíveis após cozimento que lhes retira a toxicidade, ou tostadas e us. como um sucedâneo do café; é excelente adubo.]

Não encontramos registros de propriedades medicinais do **tremoço** em nenhum dos dicionários consultados. Contudo, observando os exemplos de Ferreira (1735), bem como o de Mendes (1770), podemos inferir que o cozimento dos grãos era utilizado como antisséptico, isto é, “FARM que ou o que impede a contaminação e combate a infecção” (HOUAISS, 2009):

A parte se farjará mais profundamente para melhor evacuaçãõ do fangue groffo, e fervido, e se lavará com cofimento de **tremoços**, e fal, ou melhor ferá com agua ardente per lí, ou misturada com espirito de vinho alcanforado, tudo morno; e dada bastante descarga á parte, nella se porá o oleo de ouro ao redor, ficando todo o tumor da parte de dentro; é fera mais largo o circulo, que no carbunculo ; porque como he mayor a malicia, e se estende mais pelas circunferencias, he racionavel, que feja o circulo mais largo ; e fobre o tumor algumas pennadas do dito oleo. (FERREIRA, 1735, p. 269, grifo nosso).

Tomem huma laranja azeda, tire-fe-lhe por hum buraco todo o fumo, e rnetta-fe-lhe dentro no carnaz oléo de linhaça, de losna, e de arruda, de cada hum partes iguaes, e tambem huma oitava de triaga magna, e huns pós futiz de **tremoços**; e cheia allim a dita laranja se ponha em refcaldo, e se deixe affar de forte, que esteja meia secca; eao depois tire-fe, e se guarde: e com o que lhe fica dentro se façaõ tres parches, e se ponhaõ no embigo da criança, cada hum em seu dia, ficando-lhe tambem de noite: fararáõ. (MENDES, 1770, p. 108, grifo nosso).

Bluteau (1712-1728, v. 2, p. 378) registra **pés colombinos** tanto no verbete “colombino”, onde esclarece: “Erva, que tem este nome”; quanto no verbete “columbino”, onde repete: “Erva”. Ambos os verbetes remetem **pés colombinos** a “pé”; no entanto, o verbete “pé” não faz menção à planta. Já Silva (1789, v. 2, p. 414-415) registra a lexia tanto

no verbete “colombino”, definindo-a como “herva farmaceutica”; quanto no verbete “pé”, onde afirma ser “herva, uma especie do *Geranium*”. Vieira (1871-1874, v. 4, p. 783) registra **pescolubrinos**, cuja definição é “Planta com folhas fendidas, como o pé do pombo, semelhantes ás da malva brava”. Bluteau (1720 *apud* PAPAVERO *et al.*, p. 124, nota de rodapé 835, grifo nosso) esclarece que:

[...] no Thesouro de Prudentes Tratados, cap. 35, diz Gonçalo Gomes Caldeyra o que se segue. [Da virtude da herua, chamada *Pes Columbinos*, há duas differenças desta herua, & ambas são da mesma feytura, só differença na cor dos pès, porque hũas tem os pès brancos, & a outra vermelhos, são ambas dos pès compridos, & a folha a modo de malua brava. A dos pès vermelhos tem virtude de apertar, & ajuntar as feridas, pizada, & posta sobre ferida; & a dos pès brancos tem virtude de ajudar a tirar algum osso, que a natureza deva de deytar fóra, pizada, & posta sobre aquella parte].

Aferimos, pois, que em nosso *corpus* de estudo **pés colombinos** referem-se à segunda alternativa mencionada por Caldeyra, uma vez que o exemplo de Ferreira (1735, p. 367) trata de *quebradura*, ou “hérnia” (Hoauiss, 2009).

Outro símplice empregado em *quebraduras*, bem como em *fraturas* e *inchações* é a **embaúba**:

No principio, que cheguey a estas Minas, ufava nas quebraduras de emplaftos feytos de termentina, e pós de toda a bífma, ou parte delles, que naquelle tempo fô os Cirurgioens, e Medicos tinhaõ alguns remedios, pois boticas as naõ havia; e como confiderey haverem poucos medicamentos, e venderem-se por alto preço, e ouuia dizer, que os olhos de **embaúba** eraõ bons para quebraduras, compuz os emplaftos na fôrma, que fica dito, com os quaes tive sempre admiraveis successos: e nestta fôrma ficaraõ os doentes bem fervidos com menos despeza, e menos trabalho de os irem buscar muytas vezes hum, e dous dias de jornada; e tendo curado com elles innumeraveis fraturas, ainda naõ houve huma, que naõ saralfe perfeytamente; porque estes além de pegarem bem, lançandolhé os pós estando bem quentes, e poftos na parte ainda com bom calor, fazem regenerar o poro para foldar as quebraduras, corroboraaõ a parte, confortaõ, e desfazem a inchação, que sempre ha mais, ou menos por levarem a agua ardente. (FERREIRA, 1735, p. 247, grifo nosso).

Grandi (2014, p. 515-517, grifo nosso) registra **embaúba** (*Cecropia pachystachya*) e menciona as unidades **umbaúba**, **árvore-da-preguiça** e **embaúba-branca** como sinônimas vulgares. Informa ainda que “Os brotos, recentemente colhidos, são [...] diuréticos e usados no tratamento da blenorragia e leucorreia”. No banco de plantas do *Horto Didático de Plantas Medicinaias do HU/CCS* (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2022, grifo nosso), encontramos **embaúba-vermelha** (*Cecropia glaziovii*) que é “Usada como

adstringente, diurética, hipotensora, antidiabética, expectorante, hepática, emenagoga, antiespasmódica, analgésica, antileucorreica, antiasmática, antigripal e reguladora do ritmo cardíaco. O látex é cáustico e utilizado topicamente como vulnerário”.

Para *queimadura* era utilizada, além da **cebola**, a **dormideira**:

Para as chagas das queymaduras. Litargirio de ouro duas onças, óleo de gemas de ovos onça, e meya, óleo de **dormideyras** huma onça, unguento populiaõ duas onças, canfora meya oytava; de tudo fe faça unguento segundo a arte. Ou este. Claras de ovos duas bem batidas, óleo de gemas de ovos huma onça, alvayade em pó futil quatro oytavas, tudo fe bata muyto bem até fe fazer lenimenco, e molhado hum pano delgado fe ponha na chaga, e fendo nos matos, em lugar do óleo de gemas de ovos, fervirá o rofado, e na falta deste azeyte doce. (FERREIRA, 1735, p. 142, grifo nosso).

Por meio do nome científico mencionado por Chernoviz (1879, p. 419; 1890, v. 1, p. 879), atestamos em Houaiss (2009, grifo nosso) que a **dormideira** (*Papaver somniferum*) é a mesma planta que a **papoula**.

1.1 erva (*Papaver somniferum*) da fam. das papaveráceas, de flores solitárias e frutos capsulares; dormideira, dormideira-das-boticas, papoula-pelada [Nativa da Grécia e Oriente Médio, tem inúmeras subespécies e variedades, esp. cultivadas do Irã à China, como ornamentais ou pelas sementes, us. na alimentação e esp. na produção de alcaloides, como a morfina e a heroína, presentes no ópio, e de látex, extraído das sementes imaturas.].

“Gozam das mesmas propriedades que o opio, mas em muito menor grão; são empregadas nos mesmos casos como calmante e narcotico”, segundo Chernoviz (1890, v. 1, p. 880).

Sobre a **fumária**, Chernoviz (1890, v. 1, p. 1251, grifo nosso) alega que é usada “em medicina como tonico” e que seu chá, “bebido todos os dias de manhã, é empregado com vantagem nas molestias da pelle”. Há ocorrência desta erva em nosso *corpus*, no capítulo terceiro, de Mendes (1770, p. 12, grifo nosso), que trata do *edema*:

Vamos pois ao modo de curar o edema. Nunca convém sangrar, pois de o fazer succede muitas vezes, destituido o sangue do seu balsamo, augmentar-fe mais a queixa. Deve fim ter-fe todo o cuidado em evacuar a cauza antecedente, purgando o enfermo com os remedios adequados; para o que ferve o seguinte cozimento. Recip. **Fumaria** huma maõ cheia: coza-fe em hum quartilho de agua, que mingúe ametade; e ao depois fe lhe lancem dentro tres oitavas de **lene**, com huma oitava de crémortártaro; e fe abafe muito bem por tres, ou quatro horas; e passadas, cóe e ajunte pós catholicos meia oitava.

Grandi (2014, p. 621, grifo nosso) afirma que a **fumária** é empregada como “Depurativo, tônico, amargo, diaforético, emenagogo, antiescorbútico. É empregado, também, no tratamento das moléstias da pele e escrofuloses, e, ainda, como antiescorbútica e antissifilítica”. Bluteau (1712-1728, v. 4, p. 228) e Silva (1789, v. 2, p. 66) remetem **fumária** a **fumo da terra**, o qual é definido por ambos como “erva”.

Na mesma receita para curar o *edema* consta o **sene**: “ANGIOS 1 design. comum a diversas plantas da fam. das leguminosas, esp. a algumas dos gên. *Senna* e *Chamaecrista*, da subfam. cesalpinioídea, anteriormente descritas no gên. *Cassia*, com propriedades purgativas” (HOUAISS, 2009, grifo nosso).

Combinado à já mencionada **salsaparrilha** serve para *gálicos* e *boubas*:

Xaropes contra morbum para toda a especie de gallico, e para boubas. **Salfa parrilha** boa meya libra, **fenne** onça e meya, aílucar tres quartas: a **falfa** estará de molho por algum tempo para se rachar melhor; [...] e perfeyta a conta de quatro frascos de agua, se porá no fogo a ferver com a dita **falfa** até ficar na medida de frasco e meyo, que já está feyta, então se lhe lançará o **fenne**, e ferverá com elle até ficar quasi na medida de hum frasco, ficando por cima da marca alguma coufa; e para estas medidas se conhecerem bem, se ha de tirar tacho do fogo, ou o fogo debayxo delle, para focegar a fervura estando direyto, arrimando o **fenne**, e a **falfa** para huma banda; estando allim se coará por pano ralo, e lavado o tacho novamente, se lhe tornará a lançar o tal colimento, e as tres quartas de aílucar, e com elle ferverá até ficar na medida, que primeyro se fez de hum frasco, e coado segunda vez se guardará para o ufo. (FERREIRA, 1735, p. 306-307, grifo nosso).

Para o mesmo fim, isto é, purgar como parte do tratamento de uma doença de pele, no caso, *formigueiro*, Ferreira (1735, p. 349, grifo nosso) menciona a erva **maná**:

Os formigueyros dos braços, e das pernas sempre faõ mais communs em brancos, que em pretos; e se chegaõ a arrebentar, muytas vezes fazem cavernas pelo interno; que passãõ de huns a outros, como já vi algumas vezes; e como esta doença procede de humor colerico exaltado, e de fangue adulto, será bom que o doente tome hum vomitorio [...]; e se parecer que necessita de se purgar, se fará com **manná** em colimento fresco, e de nenhum modo outra casta de purgas; e se não houver muyta necessidade de purgar, fenaõ purgará, fenaõ com o vomitorio, ou dous, e as bebidas frescas.

Chernoviz (1879, p. 591) afirma ser o **maná**: “Laxante brando, convem ás crianças, ás mulheres gravidas e pessoas delicadas. Emprega-se nas bronchites. Póde ser administrado nas inflammações. Associa-se ordinariamente ás outras substancias purgativas, para diminuir-lhes a acção irritante”.

Para *impingem* Ferreira (1735) empregava o **mata-pasto**:

Pizem as folhas de **matapafto** com vinagre forte de modo, que fique huma boa maffa, e com ella untem as impingens, e fe este remedio affim feyto naõ obra, pizem a femente da dita herua matapafto com o dito vinagre quanto mais forte ferá melhor , que tambem este remedio me tem defempenhado algumas vezes; mas como eu fabia que o remedio affim era mais efficaz, ufava delle em primeyro lugar, quando havia os feus ingredientes. (FERREIRA, 1735, p. 115, grifo nosso).

Chernoviz (1890, v. 2, p. 387) remete **mata-pasto** a **fedegoso** e atesta que “As raizes de todas estas especies gozam de propriedades diureticas e tonicas; as folhas são purgativas, como as do sene das boticas, que pertence á mesma familia das Leguminosas, e ao mesmo genero *Cassia*; e especialmente são purgativas as folhas da *Cassia sericea*” (CHERNOVIZ, 1890, v. 1, p. 1103, grifo nosso). Grandi (2014, p. 599) remete a sinonímia vulgar de **fedegoso** (*Senna occidentalis*) a **mata-pasto**. E afirma que a erva é empregada em “Gripes, rouquidão, como vermífuga, febrífuga e nas moléstias do fígado. E também nas doenças da pele” (GRANDI, 2014, p. 600, grifo nosso).

Por fim, a **uva-de-cão** é também erva empregada no tratamento do *panarício*, além do já mencionado **açafrão**:

O panaricio he hum apoftema pequeno, ou tumor, que nafce nas pontas dos dedos das mãos, e algumas vezes dos pes; nos quaes humas vezes ha dores pequenas, outras mayores, e outras gravíllimas, que fazem aos doentes perder o juizo [...] fe fe naõ acode no principio com remedios efficazes; os quaes faõ os fequintes. O primeyro he de minhocas machucadas, e poftas logo no panaricio fem demora; para melhor applicaçãõ fe meterãõ em hum faquinho, para nelle meter o dedo, e he este remedio dos que tem o primeyro lugar, e eu naõ ufey de outro, depois que tive conhecimento defte. O fegundo he de **uvas de caõ** machucadas, e poftas; as quaes faõ as que nafcem em fima dos telhados, [...]. (FERREIRA, 1735, p. 139, grifo nosso).

Para Bluteau (1712-1728, v. 8, p. 602, grifo nosso) **uva-de-cão** é “Planta pequena [...] Cria fe em cima dos muros. He refrigerante, refolutiva, & confolidante”; para Silva (1789, v. 1, p. 825, grifo nosso) é simplesmente “Herva vulgar”. Chernoviz não a registra nem no *Formulario* (1879), nem no *Diccionario de medicina popular* (1890). Bluteau (1712-1728, v. 8, p. 602, grifo nosso) também menciona que “Daõlhe muitos outros nomes, a faber, *Semper vivum minus, album. Crassula minor. Caudamuris. Sedum minus officinarum, &c*”. Sob o gênero *Sedum* encontram-se inúmeras espécies de crassuláceas (FLORA E FUNGA DO BRASIL, 2022). Em Houaiss (2009), **uva-de-cão** remete a outras duas ervas: “ANGIOS P 1

m.q. *doce-amarga* (*Solanum dulcamara*) 2 m.q. *pão-de-pássaros* (*Sedum acre*)”; dentre elas, portanto, uma do gênero *Sedum* – **pão-de-pássaros** que, por sua vez, é definida como:

ANGIOS erva rasteira (*Sedum acre*) da fam. das crassuláceas, com folhas carnosas, ovadas, e flores amarelas, melíferas; pimenta-das-paredes, saião-acre, uva-de-cão, vermiculária, vermiculária-queimante [Nativa da Europa, Oeste da Ásia, Norte da África e introduzida no Brasil, vegeta nos muros, telhados, rochedos e lugares pedregosos, e é us. como resolutiva.] (HOUAISS, 2009, grifo nosso).

As unidades lexicais especializadas que designam símplices empregados em tratamentos de doenças cutâneas, aqui arroladas, representam, assim, um recorte do Brasil Colonial, no que concerne à saúde da população envolvida com a atividade mineradora, no século XVIII. Passemos agora às considerações finais de nossa pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado de nosso trabalho de pesquisa – esta tese intitulada “Um estudo léxico-semântico sobre a farmacopeia do Brasil Colonial em documentos do século XVIII” – foi elaborado a partir de um conhecimento lexicográfico e terminológico que se coloca ao dispor de um saber técnico-científico, difundindo informação às comunidades acadêmicas voltadas não só à área de Linguística como também às áreas de Medicina, Farmácia, História e outras.

Baseada em *corpus* e organizada a partir de um sistema de campos lexicais, nossa pesquisa vai ao encontro de resultados positivos no sentido de tornar-se referência, tanto no que concerne a seu conteúdo quanto a sua configuração.

As unidades lexicais recolhidas no *corpus* designam elementos pertencentes à Farmácia e/ ou à Cirurgia e compõem o vocabulário de um domínio específico do conhecimento humano – a farmacopeia. O que atribui a tais unidades referência e sentido, próprios de uma linguagem de especialidade, é o fato de terem sido encontradas em contexto específico de comunicação – os primeiros relatos e tratados de Medicina escritos no Brasil. O acervo lexical apresenta-se, assim, como parte dos vocabulários farmacêutico e cirúrgico próprios do século XVIII.

Uma vez que o tema relaciona-se a diferentes áreas do conhecimento, concebemos a organização desse acervo lexical como uma contribuição não apenas aos estudos do léxico da língua portuguesa, mas também aos estudiosos da história do Brasil Colonial do contexto aurífero, e pesquisadores da Medicina ou da Farmácia históricas, observando que as artes médica e farmacêutica, naquela ocasião, apoiaram-se tanto na introdução de conceitos vindos da Europa, como também no aprendizado prático desenvolvido e aprimorado na realidade do Brasil Colonial, isto é, por meio da interação dos saberes portugueses, indígenas e africanos.

Diante da riqueza de informações e do volume de unidades lexicais de especialidade (915 unidades lexicais) extraídas dos documentos consultados, optamos por trabalhar somente com o campo lexical dos *símplices* (243 unidades lexicais), e deste definimos as 33 primeiras unidades, considerando-se o critério alfabético (letra A), para o protótipo de vocabulário apresentado na quarta seção deste trabalho. Além disso, para a análise léxico-semântica das unidades lexicais que designam *símplices*, sentimos necessidade de efetuar um novo recorte, desta vez, referente às unidades lexicais que designam plantas utilizadas na cura de doenças dermatológicas ou ligadas ao sistema tegumentar do corpo humano (77 unidades lexicais).

A análise léxico-semântica elaborada com base em uma parte do vocabulário proposto comprova-nos que a maioria dos remédios aplicados em enfermidades que se manifestavam nos brasileiros do século XVIII tem suas propriedades medicinais extraídas e utilizadas nos

dias atuais, seja em forma de *símplice* ou de *composto*. Ademais, muitas dessas doenças ainda ocorrem.

Realizamos, por conseguinte, a proposta de protótipo de vocabulário da farmacopeia, ou de sistematização das informações e do conhecimento relativos ao léxico da farmacopeia encontrado em documentos do Brasil Colonial.

Este trabalho vem mostrar que, embora a *Lexicografia de Especialidade* seja das mais recentes ciências do Léxico, o *corpus* de estudo é expressivo no conjunto de unidades lexicais especializadas, comprovando que no século XVIII já havia a preocupação de se designar com precisão as unidades lexicais referentes às ervas, às suas características, ao seu emprego medicinal, à forma como deve ser preparada, e à forma como deve ser aplicada.

Assim, além de analisar as obras de Ferreira (1735), Miranda (1749) e Mendes (1770) sob o aspecto da farmacopeia, nosso trabalho divulga obras importantes e pouco conhecidas sobre a prática médica e farmacêutica, no período considerado.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. Lexicologia social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais. *In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.). As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, v. 6, Campo Grande: UFMS, 2012, p. 141-161.*
- ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. *In: Cadernos do CNLF, Rio de Janeiro: CIFEFIL, vol. XV, n. 5, t. 2, p. 1332-1343, 2011.*
- ABBADE, Celina Márcia de Souza. *Um estudo lexical do primeiro manuscrito da culinária portuguesa medieval: o livro de cozinha da Infanta D. Maria.* Salvador: Quarteto, 2009.
- ABREU, Jean Luiz Neves. Tratados e construções do saber médico: alguns aspectos dos paratextos nos impressos de medicina luso-brasileiros – século XVIII. *Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, n. 2, v. 6, jul./dez. 2013. p. 21-34.*
- ABREU, Laurinda. A institucionalização do saber médico e suas implicações sobre a rede de curadores oficiais na América portuguesa. *Tempo, v. 24, n. 3, set./dez. 2018. p. 493-524.*
- ANTUNES, Arnaldo. *As Coisas.* Ilustrado por Rosa Moreau Antunes. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.* Editora Global. São Paulo: 2009.
- ADELSTEIN, Andreína. *Unidad léxica y valor especializado: Estado de la cuestión y observaciones sobre su representación.* Dirigido por M. Teresa Cabré. 2001. 256 f. Tesis (Programa de Doctorado en Lingüística Aplicada). Universidad Pompeu Fabra, Barcelona, 2001.
- ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas.* 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. (Coleção Biblioteca Básica Brasileira; 7).
- ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas.* Introdução e Vocabulário por A. P. Canabrava. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas, e minas; com varias noticias curiosas do modo de fazer o assucar; plantar e beneficiar o tabaco; tirar ouro das minas, e descobrir as da prata; e dos grandes emolumentos, que esta conquista da America Meridional dá ao Reyno de Portugal com estes, e outros gêneros, e contratos reaes.* Lisboa: Na Officina Real Deslandesiana, 1711
- ANTHONY, Laurence. *AntConc.* (Windows 3.5.8w). Tóquio: Universidade de Waseda, 2019. *Software livre.* Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/>. Acesso em: 25 jun. 2021.
- BABINI, Maurizio. Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. *Ciência e Cultura, v. 58, n. 2, abr./jun. 2006. p. 38-42.*

BERGENHOLTZ, Henning. Wodurch unterscheidet sich Fachlexikographie von Terminographie? *Lexicographica*, 11, p. 37-46. 1995.

BERGENHOLTZ, Henning. Grundfragen der Fachlexikographie. EURALEX'96 Proceedings [...]. *Terminology and dictionaries for special purposes*. 1996.

BERGENHOLTZ, Henning; TARP, Sven. LSP Lexicography or Terminography? The lexicographer's point of view. In: FUERTES-OLIVEIRA, Pedro Antonio (org). *Specialized Dictionaries for learners*. Berlin, New York: Walter de Gruyter GMBH. S. CO-KG, 2010.

BEVILACQUA, Cleci Regina; FINATTO, Maria José Bocorny. Lexicografia e Terminografia: alguns contrapontos fundamentais. *Alfa*, 50 (2), p. 43-54. 2006.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo; MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo (coord.). *Banco de dados do Dicionário Histórico do Português do Brasil: séculos XVI, XVII e XVIII*. Araraquara: Laboratório de Lexicografia/FCLAr, acesso restrito. Disponível em: <https://corpus-one.fclar.unesp.br/philologic/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo; MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo (org.). *Dicionário Histórico do Português do Brasil: séculos XVI, XVII e XVIII*. Araraquara: FCL-UNESP, 2021. Disponível em: <http://dicionarios.fclar.unesp.br>. Acesso em: 20 abr. 2022.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Análise de dois dicionários gerais do Português Brasileiro e Contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (org.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004. v. 2. p. 185-200.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*, v. I, 2. ed., Campo Grande: Ed. UFMS, 2001a.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Linguística: Teoria Lexical e Linguística Computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. *Alfa*, São Paulo, 40: 27-46, 1996.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Glossário. *Alfa*, São Paulo, 28(supl.): 135-144, 1984.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendr ologico, ecclesiatico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero, geographico, geometrico, gnomonico, hydrographico, homonymico, hierologico, ichthyologico, indico, isagogico, laconico, liturgico, lithologico, medico, musico, meteorologico, nautico, numerico, neoterico, orthographico, optico, ornithologico, poetico, philologico, pharmaceutico, quidditativo, qualitativo, quantitativo, rethorico, rustico, romano, symbolico, synonymico, syllabico, theologico, terapeutico, tecnologico, uranologico, xenophonico, zoologico, autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joam V pelo padre D. Raphael Bluteau, clerigo regular, doutor na Sagrada Theologia,*

Prêgador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Qualificador no sagrado Tribunal de Inquisição de Lisboa. Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1720. [v. 6, O-P].

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendr ologico, ecclesiatico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero, geographico, geometrico, gnomonico, hydrographico, homonymico, hierologico, ichthyologico, indico, isagogico, laconico, liturgico, lithologico, medico, musico, meteorologico, nautico, numerico, neoterico, orthographico, optico, ornithologico, poetico, philologico, pharmaceutico, quidditativo, qualitativo, quantitativo, rethorico, rustico, romano, symbolico, synonymico, syllabico, theologico, terapeutico, tecnologico, uranologico, xenophonico, zoologico, autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joam V pelo padre D. Raphael Bluteau, clerigo regular, doutor na Sagrada Theologia, Prêgador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Qualificador no sagrado Tribunal de Inquisição de Lisboa.* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 10 v. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/vocabulario-portuguez-latino-aulico-anatomico-architectonico/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. *Formulário de Fitoterápicos da Farmacopéia Brasileira/ Agência Nacional de Vigilância Sanitária.* Brasília: Anvisa, 2011. 126 p.

BRASIL. *Farmacopeia Brasileira*, volume 1/ Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Brasília: Anvisa, 2010a. 546p. 1v/il.

BRASIL. *Farmacopeia Brasileira*, volume 2/ Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Brasília: Anvisa, 2010b. 904p. 2v/il.

BUENO, Francisco da Silveira. *Vocabulário Tupi-guarani/ Português.* São Paulo: Nagy, 1983.

CABRÉ, Maria Teresa. *La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos.* Barcelona: IULA/UPF, 1999.

CABRÉ, Maria Teresa. Terminologie ou terminologies? Spécialité linguistique ou domaine interdisciplinaire? *Meta*, 36(1), 1991, p. 55–63.

CAMBRAIA, César Nardelli. Da lexicologia social a uma lexicologia sócio-histórica: caminhos possíveis. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 21, n. 1, Belo Horizonte: UFMG, p. 157-188. 2013.

CANABRAVA, Alice Piffer. João Antônio Andreoni e sua obra. In: ANTONIL, Antonio João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas.* Introdução e Vocabulário por A. P. Canabrava. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, p. 9-112.

CASTILLO CARBALLO, María Auxiliadora. La macroestructura del diccionario. In: MEDINA GUERRA, Antonia María (coord.). *Lexicografía española.* Espanha: Ariel, 2003.

CHAURAND, Jacques; MAZIÈRE, Francine (org.). *La définition.* Canadá: Larousse, 1990.

CHERNOVIZ, Pedro Luís Napoleão. *Diccionario de medicina popular e das sciencias accessorios para uso das familias, contendo a descripção das Causas, symptomas e tratamento das moléstias; as receitas para cada molestia; As plantas medicinaes e as alimenticias; As aguas mineraes do Brazil, de Portugal e de outros paizes; e muitos conhecimentos uteis*. 6. ed. Paris: A Roger & F Chernoviz, 1890. 2 v. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/diccionario-de-medicina-popular-e-das-sciencias-access%C3%B3rias-para-uso-das-familias/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

CHERNOVIZ, Pedro Luís Napoleão. *Formulario ou Guia medica contendo a descripção dos medicamentos, as doses, as molestias em que são empregados, as plantas medicinaes indigenas do Brasil, o Compendio alphabetico das aguas mineraes, a escolha das melhores formulas, um Memorial therapeutico, e muitas informações uteis*. 10. ed. Paris: Casa do autor, 1879.

CIAPUSCIO, Guiomar; KUGUEL, Inés. Hacia una tipologización del discurso especializado: aspectos teóricos y aplicados. In: GARCÍA PALACIOS, Javier; FUENTES MORÁN, Maria Teresa (eds.). *Texto, Terminología y Traducción*. Salamanca: Ediciones Almar, 2002, p. 37-73.

CORPUS Dicionário Histórico do Português do Brasil (DHPB). Araraquara: FCL-UNESP, 2021. Disponível em: <http://dicionarios.fclar.unesp.br>. Acesso em: 01 nov. 2021.

COSERIU, Eugenio. *Princípios de semântica estrutural*. Vers. esp. de Marcos Martinez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1977.

COSERIU, Eugenio. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos, 1969.

COSTA, Lucimara Alves da Conceição. Terminografia versus lexicografia especializada: questões concernentes à produção de dicionários especializados e as bases teórico-metodológicas do dicionário de lexicografia brasileira. *Debate Terminológico*, n. 13, p. 43-53. 2015a.

COSTA, Lucimara Alves da Conceição. *Reflexões sobre a variação terminológica na lexicografia corrente no Brasil e a construção das bases teórico-metodológicas para o dicionário de lexicografia brasileira*. Orientadora: Claudia Zavaglia. 2015. 303 f. Tese (Doutorado com dupla titulação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto; Universidad Pompeu Fabra, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Barcelona, 2015b. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/127683>. Acesso em: 29 abr. 2022.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. ver. e acrescida de um suplemento. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DOMLADOVAC-SILVA, Carolina. *O léxico das enfermidades na obra Erário Mineral (1735), de Luís Gomes Ferreira*. Orientadora: Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa. 2017. 198 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/151109>. Acesso em: 25 jun. 2021.

DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée; GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Christiane; MARCELLESI, Jean-Baptiste; MEVEL, Jean-Pierre. *Dicionário de Linguística*. 10. reimpr. da 1. ed. de 1978. São Paulo: Cultrix, 2006.

EDLER, Flávio; FONSECA, Maria Raquel Fróes da. Saber erudito e saber cultural na medicina colonial. *Cadernos ABEM*, 2:6-7, 2005.

EDO MARZÁ, Nuria. Lexicografía especializada y lenguajes de especialidad: fundamentos teóricos y metodológicos para la elaboración de diccionarios especializados. *Linguística*, v. 27, p. 98-114. 2012.

EUGÊNIO, Alisson. Ilustração, escravidão e as condições de saúde dos escravos no Novo Mundo. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 25, n. 41, p. 227-244, jan./jul. 2009.

FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra; PAULA, Sérgio Goes de (org.); PÔRTO, Ângela; FURTADO, Júnia Ferreira; CERQUEIRA, Roberta; LAMARE, Viviane de. Glossário: observações sobre o universo vocabular médico-cirúrgico do Erário Mineral, de Luís Gomes Ferreira. In: FERREIRA, Luís Gomes. *Erário Mineral*. Organizado por Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002. 821 p., 2 v. il. (Coleção Mineiriana, Série Clássicos). p. 768-806.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. versão 5.0. Curitiba: Positivo, 2004. CD-ROM.

FERREIRA, Luís Gomes. *Erário Mineral*. Organizado por Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002. 821 p., 2 v. il. (Coleção Mineiriana, Série Clássicos).

FIGUEIREDO, Candido de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria clássica, 1913.

FINATTO, Maria José Bocorny. New Methods for Specialized Lexicography: Brazilian Approach Examples. *Lexicographica*, Germany: De Gruyter, v. 30, p. 247-261. 2014.

FIOCRUZ. Formulário médico: manuscrito atribuído aos jesuítas e encontrado em uma arca da Igreja de São Francisco de Curitiba. 1703. Disponível em: <https://www.obrasraras.fiocruz.br/media.details.php?mediaID=279>. Acesso em: 20 nov. 2017.

FLORA E FUNGA DO BRASIL. *Jardim Botânico do Rio de Janeiro*. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 16 abr. 2022.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 21. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1986. p. 73-86.

FURTADO, Júnia Ferreira. Barbeiros, cirurgiões e médicos na Minas colonial. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 41, p. 90-105. 2005.

FURTADO, Júnia Ferreira. Arte e segredo: o licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens. In: FERREIRA, Luís Gomes. *Erário Mineral*. Organizado por

Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002. 821 p., 2 v. il. (Coleção Mineiriana, Série Clássicos). p. 3-30.

GALISSON, Robert. Cultures et lexicultures: Pour une approche dictionnaire de la culture partagée. *Annexes des Cahiers de linguistique hispanique médiévale*, v. 7, 1988. Hommage à Bernard Pottier, p. 325-341.

GRANDI, Telma Sueli Mesquita. *Tratado das plantas medicinais: mineiras, nativas e cultivadas*. 1. ed. Dados eletrônicos. Belo Horizonte: Adaequatio Estúdio, 2014. 1204 p.

GROSSI, Ramon Fernandes. Considerações sobre a arte médica na capitania das Minas (Primeira metade do século XVIII). *LPH- Revista de História*, Ouro Preto: UFOP, v. 8, p. 11-26. 1998-1999.

GROSSI, Ramon Fernandes. O universo da cura na Capitania das Minas Gerais (1750-1808). *Revista da Faculdade de Letras*. Porto, III Série, v. 6, 2005, p. 49-68.

GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. Chernoviz e os manuais de medicina popular no Império. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 12, n. 2, mai./ago. 2005. p. 501-514.

HAENSCH, Günther; WOLF, Lothar; ETTINGER, Stefan; WERNER, Reinhold. *La lexicografía: De la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

HENRIQUEZ, Francisco da Fonseca. *Âncora Medicinal: para conservar a vida com saúde*. Texto modernizado por Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, Sílvio de Almeida Toledo Neto e Heitor Megale; revisão das traduções do latim por Leônidas Querubim Avelino; prefácios Cassio Ravaglia e Sérgio de Paula Santos; revisão geral Geraldo Gerson de Souza. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. CD-ROM.

HUMBLEY, John. Is terminology specialized lexicography? The experience of French-Speaking countries. *Hermes, Journal of Linguistics*, 18, p. 13-31. 1997.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da *seringa*. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*, v. I, Campo Grande: Ed. UFMS, 1998.

JERONIMO, Gabriela Guimarães; DOMLADOVAC-SILVA, Carolina. Dos garimpos mineiros ao cerrado goiano: entrelaces históricos em procedimentos de cura. In: ZAVAGLIA, Claudia; NADIN, Odair Luiz (org.). *Histórias, palavras e dicionários: estudos em homenagem à Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2019. (Série Estudos do Léxico). p. 223-246.

KOČOUREK, Rostislav. *La Langue Française de la Technique et de la Science: vers une linguistique de la langue savante*. Wiesbaden: Brandstetter, 1991a.

KOČOUREK, Rostislav. Textes e Termes, *Meta*, v. 36, n. 1, p. 71-76. 1991b.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

LAINETTI, Ricardo; BRITO, Nei R. Seabra de. *A cura pelas ervas e plantas medicinais brasileiras*. São Paulo: Tecnoprint S. A., 1979.

LARA, Luis Fernando. Término y cultura: hacia una teoría del término. In: Luis Fernando Lara. *Ensayos de teoría semántica: lengua natural y lenguajes científicos*. El Colegio de México, México, 2001. (Jornadas, 135). p. 39-60.

L'HOMME, Marie-Claude; POLGUÈRE, Alain. Pondo em bons termos os dicionários especializados e os dicionários de língua geral. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ABBADE, Celina Márcia de Souza (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*, v. IX, Campo Grande: Ed. UFMS, 2020.

MARTINS, Evandro Silva. Léxico e homeopatia. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*, v. I, Campo Grande: Ed. UFMS, 1998.

MARZÁ, Nuria Edo. Lexicografía especializada y lenguajes de especialidad: fundamentos teóricos y metodológicos para la elaboración de diccionarios especializados. *Lingüística*, v. 27, p. 98-114. 2012.

MATORÉ, Georges. *La méthode en Lexicologie: domaine français*. Paris: Marcel Didier, 1953.

MELLO E SOUZA, Laura de. *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MENDES, José Antonio. *Governo de mineiros, mui necessário para os que vivem distantes de professores seis, oito, dez e mais léguas, padecendo por essa cauza is seus domésticos e escravos queixas, que pela dilaçam dos remédios se fazem incuráveis, no mais das vezes mortais*. Oferecido ao Senhor Coronel Antonio Soares Brandão, cirurgião da Câmara de Sua Majestade Fidelíssima e Fidalgo de sua Casa, Cirurgião-mor dos Reinos, seus domínios e exércitos. Lisboa: Oficina de Antonio Roiz Galhardo, 1770.

MESGRAVIS, Laima. *História do Brasil Colônia*. Coleção História na Universidade. São Paulo: Contexto, 2015. 176 p.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. *A arte de curar nos tempos da Colônia: limites e espaços da cura*. 3. ed. rev. ampl. e atual., Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2017.

MIRANDA, João Cardoso de. *Prodigiosa Lagoa descuberta nas Congonhas das Minas do Sabará, que tem curado a varias pessoas dos achaques, que nesta Relação se expõem*. Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa, 1749.

MIRANDA, João Cardoso de. *Relação cirurgica, e medica, na qual se trata, e declara especialmente hum novo methodo para curar a infecção escorbutica, ou mal de Loanda, e todos os seus productos, fazendo para isto manifestos dous especificoe, e mui particulares remedios*. Lisboa: Na Officina de Manoel Soares, 1747.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. O vocabulário da navegação portuguesa no século XVI: o *Diário da Navegação* de Pero Lopes de Sousa (1530-1532). In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ABBADE, Celina Márcia de Souza (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*, v. IX, Campo Grande: Ed. UFMS, 2020. p. 269-284.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Dicionário Histórico do Português do Brasil: testemunho Lexical da Língua Portuguesa no Brasil Colônia. *Debate Terminológico*, v. 14, p. 75-88. 2016.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Vocabulário das enfermidades em documento do Brasil Colonial: o relato de *Prodigiosa Lagoa* (1749). In: MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; NADIN, Odair Luiz (org.). *Terminologia: uma ciência interdisciplinar*. Série Trilhas Linguísticas, n. 22. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2013. p. 83-101.

MUZZI, Eliana Scotti. Ouro, poesia e medicina: os poemas introdutórios ao Erário Mineral. In: FERREIRA, Luís Gomes. *Erário Mineral*. Organizado por Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002. 821 p., 2 v. il. (Coleção Mineiriana, Série Clássicos). p. 31-44.

NAVA, Pedro. Capítulos da história da medicina no Brasil - Introdução ao estudo da história da medicina popular no Brasil. *Brasil Médico Cirúrgico*, v. 11, Rio de Janeiro, p. 8-10. 1949.

NOGUEIRA, André Luís Lima. Saberes terapêuticos nas Minas coloniais: diálogos entre a medicina oficial e as curas não licenciadas (séc. XVIII). *História Unisinos*, v. 18, n. 1, p. 15-26. jan./abr. 2014.

NOGUEIRA, André. A “Prodigiosa Lagoa” de Sabará e as doenças das minas do século XVIII. Dourados-MS, *Fronteiras*, v. 13, n. 23, p. 33-57. jan./jun. 2011.

PAPAVERO, Nelson; TEIXEIRA, Dante Martins; FIGUEIREDO, José Lima de; SANTOS, Christian Fausto Moraes dos; CAMPOS, Rafael Dias da Silva. Fauna e flora do Brasil (especialmente do Mato Grosso) segundo Joseph Barbosa de Sáa (1769) [livro eletrônico]: (Dialogos geograficos, coronologicos, pollíticos, e naturais, escriptos [sic] por Joseph Barbosa de Sáa nesta Villa Reyal do Senhor Bom Jesus do Cuyaba – Manuscrito 235 da Biblioteca Pública do Porto)/ [coordenador da série:] Mário Eduardo Viaro. São Paulo: NEHiLP/ FFLCH/ USP, 2013. Disponível em: http://www.usp.br/nehilp/arquivosdonehilp/NEHiLP_1.pdf. Acesso em: 19 abr. 2022.

PÉREZ HERNÁNDEZ, M. Chantal. Terminografía y Lexicografía. *Estudios de Lingüística Española*, 18, 2002.

PERNA, Cristina Lopes; DELGADO, Heloísa Koch; FINATTO, Maria José Bocorny (org.). *Linguagens Especializadas em Corpora*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

PORTO DAPENA, José-Alvaro. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco/Libros, 2002.

PORTO DAPENA, José-Alvaro. *La definición lexicográfica*. Madrid: Arco/Libros, S.L., 2014.

REY-DEBOVE, Josette. Léxico e dicionário. *Alfa*, São Paulo, 28(supl): 45-69, 1984.

RIBEIRO, Lourival. *Medicina no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1971.

RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1997.

SAMPAIO, Francisco Antônio de. História dos Reinos Vegetal, Animal e Mineral do Brasil, pertencente à Medicina. *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 89, Rio de Janeiro, 1969.

SANROMÁN, Álvaro Iriarte. *A Unidade Lexicográfica*. Centro de Estudos Humanísticos: Universidade do Minho, 2001.

SARDINHA, Tony Berber. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Manole, 2004.

SCHIERHOLZ, Stefan. Lexicografia de Especialidade e Terminografia. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (org.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, v. 6, Campo Grande: UFMS, 2012, p. 371-396.

SEMEDO, João Curvo. *Polianteia medicinal*. Notícias galénicas e químicas. Lisboa, 1697.

SILLÉ, Jean de. *Plantas que curam: 100 receitas de tisanas; dicionários de 150 plantas medicinais, léxico dos termos de fitoterapia*. Lisboa: Litexa, 1984.

SILVA, Antônio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza : recopilado dos vocabularios impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito acrescentado*. 2. ed. Lisboa : Typographia Lacerdina, 1813. 2 v.: v. 1. A-E - v. 2. F-Z.

SILVA, Antônio de Moraes. Bluteau, Rafael. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. 1. ed. Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, MDCCLXXXIX [1789]. 2 v.: v. 1: xxii, 752 p.; v. 2: 541 p. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>. Acesso em: 20 abr. 2022.

SILVA, Maria Beatriz Marques Nizza da. *Donas mineiras do período colonial*. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

TARP, Sven. Specialized lexicography: 20 years in slow motion. *Ibérica*, 24, p. 117-128. 2012.

TARP, Sven. Necesidad de una teoría independiente de la lexicografía: El complejo camino de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. *Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación* 56, p. 110-154. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. *Horto didático de plantas medicinais do HU/UFSC* [online]. Florianópolis: UFSC; 2020. Disponível em: <https://hortodidatico.ufsc.br/banco-de-plantas/>. Acesso em: 19 abr. 2022.

VIANA, Kelly Cristina Benjamim. *Mágicos Doutores: a arte médica entre a magia e a ciência nas Minas Gerais setecentistas (1735-1770)*. Orientadora: Marilda Santana da Silva. 2008. 184 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

VIEIRA, Frei Domingos. *Grande dicionario portuguez ou thesouro da língua portuguesa*. Porto: Editores Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, 1871-1874. 5v.

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. As medicinas das Minas Gerais a partir de três manuais Setecentistas. *Khronos, Revista de História da Ciência*, n. 9, jun./2020. p. 183-203.

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. *As práticas e os saberes médicos no Brasil colonial (1677-1808)*. São Paulo: Alameda, 2017.

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. Entre homens de saber, de Letras e de ciência: médicos e outros agentes da cura no Brasil colonial. *CLIO – Revista de Pesquisa Histórica*, n. 32, v. 1, 2014. p. 5-27.

WEIL, Roberto. *As ervas que curam: um reencontro com “a memória perdida” da farmacologia natural*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1983.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Gomes Ferreira e os símplices da terra: experiências sociais dos cirurgiões no Brasil colonial. In: FERREIRA, Luís Gomes. *Erário Mineral*. Organizado por Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002. 821 p., 2 v. il. (Coleção Mineiriana, Série Clássicos). p. 107-150.

APÊNDICE A - Nomenclatura

Apresenta-se neste apêndice a nomenclatura do “Vocabulário da farmacopeia nas Minas Gerais do Brasil Colonial”, isto é, a sequência de unidades lexicais selecionadas denominadas “entradas”. Tais unidades encontram-se dispostas verticalmente, enumeradas e em ordem alfabética, de acordo com a grafia atual.

1. abóbora
2. abóbora d'água
3. abrótea
4. absorvente
5. abútua
6. açafão
7. aço
8. açúcar
9. açúcar branco
10. açúcar de chumbo
11. açúcar fino
12. açúcar rosado
13. açúcar-cândi
14. açucena
15. agárico
16. agraço
17. agrimônia
18. água
19. água aluminosa
20. água anti-hidrópica
21. água benedicta
22. água cordial
23. água da Rainha de Hungria
24. água de agresta
25. água de almeirão
26. água de azougue
27. água de beldroega
28. água de borragem
29. água de cal virgem
30. água de canela
31. água de capeba
32. água de cardo-santo
33. água de cerejas negras
34. água de cevada
35. água de chá
36. água de chicória
37. água de chuva
38. água de cisterna
39. água de erva-cidreira
40. água de escorcioneira
41. água de esperma ranarum
42. água de flor
43. água de flor de chicória
44. água de flor de fava
45. água de flor de laranja
46. água de flor de sabugo

47. água de fonte
48. água de goma-arábica
49. água de Inglaterra
50. água de malva
51. água de manjerona
52. água de papoula
53. água de poejo
54. água de raiz de capeba
55. água de raiz de salsa
56. água de ruibarbo
57. água de salsa
58. água de tanchagem
59. água de urtiga
60. água destilada
61. água do francês
62. água do mar
63. água doce
64. água engrossante
65. água essencial
66. água ferrada
67. água forte
68. água frescada
69. água mercurial
70. água rosada
71. água salgada
72. água serpentina
73. água triacal
74. água vitriolada
75. água-mel
76. aguardente
77. aguardente canforada
78. aguardente de cana
79. aguardente do reino
80. aguardente fina
81. água-ruça
82. agulha canulada
83. agulha de cirurgia
84. aipo
85. ajuda
86. ajuda emoliente
87. ajuda purgativa
88. ajuda substancial
89. alambre
90. alçaçuz
91. alcanfor
92. alcaparra
93. alcaravia
94. alcatira
95. álcool de carne de víbora
96. alecrim
97. alegre
98. alexifármaco
99. alfavaca
100. alfavaca-de-cobra
101. alfazema

102. alfinete
103. alforva
104. algália
105. algodão
106. algodão de cheiro
107. alho
108. alho-porro
109. aliária
110. aljôfar
111. almécega
112. almeirão
113. almeirão silvestre
114. almíscar
115. almofadinha
116. alteia
117. alva de cão
118. alvaiade
119. âmbar
120. ameixa
121. amêndoa
122. amêndoa amarga
123. amêndoa doce
124. amendoada
125. amolada
126. amora
127. angelim
128. anil
129. anódino
130. anterino
131. antídoto
132. antimônio
133. antimônio diaforético
134. antimônio diaforético marcial
135. apósito
136. apostemeiro
137. apózema
138. arcano
139. aristolóquia
140. aromático rosado
141. arrobe
142. arroz de telhado
143. arruda
144. artemísia
145. aspargo
146. assa-fétida
147. atadura
148. atadura expulsiva
149. atadura forte
150. aveia
151. avenca
152. azebre
153. azebre hepático
154. azeda
155. azeite
156. azeite comum

157. azeite de carrapato
158. azeite de mamona
159. azeite doce
160. azeite rosado
161. azeitona
162. azougue
163. azougue vivo
164. baço de boi
165. baeta
166. bafo
167. baga de louro
168. bala
169. balaústa
170. bálsamo
171. bálsamo anódino
172. bálsamo católico
173. bálsamo de aparício
174. bálsamo de copaíba
175. bálsamo de enxofre
176. bálsamo lucatel
177. bálsamo peruviano
178. bálsamo *proprietatis*
179. bálsamo sulfúreo terebintinado
180. banana de São Tomé
181. banha
182. banho
183. bardana
184. batata
185. bazar
186. bdélio
187. bebida
188. bebida continuada
189. bebida corroborante
190. bebida vulnerária
191. beldroega
192. belide
193. belis do prado
194. benjoim
195. betônica
196. bezoártico
197. bezoártico de curvo
198. bezoártico jovial
199. bezoártico potável
200. bezoártico verdadeiro
201. bicho-de-conta
202. bicuíba
203. bisma
204. bochecha
205. bola
206. bolinha
207. bolo
208. bolo-armênio
209. bolsa
210. borragem
211. bosta

212. botão
213. breu
214. briônia
215. bucha
216. cabaça
217. cabaço
218. cabelo
219. cachaça
220. cachaça-de-cabeça
221. cal
222. cal virgem
223. cal viva
224. calda de doce
225. caldas
226. caldo de cana
227. caldo de frango
228. caldo de galinha
229. caldo de galo
230. calomelano
231. calomelano turquesco
232. camoeza
233. cana
234. cana-de-açúcar
235. canafístula
236. canela
237. cânfora
238. canivete
239. cansaço
240. cantárida
241. canudo
242. capão
243. caparrosa
244. caparrosa-branca
245. capeba
246. caracol
247. caraíba
248. caranguejo
249. cardamomo
250. cardo
251. cardo-santo
252. carimã
253. caroba
254. caroba-do-campo
255. carrapato
256. carrapicho
257. carurú-de-espinho
258. casca de ostra
259. casca de ovo
260. casco de cabaço
261. casquinha
262. castóreo
263. cataplasma
264. cato
265. cáustico
266. cautério

267. cebola
268. cebola-branca
269. cedro
270. cenrada
271. centáurea-menor
272. centeio
273. cera
274. cera bela
275. cera branca
276. cera da terra
277. cera nova
278. cera preta
279. cera verde
280. cera virgem
281. cereja
282. cereja negra
283. ceroto
284. cerusa
285. cevada
286. chá
287. cheirador
288. cheiroso
289. chicória
290. chocolate
291. chumaço
292. chumbo queimado
293. cidra
294. cinábrio
295. cinamomo
296. cinza
297. cipó
298. cipreste
299. círculo
300. cirurgia
301. clara
302. coalho de lebre
303. cocleária
304. coentro
305. colírio
306. colírio branco
307. colírio de milagre
308. coloquintida
309. cominho
310. compressão
311. confeição
312. confortante
313. confortativo
314. conserva pérsica
315. contra-erva
316. contraveneno
317. copaíba
318. coral
319. coral-rubro
320. coral-vermelho
321. cordial

322. corindiúba
323. coroa-de-rei
324. costura
325. couve
326. couve-branca
327. couve-verde
328. couve-vermelha
329. cozimento
330. craveiro
331. cravo
332. cravo-da-índia
333. cremor de tártaro
334. cristal
335. cristal mineral
336. cubeba
337. cumari
338. cura
339. defumadouro
340. dente de porco barrasco
341. descoagulante
342. desobstruente
343. dessecante
344. diaforético
345. diagrídio
346. dialtéa
347. diamusco doce
348. diapalmo
349. diaquilão
350. diascórdio
351. diatártaro
352. dieta
353. digestivo
354. dormideira
355. douradinha
356. eletuário
357. elixir
358. embaúba
359. emborcação
360. emoliente
361. emplastro
362. emplastro carminativo
363. emplastro confortativo
364. emplastro diapalma
365. emplastro diaquilão menor
366. emplastro estético de crólio
367. emplastro *filií zacharias*
368. emplastro goma elemi
369. emplastro *manus dei*
370. emplastro maturativo
371. emplastro *micapanis*
372. emplastro resolutivo
373. emplastro saturno
374. emulsão
375. encarnativo
376. engos

377. engrossante
378. enxofre
379. enxofre arsenical do solimão
380. enxofre terebintinado
381. enxofre virgem
382. enxúndia
383. epítima
384. erva
385. erva-capitão
386. erva-cidreira
387. erva-de-bicho
388. erva-de-santa-maria
389. erva-doce
390. erva-lombrigueira
391. erva-moura
392. erva-pulgueira
393. erva-sacra
394. erva-santa
395. escabiosa
396. escamônea
397. escorcioneira
398. escórdio
399. esmeralda
400. espargo
401. específico
402. *esperma ranarum*
403. espermacete
404. espicanardo
405. esterco
406. estoraque
407. eufórbio
408. eufórbio-real
409. exercício
410. farelo de milho grosso
411. farinha
412. farinha de arroz
413. farinha de centeio
414. farinha de cevada
415. farinha de fava
416. farinha de mandioca
417. farinha de trigo
418. farinha volátil
419. fava
420. fedegoso
421. fel
422. fel de boi
423. fel de enguia
424. fel de vaca
425. ferrado
426. ferro
427. ferrugem
428. fezes de ouro
429. figueira
430. filho
431. flor de enxofre

432. folha de ouro
433. fomentação
434. fragária
435. frango
436. fumaça
437. fumária
438. fumo
439. fumo-bravo
440. funcho
441. galanga
442. gálbano
443. galinha
444. galo
445. garapa
446. gargarejo
447. gargarejo dessecante
448. gargarejo refrigerante
449. geleia
450. gema
451. gema de ovo
452. genciana
453. gengibre
454. gergelim
455. gesso
456. gilbarbeira
457. gólfão
458. goma
459. goma amoníaca
460. goma elemi
461. goma gálbano
462. goma-arábica
463. gordura
464. grama
465. grão
466. grão-de-bico
467. heléboro
468. heléboro-negro
469. hematita
470. hermodátilo
471. hipericão
472. hissopo
473. hortaliça
474. hortelã
475. incenso
476. incenso-branco
477. incenso-macho
478. infusão
479. ipecacuanha
480. iva-artética
481. jaborandi
482. jacinto
483. jalapa
484. jenipapo
485. jequeri
486. juá

487. juá-bravo
488. jurubeba
489. lâ vidrosa
490. labaçã
491. lagartixa
492. lagarto
493. lagarto-negro
494. lambedor
495. lambedor violado
496. lanceta
497. laranja
498. laranja bical
499. laranja-azedã
500. láudano
501. láudano-líquido
502. láudano-opiado
503. lavagem
504. lavatório
505. lavatório dessecante
506. laxante
507. lechino
508. leite
509. leite coalhado
510. leite de água
511. leite de burra
512. leite de cabra
513. leite de mulher
514. leite de peito
515. leite de terebintina
516. leite de vaca
517. leite virginal
518. lenimento
519. licor
520. linho
521. ligadura
522. limão
523. limão-azedo
524. limão-galego
525. língua-de-vaca
526. linhaça
527. lírio
528. lírio-cardeno
529. lírio-roxo
530. litargírio de ouro
531. losna
532. maçã de anáfega
533. maçã de cipreste
534. macela
535. macis
536. madreperola
537. magistério
538. malagueta
539. mal-casada
540. malva
541. malvaísco

542. mamona
543. maná
544. mandrágora
545. manga
546. manjericão
547. manjerona
548. manteiga
549. manteiga de antimônio
550. *manus dei*
551. marcietão
552. marmelada
553. marmelo
554. massa
555. mastruço
556. mastruço-aquático
557. mastruço-verdadeiro
558. mata-pasto
559. maturativo
560. meimendro
561. mel
562. mel de jali
563. mel de jataí
564. mel de pau
565. mel de portugal
566. mel de tanque
567. mel puro
568. mel rosado
569. mel virgem
570. melado
571. melancia
572. melão
573. mentrasto
574. mercúrio
575. mercúrio doce
576. mercúrio sublimado
577. mezinha
578. milho
579. milho grosso
580. mil-homens
581. minhoca
582. mínio
583. miolo de pão
584. mirra
585. mirra vermelha
586. mitridato
587. molificativo
588. morcego
589. mostarda
590. mucilagem
591. múmia
592. mundificativo
593. murta
594. nata
595. nêveda
596. nitro

597. noz
598. noz-moscada
599. óleo
600. óleo anético
601. óleo de alambre
602. óleo de alcaparra
603. óleo de alecrim
604. óleo de almécega
605. óleo de amêndoa amargosa
606. óleo de amêndoa doce
607. óleo de aparício
608. óleo de arruda
609. óleo de canela
610. óleo de castóreo
611. óleo de copaíba
612. óleo de cravo
613. óleo de dormideira
614. óleo de enxofre
615. óleo de escorpião
616. óleo de gema de ovo
617. óleo de hipericão
618. óleo de linhaça
619. óleo de lírio
620. óleo de macela
621. óleo de ouro
622. óleo de sabugo
623. óleo de semente de nabo
624. óleo de tártaro
625. óleo de terebintina
626. óleo humano
627. óleo laxativo
628. óleo rosado
629. óleo rosado onfacino
630. óleo violado
631. olho de caranguejo
632. olíbano
633. operação
634. ópio
635. opopânace
636. orégano
637. orelha-de-onça
638. ostra
639. ouro
640. ouro diaforético
641. ouro diagrídio sulfurado
642. ovo
643. ovo de formiga
644. oximel
645. oxirrodino
646. palha
647. pão
648. pão alvo
649. pão branco
650. pão torrado
651. papa

- 652. papa maturativa
- 653. papoula
- 654. papoula-vermelha
- 655. parche
- 656. parietária
- 657. pariparoba
- 658. parreira
- 659. parreira-brava
- 660. pasta
- 661. pasta de algodão
- 662. pasta de chumbo
- 663. pastilha
- 664. pato
- 665. pau-de-sassafrás
- 666. pau-santo
- 667. pedra
- 668. pedra calaminar
- 669. pedra candar
- 670. pedra cordial
- 671. pedra de cevar
- 672. pedra de mombaça
- 673. pedra de sal
- 674. pedra quadrada
- 675. pedra-lipes
- 676. pedra-pomes
- 677. pedra-ume
- 678. peitoral
- 679. pele
- 680. pena
- 681. pepe
- 682. pés colombinos pl.
- 683. pevide
- 684. pez
- 685. picão
- 686. pílula
- 687. pílula capital
- 688. pílula *lucis*
- 689. pílula mesentérica de lemeri
- 690. pimenta
- 691. pimenta-do-reino
- 692. pimenta-longa
- 693. pimenta-malagueta
- 694. pimenta-negra
- 695. pimentão
- 696. pimpinela
- 697. pinça
- 698. pinhão
- 699. pipoca
- 700. pó
- 701. pó católico
- 702. pó composto
- 703. pó confortante
- 704. pó cornaquino
- 705. pó dessecante
- 706. pó restitivo

- 707. pó simpático
- 708. pó simples
- 709. pó sutil
- 710. poaia
- 711. poejo
- 712. polme
- 713. pólvora
- 714. ponta de veado
- 715. posca
- 716. pragana
- 717. preparante
- 718. purga
- 719. purga branda
- 720. purga capital
- 721. purga solutiva
- 722. purga universal
- 723. purgação
- 724. queijo
- 725. quina
- 726. quinquina
- 727. quintilho
- 728. rã
- 729. rábão
- 730. raiz da china
- 731. rapadura
- 732. raspadura
- 733. rato
- 734. redenho
- 735. regimento
- 736. remédio interno
- 737. remédio tópico
- 738. resina
- 739. resolutivo
- 740. restaurativo
- 741. rom
- 742. romã
- 743. romã azeda
- 744. rosa
- 745. rosmaninho
- 746. *rubia tinctorum*
- 747. ruibarbo
- 748. sabão
- 749. sabugo
- 750. sal
- 751. sal acre
- 752. sal amoníaco
- 753. sal catártico
- 754. sal de chumbo
- 755. sal de engos
- 756. sal de losna
- 757. sal de tártaro
- 758. sal do reino
- 759. sal prunel
- 760. sal volátil
- 761. salitre

- 762. salitre da índia
- 763. saliva
- 764. salsa
- 765. salsaparrilha
- 766. sálvia
- 767. samambaia
- 768. sândalo
- 769. sândalo branco
- 770. sândalo vermelho
- 771. sangria
- 772. sangue
- 773. sangue mensal
- 774. sangue menstrual
- 775. sangue-de-drago
- 776. sapé
- 777. sapo
- 778. saquinho
- 779. sardinha
- 780. sarja
- 781. sarjadura
- 782. sarro
- 783. sassafrás
- 784. sassafrás verdadeiro
- 785. sebo
- 786. sedenho
- 787. semente de alexandria
- 788. semente fria
- 789. sene
- 790. seringa
- 791. serralha
- 792. solimão
- 793. sopa de vinho
- 794. soro
- 795. sudorífico
- 796. *sulphur tartari*
- 797. sumo
- 798. sumo verde
- 799. sumo-bravo
- 800. tabaco
- 801. tabaco de fumo
- 802. tala
- 803. tâmara
- 804. tanchagem
- 805. tapioca
- 806. tártaro
- 807. tártaro emético
- 808. tártaro vitriolado
- 809. temperante
- 810. tenta
- 811. tepe
- 812. terebintina
- 813. terebintina de veneza
- 814. terebintina fina
- 815. terebintina lavada
- 816. terra

817. terra de sepultura
818. terra *lemnia*
819. terra *sigillata*
820. tincal
821. tincal veneziano
822. tinta nanquim
823. tintura
824. tintura de castóreo
825. tintura de ferro
826. tintura de papoula
827. tintura de tártaro
828. tintura martis
829. tisana
830. tisana de madame focquet
831. topázio
832. tormentilha
833. tremoço
834. trevo-cheiroso
835. triaga
836. triaga brasílica
837. triaga cordial
838. triaga de esmeralda
839. triaga de múmia
840. triaga magna
841. tripoeirana (?)
842. trocisco
843. trocisco de alaandal
844. trocisco de cânfora
845. trocisco de fioravanto
846. trocisco *vitae*
847. trovisco
848. tutano de vaca
849. tutia
850. unguento
851. unguento basilicão
852. unguento basilicão amarelo
853. unguento basilicão preto
854. unguento branco
855. unguento branco alcanforado
856. unguento de encourar
857. unguento desopilativo
858. unguento egipcíaco
859. unguento *geminis*
860. unguento molificativo
861. unguento peitoral
862. unguento populão
863. unguento rosado
864. unha de burro
865. unha de grão besta
866. unha-de-cavalo
867. unha-de-vaca-preta
868. unicórnio
869. unto
870. untura
871. urgebão

- 872. urina
- 873. urtiga
- 874. urtiga-morta
- 875. urucum
- 876. uva
- 877. uva-de-cão
- 878. vela
- 879. velame
- 880. velinha
- 881. ventosa
- 882. verbena
- 883. verdete
- 884. verdugo
- 885. verniz
- 886. víbora
- 887. vide
- 888. vinagre
- 889. vinagre branco
- 890. vinagre de arruda
- 891. vinagre destemperado
- 892. vinagre esquilítico
- 893. vinagre forte
- 894. vinagre rosado
- 895. vinagre tinto
- 896. vinho
- 897. vinho branco
- 898. vinho de malvasia
- 899. vinho tinto
- 900. viola
- 901. visco
- 902. vitríolo
- 903. vomitório
- 904. vulnerário
- 905. xadrez
- 906. xarope
- 907. xarope áureo
- 908. xarope de nicolau
- 909. xarope emético
- 910. xarope laxante
- 911. xarope peitoral
- 912. xarope pérsico
- 913. xarope preparante
- 914. xarope rei
- 915. xarope rosado

APÊNDICE B – Índice alfabético

Este apêndice refere-se ao índice alfabético das unidades lexicais de especialidade definidas para o protótipo do “Vocabulário da farmacopeia nas Minas Gerais do Brasil Colonial”, e que se encontram na seção quarta deste trabalho.

| | |
|--------------------|-----|
| abóbora d'água | 100 |
| abrótea | 101 |
| abútua | 101 |
| açafrão | 101 |
| açucena | 101 |
| agrimônia | 102 |
| aipo | 102 |
| alcaçuz | 102 |
| alcaparra | 102 |
| alcaravia | 103 |
| alcatira | 103 |
| alecrim | 103 |
| alfavaca | 103 |
| alfavaca-de-cobra | 104 |
| alfazema | 104 |
| alforva | 104 |
| algodão | 104 |
| alho | 105 |
| alho-porro | 105 |
| aliária | 105 |
| almeirão | 105 |
| almeirão-silvestre | 105 |
| alteia | 106 |
| angelim | 106 |
| anterino | 106 |
| aristolóquia | 106 |
| arroz-de-telhado | 106 |
| arruda | 107 |
| artemísia | 107 |
| aspargo | 107 |
| aveia | 107 |
| avenca | 108 |
| azedada | 108 |